

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**VILSO JUNIOR CHIERENTIN SANTI**

**MEDIAÇÃO E MEDIATIZAÇÃO:**

**CONEXÕES E DESCONEXÕES NA ANÁLISE DO COMUNICACIONAL**

**Porto Alegre**

**2013**

**VILSO JUNIOR CHIERENTIN SANTI**

**MEDIAÇÃO E MEDIATIZAÇÃO:  
CONEXÕES E DESCONEXÕES NA ANÁLISE DO COMUNICACIONAL**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Orientadora:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Escosteguy**

**Porto Alegre**

**2013**

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S235m Santi, Vilso Junior Chierentin  
Mediação e midiatização: conexões e desconexões na  
análise do comunicacional / Vilso Junior Chierentin Santi. –  
Porto Alegre, 2013.  
211 f.

Tese (Doutorado em Comunicação) Programa de Pós  
Graduação – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS.  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Carolina Escosteguy.

1. Mediações. 2. Midiatização. 3. Teoria da Comunicação.  
I. Escosteguy, Ana Carolina. II. Título.

CDD 301.14

**Aline M. Debastiani**  
**Bibliotecária - CRB 10/2199**

**VILSO JUNIOR CHIERENTIN SANTI**

**MEDIAÇÃO E MEDIATIZAÇÃO:  
CONEXÕES E DESCONEXÕES NA ANÁLISE DO COMUNICACIONAL**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Aprovada em 25 de março de 2013.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre - UNISINOS**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ângela Cristina Trevisan Felippi - UNISC**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello - UFSM**

---

**Prof. Dr. Juremir Machado da Silva - PUCRS**

**Dedico com amor este trabalho a**  
**Vilso e Meri;**  
**Cristiana, Fabiana, Jeferson e Heloíse;**  
**Stéfani, Otávio, Cristian e Antony;**  
**Josiane.**

## AGRADEÇO

Àqueles que me puseram no caminho –  
o seu Vilso e a dona Mery, meus pais.

Àqueles que sempre compartilharam comigo o caminho –  
a Cristiana, a Fabiana, o Jeferson e a Heloíse, meus irmãos.

Àqueles que chegaram por último no caminho –  
aStéfani, o Otávio, o Cristian e o Antony, meus sobrinhos.

Àqueles que lutaram e lutam comigo no caminho –  
no CAFW, na Emater, no MST, na UCPel, na Cultivar, na UFSM, no Inter e na PUCRS.

Àqueles que me desorientaram no caminho –  
em especial minha amada companheira Josiane Canterle.

Àqueles que me orientaram no caminho –  
Fábio Souza da Cruz, Márcia Franz Amaral, Isabel Ferin Cunha e,  
especialmente, Ana Carolina Escosteguy.

Àqueles que me deram apoio financeiro no caminho –  
meu pai, a CAPES – PROSUP/PDSE e a PUCRS.

Àqueles com quem cruzei no caminho –  
meus amigos, meus mestres, meus colegas, meus amores.

E, por último...

Àquele que dizem que criou tudo, inclusive o caminho –  
Deus.

**O dogma é inatacável pela experiência.**

**A teoria científica é biodegradável.**

(MORIN, 2005, p.23)

**O que eu fiz é muito pouco,  
mas é meu e vai comigo.**

*(Quando eu for eu vou sem pena, Chico Buarque de Holanda)*

## RESUMO

SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Mediação e Mídiação**: conexões e desconexões na análise do comunicacional. Porto Alegre: PUCRS, 2013.

O trabalho avalia os construtos teóricos das Mediações e da Mídiação, mira os seus modelos conceituais e questiona em que medida os seus postulados ainda têm validade para o estudo do comunicacional. Pergunta o que há de particular nessas armações, qual seu grau de similitude/disparidade e quais suas contribuições à problematização do comunicativo. Faz uma análise exploratória desses pressupostos, historiciza-os no entorno de três eixos temáticos – comunicação, cultura e tecnologia – e, através de uma aproximação comparativa, reaprecia esses postulados. Neste trajeto deixa evidente que é a própria forma de encarar tecnologia, cultura e comunicação o que há de mais peculiar nas armações; que elas re-centram o debate do comunicativo; e, que em seus construtos há mais conexões do que se pode presumir *a priori*.

**Palavras-chave:** Mediações. Mídiação. Teoria da Comunicação.

## **ABSTRACT**

SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Mediation and Mediatization**: connections and disconnections in the communication analysis. Porto Alegre: PUCRS, 2013.

This thesis analyses the theoretical constructions of Mediation and Mediatization, aiming at its conceptual models and questioning in which measure its ideas are still valuable for the study of communication. It questions what is particular about such frames, to what degree are they similar or different and what are their contributions to the problems of communication. We make an exploratory analysis of these suppositions, placing them on its historical background, and propose their enclosing into three thematic axis of discussion – communications, culture and technology – and through a comparative approach, we analyze these constructions. This path shows us that what is most peculiar in these frames are the very way of approaching technology, culture and communication; and that they have even more connections as it may seem primarily.

**Key words:** Mediation. Mediatization. Communication Theory.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1     TEORIA DAS MEDIAÇÕES .....</b>	<b>22</b>
<b>1.1   Mediações, o que é? .....</b>	<b>25</b>
<b>1.2   Tipos de Mediação .....</b>	<b>30</b>
<b>1.3   Eixos Temáticos .....</b>	<b>51</b>
<b>1.3.1   Comunicação .....</b>	<b>52</b>
<b>1.3.2   Cultura .....</b>	<b>61</b>
<b>1.3.3   Tecnologia .....</b>	<b>73</b>
<b>2     TEORIA DA MUDIATIZAÇÃO .....</b>	<b>83</b>
<b>2.1   Midiatização, o que é? .....</b>	<b>87</b>
<b>2.1.1   Midiatização de 1ª ordem .....</b>	<b>88</b>
<b>2.1.2   Midiatização de 2ª ordem .....</b>	<b>95</b>
<b>2.1.3   Midiatização de 3ª ordem .....</b>	<b>102</b>
<b>2.2   Eixos Temáticos .....</b>	<b>116</b>
<b>2.2.1   Comunicação .....</b>	<b>117</b>
<b>2.2.2   Cultura .....</b>	<b>135</b>
<b>2.2.3   Tecnologia .....</b>	<b>146</b>
<b>3     MAPA COMPARATIVO DAS ARMAÇÕES .....</b>	<b>156</b>
<b>3.1   Cartograma MED/MID .....</b>	<b>157</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>185</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>203</b>

## INTRODUÇÃO

Nosso trabalho, aos moldes de Feyerabend (1993, p.11), tenta “sustentar uma tese” e dela extrair suas consequências – “formar seu destino” (SILVA, 2010, p.22). Nele, Mediações (MED) e Mídiação (MID), dois corpos teóricos desenvolvidos no século de inserção definitiva dos sistemas midiáticos na vida cotidiana – o século XX – são tomados como construtos, como armações, como formas de conhecimento, como modalidades distintas de análise do comunicacional.<sup>1</sup>

A pesquisa, no âmbito do pensamento comunicacional, visa a analisar tais construtos. Pretende aclarar seus modelos conceituais, suas conexões/desconexões e suas implicações nas discussões acerca do comunicativo. O trabalho não almeja, portanto, descobrir novos tipos de fenômenos e/ou inventar uma nova teoria, mas contribuir para o melhor acabamento (teórico-metodológico) de duas armações amplamente utilizadas no estudo dos fenômenos comunicacionais – auxiliar na sua clarificação, na eliminação de suas zonas de sombra.

Nosso objetivo, desta forma, não é discutir (de maneira direta) o estudo dos processos de comunicação, mas pôr em discussão os postulados de dois dos construtos que pretendem dar conta do estudo dos fenômenos/processos comunicativos – as Mediações e a Mídiação.

As perguntas norteadoras da presente pesquisa são as que seguem: o que há de particular nos construtos MED/MID? Qual é o grau de similitude/diversidade entre seus modelos conceituais? Qual a medida das dissonâncias/convergências, conexões/desconexões entre suas armações? E, quais suas contribuições efetivas para a análise do comunicacional?

---

<sup>1</sup> MED e MID (recurso gráfico de síntese) são utilizados ao longo do relato para identificar respectivamente os corpos teóricos das Mediações e da Mídiação.

Este trabalho, admitimos de antemão, emerge de uma trama de questões turvas que ainda envolvem o pensamento comunicacional. Os problemas nele aventados são resultantes do conflito entre expectativas e observações – repousam sobre as faltas, sobre o não atendimento dos anseios patrocinados pelas armações das Mediações e da Mídiatização; e também sobre a constatação de que os resultados isolados apresentados por ambos os construtos não são suficientes à problematização integral do comunicativo. Fica claro desse modo que, neste caso, os construtos (as armações MED/MID) e seus modelos conceituais são o problema. Ambos materializam duas formas relevantes de abordagem do comunicacional e, embora apresentem afinidades teóricas, também preservam diferenças. São, portanto, essas conexões/desconexões, afinidades/diferenças que aqui nos interessam.

O contexto justificador da presente proposição é composto, por sua vez, pelos seguintes elementos: está relacionado ao questionamento cada vez mais intenso das coleções organizativas dos sistemas tradicionais de inquérito (da sua lógica de desenvolvimento e da insuficiência de suas matrizes) e à impressão de crise nos modelos explicativos que esse tensionamento provoca. A defasagem (epistemológica) recorrente entre o estudo/teorização dos processos comunicacionais e os processos/práticas de comunicação propriamente ditos; as concepções fragmentárias e instrumentais que ainda contaminam os modelos analíticos do comunicacional; e a incompletude das molduras teórico-metodológicas movimentadas para o seu estudo também atestam a pertinência da presente proposta.

Completam ainda a moldura que abona o trabalho a proeminente exigência de tratamento do comunicativo de modo mais global; a inexistência de trabalhos que recolham e organizem as contribuições das teorias das Mediações e da Mídiatização na problematização do comunicacional; a necessidade de discussão da difusão dos referenciais bibliográficos que tematizam ambas as armações (junto com a omissão de determinadas fontes constituidoras); e o mal-entendido de alguns dos seus postulados.

Creemos que apreender este instável tecer/re-tecer da rede explicativa apadrinhada pelas teorias MED/MID é, portanto, elemento chave para o entendimento do comunicativo em nosso tempo – já que também nele os construtos estão relacionados (para além do estabelecimento das problemáticas tratadas) à configuração do próprio aparato de tratamento –, constatação que igualmente justifica a presente incursão.

Também por isso, diante dessas incertezas, é que apostamos na formulação de hipóteses capazes (neste trabalho) de configurar uma área de contato entre as considerações oriundas de uma (Mediação) ou de outra concepção (Midiatização). A importância dessas formulações advém, assim, dos seus indicativos potenciais, da sua capacidade em apontar direções possíveis para o nosso inquérito.

As apostas hipotéticas da presente investigação partem, neste sentido, da noção de que a discussão dos construtos teórico-metodológicos das Mediações e da Midiatização é pertinente à atualização dos estudos acerca do comunicacional; de que há em seus modelos conceituais espaços para reelaboração/refinamento; e de que hoje tais armações expressam mais e menos do que aquilo postulado em suas concepções originais. Em outras palavras: desconfiamos do sentido evidente das referidas armações e supomos que possa haver mais na MED/MID do que à primeira vista estes construtos permitem vislumbrar.

Buscando aclarar tais dúvidas ou questionamentos, escolhemos para integrar o *corpus* de análise de nossa pesquisa escritos/autores que são considerados expoentes teóricos desses estudos no Brasil. Esta observação não significa, porém, que atribuímos a eles a exclusividade da discussão, mas que, no contexto deste trabalho, foram fundamentalmente suas formulações/reflexões que suscitaram e sustentam a abordagem.

Desses autores tomamos textos referenciais registrados em declarações escritas – artigos, ensaios, coletâneas, livros etc. Tais obras dão testemunho de um resultado mais ou menos estável acerca das construções teóricas MED/MID, mas

obviamente não estabelecem nossa tese. Elas apenas a tornam plausível e emprestam contornos mais nítidos ao seu modelo de acesso – o que pode ajudar na posterior consolidação ou questionamento de sua empresa.

No que se refere às Mediações, o texto fundador de Jesús Martín-Barbero, *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*, publicado originalmente em 1987 e aqui utilizado em sua versão brasileira de 2009,<sup>2</sup> funcionou como ponto de partida. Suportaram ainda a análise do referido construto os escritos de Maldonado (1999)<sup>3</sup>, de Escosteguy (2001)<sup>4</sup> e de Lopes; Boreli & Resende (2002)<sup>5</sup>, que manejam com a produção barberiana até o final da década de 1990. E também os principais textos do próprio Martín-Barbero que tematizam as Mediações na última década.

Já, no construto da Mídiação, deram suporte à análise, além do texto primeiro *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*, publicado em 2002 por Muniz Sodré de Araújo Cabral<sup>6</sup>, as obras coletivas organizadas por Fausto Neto *et al.* em 2008<sup>7</sup> e 2010<sup>8</sup>. E, mais alguns dos desenvolvimentos principais acerca da temática divulgados ao longo dos anos 2000.

---

<sup>2</sup> MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. Versão em inglês publicada em 1993 pela Sage Publications de Londres, e versão em francês publicada em 2002 pela CNRS Éditions de Paris.

<sup>3</sup> MALDONADO, Alberto Efendy. **Pesquisa teórica em comunicação na América Latina**: estudo de três casos relevantes: Verón, Mattelart e Martín-Barbero. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), São Paulo: ECA-USP, 1999.

<sup>4</sup> ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

<sup>5</sup> LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

<sup>6</sup> MUNIZ SODRÉ. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>7</sup> FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* (Orgs.). **Mídiação e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

<sup>8</sup> FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* (Orgs.). **Mídiação e processos sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

Fica claro, desta forma, que no ponto de vista das Mediações a obra de Martín-Barbero nos conveio como fonte maior de exploração, pois o autor é reconhecidamente figura central no desenvolvimento desse pensamento. Já, no ponto de vista da Mídiatização, devido ao seu célebre esforço de cercamento da problemática, foram os trabalhos de Muniz Sodré e de Fausto Neto aqueles tomados como basilares.

Adotamos tais escritos enquanto firmadores das armações teóricas das Mediações e da Mídiatização no Brasil. Não estamos solicitando, com isso, que se atribua a tal corpo de textos a origem desses construtos. Temos presente que outros pensadores, em outros contextos, e até mesmo antes (no tempo cronológico), manipularam tais ideias ou assim nomearam fenômenos diversos acerca do comunicacional. Martín Serrano, por exemplo, já falava de *Mediación social* em 1977<sup>9</sup> e autores como Mazzoleni & Schulz (1999)<sup>10</sup>, Schulz (2004)<sup>11</sup>, Hepp *et al.* (2008)<sup>12</sup>, Hjarvard (2008)<sup>13</sup>, Strömbäck (2008)<sup>14</sup> e Lundby (2009)<sup>15</sup> têm vasta produção acerca do termo *Mediatization*.

É também por isso que, na tentativa de compor uma narrativa mais plural, incorporamos à presente discussão trabalhos/autores outros, os quais, sistematicamente, aparecem ao longo do relato. Sabemos de antemão que algumas das vozes exibidas estão posicionadas (geográfica e teoricamente) em lugares

---

<sup>9</sup> MARTÍN SERRANO, Manuel. **La mediación social**. Madrid: Akal, 2008.

<sup>10</sup> MAZZOLENI, Gianpietro; SCHULZ, Winfried. **Mediatization of politics: a challenge for democracy?** *Political Communication*, 16(3), 247-261, 1999. Philadelphia: Taylor & Francis.

<sup>11</sup> SCHULZ, Winfried. **Reconstructing Mediatization as an Analytical Concept**. *European Journal of Communication*, 2004, Vol. 19(1): 87-101. London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage Publications.

<sup>12</sup> HEPP, Andreas; *et al.* (Eds.). **Connectivity, Networks and Flows: Conceptualizing Contemporary**. New York: Hampton Press, 2008.

<sup>13</sup> HJARVARD, Stig. **The mediatization of society: a theory of the media as agents of social and cultural change**. *Nordicom Review* 29 (2008) 2, pp. 105-134, Göteborg: University of Göteborg.

<sup>14</sup> STRÖMBÄCK, Jesper. **Four phases of mediatization: an analysis of the mediatization of politics**. *International Journal of Press/Politics*, 13, 228-246, 2008. London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage Publications.

<sup>15</sup> LUNDBY, Knut. (Ed.). **Mediatization: concept, changes, consequences**. New York: Peter Lang, 2009.

distintos, mas acreditamos que isto não as impede de estabelecer as interlocuções que almejamos ou que propusemos.

Assim, para criar as condições ideais a essas interlocuções, tentamos aqui não repetir fórmulas, nem simplesmente aplicá-las/reaplicá-las como aprendiz de feiticeiro. Ao contrário, nosso método de trabalho e seus preceitos (sua linha filosófica, suas estratégias de coleta e forma de análise das evidências) têm a ver antes com certo tipo de experimentação teórico-metodológica, a qual nos ajudou a problematizar os construtos teóricos da MED/MID através dos subsídios fornecidos pelas próprias armações.

Metodologia aqui, portanto, diz respeito a um caminho percorrido na busca das respostas. E, se metodologia é caminho, não podemos descrevê-la sem antes caminhar. Percorremos, primeiro, depois relatamos o trajeto. Foi assim que procedemos. O percurso que adotamos, aos moldes do que recomenda Silva (2010, p.14-34), implicou estranhar (sair de nós mesmos) – abrir mão de nossos pré-conceitos acerca das MED/MID; entranhar (entrar noutra universo) – a fim de compreender esses construtos mergulhando no seu mundo; e desentranhar – sair desse universo outro retornando ao nosso mundo de forma dialógica.

Tal itinerário, junto com sua matriz de averiguação, foi semeado sobre o solo exposto por uma prévia análise exploratória, emergiu por entre as brechas da historicização e acerca dos eixos temáticos que propomos, e ganhou corpo com a aproximação comparativa entre os construtos da Mediação e da Mídiação que realizamos.

A análise exploratória, anterior à proposição da presente articulação, esteve relacionada a um esforço primeiro de acesso e catalogação dos estudos que no Brasil têm as discussões MED/MID como problemática central. Nela, inspirados em Duarte (2007), utilizamos a revisão de literatura como técnica de investigação e os seguintes indicadores descritivos como instrumentos de observação: quem é o autor e a quem se dirige; como entende e desde onde estuda a comunicação; quais

suas propostas teórico-metodológicas; e quais os pontos críticos/criticáveis de sua abordagem.

Tal procedimento resultou na separação dos textos posteriormente manipulados; na identificação dos primeiros vasos comunicantes por entre os construtos; e no apontamento prévio de algumas de suas principais dissonâncias. Foi este recurso que nos permitiu vislumbrar que antes até se falava, mas pouco se conhecia das conexões/desconexões entre Mediações e Mídiação no estudo do comunicacional.

A historicização, segundo passo em nossa caminhada metodológica, serviu para recuperar retrospectivamente as matrizes teórico-metodológicas que formam as Mediações e a Mídiação; serviu para emprestar estrutura aos seus construtos; para torná-los visíveis e, assim, mais sugestivos. Tal operação, embora aqui não se apresente sua completa arqueologia, permitiu observar o desenvolvimento dessas armações; ilustrar seus movimentos de formulação/reformulação e acompanhar a sucessão gradual de suas transformações.

Este procedimento (a historicização) possibilitou desatar os construtos MED/MID de suas explicações mais tradicionais – desancorá-los – e ajudou na melhor observação dos seus conceitos e do lugar construído para eles em cada armação. Contribuiu também na caracterização da atmosfera (dos cenários) onde o pensamento acerca de tais linhas foi gestado.

Lançar mão desse recurso metodológico implicou, portanto, colocar entre parênteses as ideias que formaram a moldura ordenadora de ambas as armações e, ao mesmo tempo, escovar os conceitos manejados pelos construtos a fim de melhor revelar a sua essência – envolveu a tentativa de desenterrar estes júzcos dos seus enraizamentos (históricos e concretos).

Foi a historicização que nos permitiu desnaturalizar as designações Mediação e Mídiação e, assim, emprestar estatuto sistêmico às suas formulações. Foi ela também (a historicização) que nos ajudou a identificar os

eixos temáticos que propomos para o detalhamento das discussões. Comunicação, cultura e tecnologia passam, a partir daí, a funcionar como linhas reorganizadoras dos argumentos; como guias marcadores das conexões e desconexões, das convergências e divergências entre os construtos das Mediações e da Mídiação.

Em nossa cruzada metodológica realizamos ainda a aproximação comparativa entre as armações teórico-metodológicas MED/MID. Nesta etapa trabalhamos no desenho de um paralelo teórico, no esboço de um mapa relacional entre os modelos conceituais dos construtos pareados. Aqui, depois de desfilar tais armações com a historicização, a proposta foi voltar a fiá-las – construir uma narrativa outra como forma de estabelecer um novo tecido, um novo cartograma, acerca desses construtos. Esta re-fiação é, porém, um olhar ulterior que lançamos sobre a problemática a partir do nosso ponto de vista – um ponto de vista entremeado por tais armações e pelas práticas que elas convocam/tematizam.

Este fazer, em contraponto à etapa da historicização, teve caráter mais analítico e buscou, via comparação, realizar uma leitura transversal das concepções acerca das Mediações e da Mídiação. Ele implicou, portanto, reapreciar (impingir um novo apreço) os construtos manejados e rerepresentar (apresentar de novo) a matriz lógica de sua construção conceitual em um novo mapa.

Optamos por esse trajeto por acreditar que o pareamento entre construtos teóricos distintos (mas aproximáveis) como os da MED/MID é um caminho viável à sinalização de outras possibilidades de desvendamento, tão caras aos debates acerca do comunicacional; e, por crer que a aproximação comparativa destas formas de conhecimento pode auxiliar no desenvolvimento de um sistema outro de pensamento que melhor dê conta do comunicativo.

Nosso procedimento envolveu, portanto, uma estratégia específica: uma etapa de análise preliminar (exploratória); uma etapa de análise situada historicamente (historicização); um estágio de clarificação do entorno dos três eixos temáticos (comunicação; cultura e tecnologia); e outro momento de

confronto entre os dois pontos de vista admitidos como relevantes (aproximação comparativa).

Tal itinerário permitiu estender os construtos MED/MID ao seu limite e testar até que ponto eles dão conta daquilo que se propõe na tematização do comunicacional. Foi esta estratégia que, enfim, consentiu analisar por dentro a estrutura lógica desse corpo de conhecimentos, acompanhar parte da trajetória de seu desenvolvimento e inferir algumas projeções acerca das suas implicações na discussão do comunicativo.

Em outras palavras, a promessa desse empreendimento (se assim podemos qualificá-la) é ler em outra chave os debates acerca das Mediações e da Midiatização e, desta forma, emprestar maior nitidez à faixa de conhecimento apreensível pelo que neles há do comunicacional – jogar mais luz àquilo que foi feito, àquilo que estamos fazendo e àquilo que ainda precisamos fazer na problematização do comunicativo em nosso campo de estudos.

Acreditamos que esses procedimentos, e os juízos deles extraídos, respondem com eficiência aos propósitos desta pesquisa, e por isso deles lançamos mão. Porém, se este argumento não parecer suficiente, gostaríamos de lembrar que neste fazer também fomos levados a apostar e, nesta aposta, fomos obrigados a seguir nossa intuição. Por vezes foi apostando que avançamos. Na falta de convicções (não temos vergonha de admitir) nos lançamos à roleta e permitimos que nossas inclinações falassem – simplesmente por acreditar que sua fala poderia enriquecer a discussão.

Na presente construção tivemos, portanto, além de atuar como exploradores (habilidosos excursionadores por entre o desconhecido e o conhecido não reconhecido); como arqueólogos (habilidosos desenterradores/desentranhadores a escovar conceitos); e como cartógrafos (habilidosos mapeadores a fornecer quadros possíveis, mas fragmentários, de complexos territórios), de agir como jogadores profissionais e desenvolver nossa habilidade de cientificizar nossas apostas.

Nesta chave de leitura, no entanto, e por mais paradoxal que isto possa parecer, reconhecemos que há mais conexões entre Mediações e Mídiação do que se presume *a priori* ou em uma análise superficial. Nela percebemos, por exemplo, que muito da Mídiação já havia sido discutido pela armação das Mediações – se não em seu pensamento original, no seu trabalho de atualização – e, também, que muito das Mediações tinha correspondência nos debates do construto da Mídiação.

Por outro lado, parece claro que tais armações, mesmo convergindo em alguns pontos, ainda não conseguem superar as marcas que as separam enquanto modalidades distintas de análise do comunicacional. cremos, porém, que os indícios aqui apurados ajudam a firmar a ideia de que superar tal separação é caminho recomendável às investigações que prezam pela maturidade do pensamento comunicativo.

É óbvio, portanto, que algo sobra desse debate: sobra o sentido integral/integralizador na abordagem do comunicativo que tais armações buscam promover; o deslocamento centrífugo que elas patrocinam (dos meios às mediações/dos dispositivos às práticas); e o alerta à constante necessidade de atualização permanente dos construtos que aspiram a problematizar o comunicacional. Acreditamos assim que esta aproximação torna evidente uma série de consequências, confirma algumas suspeitas, rechaça outras, e contribui para a desconstrução de parte da mitologia erigida no entorno de certas posições e/ou conceitos relacionáveis a este debate.

Tais inferências podem ser apreciadas ao longo deste relato, o qual, para além deste périplo introdutório, conta ainda com mais três capítulos: nos dois primeiros (respectivamente intitulados *Teoria das Mediações* e *Teoria da Mídiação*) apresentamos os dados referentes à historicização (recuperação, demonstração; formulações, reformulações) dos construtos Mediação e Mídiação; e, também, a *corpora* dos eixos temáticos comunicação, cultura e tecnologia. No terceiro (chamado *Mapa Comparativo das Armações*), expomos o novo cartograma resultante do protocolo de aproximação entre estes construtos.

Este mapeamento nos permitiu enfim perceber que ambas as linhas de investigação operam entre lugares, através deles e de modo nada específico. Por isso, encontrar onde/como estudá-las não foi tarefa fácil. Foi, no entanto, pensando em problematizá-las em conjunto e de modo relacional que desenvolvemos a proposta de análise aqui trabalhada, a qual, a partir de agora, passamos a apresentar com maior riqueza de detalhes.

## 1 TEORIA DAS MEDIAÇÕES

Retomamos a armação das Mediações (MED) a fim de garimpar por entre os detritos temáticos trabalhados pelo construto o modelo conceitual de suas formulações. Nesta seção nosso objetivo é apresentar os elementos que dão forma às Mediações, a Teoria das Mediações, ao longo do seu desenvolvimento; recuperar as suas matrizes teórico-metodológicas; mostrar a estrutura do seu construto; indicar sua formulação/reformulação (historicizá-las e desancorá-las); e, também, reapresentar a discussão no entorno dos eixos temáticos que elencamos – comunicação, cultura e tecnologia.

Nesse sentido, trabalhamos na construção de uma abordagem que extrapola a reconstituição histórico-descritiva. Nossa intenção não é recuperar a etimologia dos termos do construto, mas antes tratar da sua temática conforme os preceitos cruciais do seu desenvolvimento. Esta seleção de ângulos, obviamente, leva em consideração o recorte particular de nosso trabalho e nos impinge prestar especial atenção ao modelo de análise do comunicativo que a relação comunicação, cultura e tecnologia estabelece.

Como frisamos, temos claro que o construto das Mediações não foi armado apenas por Martín-Barbero (2009) – autor referencial nesta problematização. Sua tomada enquanto teoria, armação e/ou construto é antes uma convenção de que aqui lançamos mão para falar de uma linha específica de investigação, de uma forma de abordagem teórico-metodológica particular, manejada na discussão do comunicativo.

As matrizes principais que constituem a Mediação, enquanto armação, construto ou linha de abordagem, advêm de uma variada gama de fontes, a maioria

delas derivada dos debates e de alguns dos autores mais proeminentes das Ciências Sociais<sup>16</sup>.

Teoria das Mediações designa, assim, um conjunto de constatações que, conforme o próprio Martín-Barbero (2009, p.258), empurra o foco de análise da comunicação “dos meios para as articulações entre práticas de comunicação e os movimentos da sociedade”, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade das matrizes culturais.

A discussão sobre as Mediações neste capítulo tem como localizador, no entanto, um recorte espaciotemporal específico – a América Latina pós década de 1980 e, como bem dissemos, segue os debates de um particular *corpus* de análise constituído por textos de Jesús Martín-Barbero (2009; etc.) e de autores como Maldonado (1999), Escosteguy (2001), Lopes; Boreli & Resende (2002). Tais escolhas, obviamente, acabam por valorizar as ponderações de um ponto de vista latino-americano (e brasileiro) sobre a questão, pois, armação daí originada se ligada a práticas próprias do latino continente, a uma súpula cultural particular, marcada por esta latinidade e por sua história de dominação e de conflitos – este lugar de ver é fundamental na reconstrução dos debates aqui proposta.

O comunicacional nesta discussão é elevado ao posto de lugar estratégico para se pensar a América Latina. Pois, as transformações que o atravessam (e também aquelas atravessadas por ele) aí são pensadas de maneira distinta e carregam marcas desta distinção – dependem da valorização do empírico e das práticas do cotidiano; indagam o desordenamento da cultura regional; questionam os processos de sua mediação e o âmbito da recepção/uso dos produtos culturais.

---

<sup>16</sup> Da Sociologia, por exemplo, as Mediações mobilizam as discussões de pensadores como Tocqueville, Le Bon, Tarde, Mill, Le Goff, Burke, Baudrillard, Bourdieu, Martín Serrano; do Pensamento Marxista e suas variantes como a Escola de Frankfurt, os escritos de Adorno, Gramsci, Althusser, Benjamim, Habermas e Morin; da Linguística e das várias Semiologias as postulações de Bakhtin, Saussure, Greimas, Barthes e Fabri; dos Estudos Culturais os debates de Thompson, Hoggart e Williams; da Filosofia as inferências de Ortega y Gasset, Spengler e Herder; da Fenomenologia os postulados de Hegel e Merleau-Ponty; da Antropologia os textos de Ginzburg e De Certeau; e da Hermenêutica as discussões de Ricoeur.

Conforme Maldonado (1999, p.239), esse ponto de partida é importante para compreender o refinamento teórico próprio que as Mediações assumem, junto com sua capacidade de propor novas linhas de pesquisa, “um novo campo de problemas” e “outra perspectiva de ação frente a estes problemas”.

Cabe ressaltar, porém, que esse debate, apesar de suas especificidades, está sintonizado com um contexto macro, traduz determinado momento histórico e tem a ver com certo movimento geral do pensamento comunicacional. Nele não estamos preocupados apenas com a formalização da armação das Mediações, nem com o seu fechamento. Buscamos antes atentar para as suas brechas, as suas lacunas, para assim tentar contribuir no pronunciamento de sua capacidade de explicação.

Para bem tratar da teoria das Mediações no presente trabalho é preciso, no entanto, não descartar as reflexões das teorias comunicacionais de referência e/ou tradicionais. Cremos também ser fundamental manter os olhos atentos, voltados para o construto da Mídiação, a fim de começar a perceber os seus distintos nuances, junto com seus pontos de contato/distensão.

É importante observar, contudo, que o ambiente explicativo aqui construído considera as inquietações geradas ao longo da pesquisa e apresenta suas resultantes de uma maneira extremamente sintética. Dela, obviamente, escapam muitos elementos. Isso, porém, ao invés de enfraquecer a armação, demonstra a riqueza de seus construtos e as possibilidades de discussão combinatória.

O debate que aqui apresentamos, portanto, é apenas uma das possibilidades – uma dentre tantas formas de tratamento possíveis/desejáveis – e considera apenas alguns nuances do construto das Mediações. Tais nuances, elaboradas em um âmbito mais amplo, aqui são trazidas para um estrato mais particular e detalhadas via os eixos temáticos (comunicação, cultura, tecnologia) que conduzem a análise. Como dissemos, estes eixos servem para subsidiar a compreensão do pensamento comunicacional que esta armação nomeia, em uma

operação que não pretende reduzir tais questões, mas autorizar sua melhor fundamentação.

### **1.1 Mediação, o que é?**

O presente trabalho indica que o conceito de Mediação é resultante de uma complexa arquitetura e não pode ser definido como algo límpido e com fronteiras claramente definidas. Dele podemos apontar apenas alguns nuances.<sup>17</sup>

Orozco Gómez (1994), por exemplo, ao trabalhar com a ideia de Mediação, além de Martín-Barbero (2009), cita ao menos mais três vias de problematização distintas do conceito, lastreadas nos postulados de Dênis McQuail (1983), para o qual a Mediação é sinônimo de filtro; de John Keltner (1987), que a toma como uma intervenção explícita entre sujeito e fragmento de informação; e de Martín Serrano (2008), que define Mediação como o resultado do controle social na produção do real para a audiência dos meios. O próprio Orozco Gómez (2001, p.23) também define Mediação não como um filtro, mas como “um processo estruturante que configura e orienta as interações e cujo resultado é o outorgamento de sentido”.

Porém, como bem dissemos, o que pretendemos marcar aqui com a ideia de Mediação, em sua acoplagem ao comunicativo e em acordo com Martín-Barbero (2009), é uma clara mudança de ponto de partida e de caminho nas análises comunicacionais. Tomamos então a Mediação enquanto armação teórico-metodológica que postula suspender a materialidade (tecnológica) dos meios para se investir na imaterialidade (cultural) dos mediadores. A Mediação, nestes termos, não pode ser analisada de forma deslocada das condições sociais (das

---

<sup>17</sup> Conforme Signates (2006), a expressão Mediações pode ter assim muitos significados, pois só na obra original de Martín-Barbero (2009) ela é citada 37 vezes em cinco sentidos diferentes: como construto ou categoria teórica; como discursividade específica; como estruturas, formas e práticas vinculatórias; como instituição ou local geográfico; e, como dispositivo de viabilização e legitimação da hegemonia.

condições sociais dos seus sujeitos). Ela trata de algo que ocorre entre o social e o individual, que ocorre entre o texto e o seu uso.

Sob a alcunha Mediação se reúne, portanto, uma rede complexa de características, uma trama, que diz respeito tanto a construções materiais quanto a elaborações simbólicas. Mediação nesse contexto é entendida como um espaço cultural de conexão (entre produção, texto e leitura, por exemplo). Como um espaço de acoplagem que permite captar as interações estabelecidas entre os agentes no processo comunicativo.

Em uma primeira aproximação, as Mediações tanto podem ser definidas como meio (literatura de cordel espanhola, por exemplo) e sujeito (vendedores da literatura de colportage) quanto caracterizadas como gênero (radioteatro) ou espaço (bairro). Os primeiros estudos acerca da telenovela, como mediação no processo de constituição do massivo, e da classe social (do gênero, da geração, da etnia, da família, do bairro, da cidade etc.) enquanto mediações para as diversas possibilidades de leitura ilustram a etapa inicial de caracterização da volátil ideia de Mediação.

Já, em um segundo momento da discussão, Martín-Barbero (2009) propõe a existência hipotética de três “lugares de mediação” preferenciais: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Nesta etapa a cotidianidade familiar toma como eixo a noção de socialização da experiência comunicacional cotidiana e adota a família (no seu dia a dia) como um dos espaços-chave de realização do comunicacional – como unidade básica de audiência.

Nesta fase, para Martín-Barbero (1999, p.06), a cotidianidade familiar, “âmbito de conflitos e de fortes tensões”, é um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram a possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações. Ronsini (2007, p.70), por sua vez, entende a cotidianidade familiar como “organização espacial e temporal do cotidiano em diferentes classes sociais”; como “*locus* da sociabilidade” entre os sujeitos a partir do qual são definidas as relações de poder.

Temporalidade social, por sua vez, preocupa-se com a conturbada relação entre o tempo produtivo e serializado do sistema social e o tempo repetitivo do cotidiano. Preocupa-se com as distintas formas de organização do tempo, conforme as quais os meios inscrevem o cotidiano no mercado. Aí são os meios (a televisão, por exemplo) que ligam ambos os tipos de tempo, colocando em contato o ritual e a rotina domésticos com o mercado. O tempo do meio trabalha assim com “a variação do idêntico”, conjugando “a descontinuidade do tempo do relato com a continuidade do tempo relatado” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p.09).

A competência cultural, por seu turno, é tomada enquanto estratégia de comunicabilidade e tem como eixo de discussão a apropriação. Ela está relacionada à presença/ausência de uma matriz cultural que influencia um modo de perceber, ler, usar os produtos culturais – diz respeito à matriz cultural que alimenta o reconhecimento. Por competência cultural podemos definir, em acordo com os pressupostos de Martín-Barbero, as formas de pensar, agir e sentir a experiência social – etnia, cultura regional e classe social são alguns de seus principais conformadores.

Em um terceiro momento e em outro lugar, Martín-Barbero (1990) propõe a transformação das hipóteses antes citadas em quatro dimensões das Mediações (as quais, para nós, também são lugares): a institucionalidade, a socialidade, a ritualidade e a tecnicidade. A institucionalidade pode ser entendida como aquela dimensão que excede a razão institucional da sociedade. A socialidade, por sua vez, diz respeito à trama negocial formada pelos sujeitos e pelos atores em suas lutas para redesenhar a ordem. A ritualidade tem a ver com as práticas sociais duradouras que necessitam de forma, ou seja, de uma rotina que regularize sua ocorrência. E a tecnicidade trata-se de um organizador perceptivo, que articula a inovação tecnológica à discursividade.

Nessa etapa da discussão, a concepção de Mediação passa a comportar aproximações analíticas mais concretas. Nela as matrizes culturais e os formatos industriais passam a ser vistos em articulação com as lógicas de produção (através dos movimentos de institucionalidade e da tecnicidade, respectivamente) e com as

competências de recepção (através dos movimentos concomitantes da socialidade e da ritualidade).

Por último, atentando à complexificação crescente da relação comunicação, cultura e tecnologia, Martín-Barbero (2004) propõe traçar outro mapa – um cartograma que materializa a passagem da discussão das Mediações socioculturais do comunicativo (das transformações que atravessam os mediadores socioculturais ao introduzirem novos sentidos ao social e novos usos sociais aos meios) para as Mediações comunicativas da cultura (para os lugares antropológicos da mutação cultural que introduzem espessura comunicacional ao social e reconfiguram as relações entre comunicação, cultura e tecnologia).

A partir dessa construção as Mediações podem, em definitivo, ser pensadas como “espaço entre”, como lugar, como dimensão e também como relação, como processo. A Mediação como “espaço entre” (como lugar ou dimensão) é constituída na trama tecida por determinada conjuntura histórica e pelas diferenças socioculturais que a marcam. Nessa linha de raciocínio, os lugares de Mediação podem ser tomados como “territórios de significação”, e as próprias Mediações como o “*locus*” do qual provêm as construções que delimitam e configuram a “materialidade do social” e a “expressividade do cultural”. Nesse construto o lugar é sempre um “lugar entre”. É um “espaço ocupado”; um “ponto de vista relacional”; uma posição determinada em um conjunto ou em um ambiente. O “*locus* onde o sentido se faz e se desfaz” – sítio que não é fixo, mas que pode ser fixado em um estrato para fins de análise (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.304).

O que essa discussão sugere é vislumbrar a problemática da comunicação a partir de um novo ângulo, desviando o olhar do aparato técnico, focando as análises no processo comunicacional e nas suas relações socioculturais. As Mediações, nessa linha, podem ser entendidas como os lugares que configuram os processos de recepção e de produção de sentidos; como espaços em que o indivíduo participa em seu cotidiano. Elas podem ser entendidas como espaço de articulação entre práticas (de comunicação) e as típicas movimentações da sociedade (os movimentos sociais).

Aí Mediações são o lugar a partir do qual é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção. Dizem respeito a uma espécie de “estrutura incrustada nas práticas cotidianas” que se manifesta por meio de ações e de discursos, conforme condições situacionais. São “espaços de conexão”; amálgamas que misturam elementos formando um todo novo (MARTÍN-BARBERO, 1992, p.20).

Elas constituem, desse modo, articulações entre matrizes distintas, articulações entre temporalidades diversas; entre espaços outros. Materializam um conjunto de interações que se agregam a determinado objeto, no decorrer da história e em um dado *locus*. Nesses lugares (no lugar das Mediações) ocorrem os reconhecimentos, as atribuições de sentido, o ajustamento das interpretações. São as Mediações, portanto, o lugar onde é possível compreender o processo integral da comunicação; já que nessa lógica, nesse lugar, Mediação abrange a rede de relações presente na vida cotidiana dos indivíduos (MARTÍN-BARBERO, 2001).

Por outro lado, as Mediações tomadas enquanto relação (enquanto processo) funcionam como articuladoras das trocas comunicacionais para com as diferentes dinâmicas que estruturam a sociedade e, com isso, atuam efetivamente no processo de produção de significações. Nessa lógica as Mediações são expressões históricas das relações que o homem constitui, são inerentes aos sujeitos e, por isso, categorias cuja elaboração é indispensável para a apreensão do comunicacional.

Enquanto relação, as Mediações são criadas no transcurso da história. São manifestações concretas das transformações do comunicacional no seu processo de construção da realidade e, com isso, tratam de dar conta das relações que o homem constrói (e com as quais se constrói). As Mediações se caracterizam, assim, como instâncias de passagem entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Elas fazem a ponte que liga o conhecimento às práticas e permitem alcançar um segundo estágio, sem sair totalmente do primeiro.

Mediação como processo pode ser tomada como conduto, como duto onde as categorias concretas se movimentam, dando sentido ao processo de comunicação. Essa característica habilita as Mediações, no plano metodológico, à captura das articulações e das passagens vivas onde se processa a trama que envolve instâncias do comunicacional. Permite também compreender melhor a variedade de fontes de que elas são feitas/constituídas. Mediação como processo, estrutura, configura e reconfigura tanto as interações quanto a criação de sentidos resultantes dessas interações. Possibilita um caminhar mais seguro (na comunicação) dos meios para os atores sociais e, ao mesmo tempo, autoriza integrá-los às práticas sociais que os constituem.

Nessa vertente as Mediações, que nesse contexto se referem à malha de interações recíprocas do comunicacional, e o seu contexto analítico colocam no centro dos debates os paradoxos e as ambiguidades do processo de negociação de sentidos – entre o comunicativo, o cultural e o tecnológico –, e comunicação, nela, claramente envolve tanto processos subjetivos quanto objetivos; tanto processos micro controlados pelo sujeito, quanto processos macro relativos à estruturação do social.

## **1.2 Tipos de Mediações**

Para as discussões do presente trabalho, a partir da lógica das Mediações comunicativas da cultura, da tomada das Mediações enquanto espaço entre (como lugar, como dimensão) e também como relação (como processo), achamos pertinente manter (e atualizar) a tipologia das Mediações manejada por Martín-Barbero (2004) nas últimas etapas de sua discussão.

Creemos que este debate ajuda a emprestar contornos mais claros tanto ao modelo de análise da própria armação, quanto aos eixos temáticos que neste trabalho propomos para o adensamento das discussões. Agimos dessa forma por

acreditar primeiro na pertinência de tal organização tipológica, depois por crer que institucionalidade, socialidade, ritualidade e tecnicidade ainda conseguem tratar bem de Mediações que são diferenciadas em seus níveis, em suas fontes, em seus discursos, em seus lugares e em seus processos.

Nessa organização, matrizes culturais, lógicas de produção, formatos industriais e competências de recepção, postados conforme dois eixos (um diacrônico e outro sincrônico), funcionam como conectores, como polos imantados na atração das Mediações que os tocam e/ou tensionam. Tal tensionamento, no entanto, é o que as faz agir (funcionar na prática) por entre as práticas (comunicacionais, por exemplo).

O eixo diacrônico desta tipologia, que relaciona matrizes culturais e formatos industriais, remete à história das mudanças na articulação entre movimentos sociais e discursos públicos, e destes aos modos de produção do público que agenciam as formas hegemônicas de comunicação coletiva. Já no eixo sincrônico, onde se dá a vinculação/tensionamento entre as racionalidades distintas das lógicas de produção e das competências de recepção, podemos observar tanto o que estrutura a produção (os formatos e os modos como são recicladas as demandas dos públicos) quanto a recepção (e os modos das rotinas de leitura desses formatos).

É no intervalo desses conectores, desses momentos, que são assentados por Martín-Barbero (2002; 2009) os reservatórios tensionadores de elementos vívidos aí nomeados tipos de Mediação: institucionalidade (e seus regimes), socialidade (e suas diferentes formas), tecnicidade (e suas distintas manifestações) e ritualidade (e seus diversos tempos).

A institucionalidade e seus diferentes regimes põem em relação as matrizes culturais e as lógicas de produção e, em uma primeira aproximação, dizem respeito às negociações estabelecidas pelo sujeito com o poder e com as diversas instituições em seu cotidiano (escola, igreja, partidos, mídias etc.). O

terreno da institucionalidade é, portanto, o terreno das estruturas macro, ou seja, está relacionado ao *locus* de agência das instituições da sociedade civil e do Estado.

Ela pertence, assim, a duas ordens contrapostas que afetam especialmente a regulação dos discursos: a primeira que, desde o Estado, configura a comunicação como serviço público; e a segunda que, a partir do mercado, converte a liberdade de expressão em livre comércio. Podemos, desse modo, entender a institucionalidade como uma mediação repleta de interesses e de relações de poder, responsável pela regulação dos discursos envolvendo questões econômicas e políticas.

Institucionalidade tem a ver, assim, com o regime organizacional dos meios de comunicação, tomados como instituições sociais e não apenas como aparatos (instituições de peso econômico, político e cultural). Porém, de outro lado, ela tem a ver também com o marco regulatório que situa/posiciona todo o entorno das cidades, estados, instituições políticas, jurídicas, religiosas e educacionais no estrato que organiza e define determinada sociedade.

Esta Mediação não está relacionada apenas à importância que a dimensão material, e seu conjunto de instrumentos, assumem nas trocas comunicacionais. Ela tem a ver, também, com a incidência dos distintos regimes institucionais, das diferentes instituições sociais, na conformação de sentidos. A institucionalidade nesse arranjo, conforme Martín-Barbero (2002), atravessa a comunicação convertendo-a em protocolo de civilidade.

Em outras palavras, ela corresponde à trama institucional da comunicação – insumo básico na constituição do público e no reconhecimento cultural. Por sua vez, se olhada deste ponto de vista (desde a institucionalidade), a comunicação se converte em uma questão de produção dos discursos públicos cuja regulação se acha cada vez mais na mão dos interesses privados. Institucionalidade, ao mediar a trama inaugural da comunicação, faz parte então do laço de cidadania, da reconstrução permanente do social. Ela também dá conta das relações de poder entre os grupos sociais, políticos e econômicos e tem a ver com deslocamento da

produção cultural em direção às instituições, aos aparatos especializados de manufatura.

No comunicativo, tem relação mais próxima com as diferentes instâncias da produção, nas quais relaciona as materialidades à estrutura econômica e aos conteúdos ideológicos. Na produção, a institucionalidade inventaria as complexas redes de ideologias, as estruturas hierarquizadas de decisão e as rotinas e inércias que são condições operativas dos dispositivos produtores.

As instituições, nessa linha, são tomadas claramente como agentes de mediação sociocultural. Hoje, porém, diante da multiplicação de movimentos outros da sociedade e das reconfigurações que eles provocam, ocorre inegavelmente a configuração de institucionalidades outras e diversas. Apesar do paradoxo que isso representa, os bairros, como bem fez o próprio Martín-Barbero, podem ser constituídos como um espaço social com institucionalidade própria, distinta, por vezes, do regime institucional geral (seja ele público ou privado).

Não podemos negar, portanto, que este regime geral de institucionalidades está sempre relacionado a um contexto político e econômico em uma dada época. Esta constatação nos faz lembrar também que pensar a institucionalidade nestes termos é importante para evitar que a inteligibilidade do social se dissolva e se perca na sua fragmentação. Porém, não podemos negar que a institucionalidade, em nosso tempo, igualmente tem a ver com estas dinâmicas de fragmentação (mediante a fragmentação dos públicos), com a multiplicação dos canais e a segmentação especializada dos consumos.

Sua configuração, portanto, também é influenciada pelas dinâmicas de secularização dos mundos simbólicos; de desterritorialização das demarcações culturais; de hibridação entre culturas e subculturas; pela emergência de novas identidades; e, pelas temporalidades curtas e precárias que marcam o tempo da atualidade. É por isso que a institucionalidade, nesta fluída articulação, também diz respeito ao espaço de osmose materializado entre matrizes estéticas e formatos industriais; práticas de enunciação e formatos de sedimentação de saberes. Ela se

relaciona, portanto, à topografia movediça que em nossa época empresta condição de existência ao comunicativo.

A socialidade, por sua vez, liga de forma mútua as competências de recepção e as matrizes culturais e está relacionada às negociações cotidianas estabelecidas pelo sujeito em suas formas de interação social. Este tipo de Mediação abarca o processo de socialização e ajuda a mudar o lugar de análise desde o qual se monitoram os câmbios globais dos estilos particulares de vida.

Hoje, mais do que nunca, essa função mediadora é realizada em sintonia com o que é próprio do comunicacional e dos seus aparatos. Em nossa leitura, há, contidos nas diferentes formas de socialidade (agora passíveis de análise), os insumos que ajudam a explicar como os sujeitos enfrentam a heterogeneidade simbólica e a destotalização do social típicas da realidade atual. Pois é conforme os preceitos dessa Mediação (a partir das novas maneiras de se juntar e excluir; de desconhecer e reconhecer) que adquire consistência social e relevância cognitiva aquilo que atravessa o comunicativo, o cultural e o tecnológico.

A socialidade, gerada na trama da vida cotidiana, é, portanto, lugar de ancoragem da prática comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos da comunicação. É composta por uma multiplicidade de modos e sentidos pelos quais a coletividade se cria, pelas diversas formas de interação social, e tem relação com a construção do *habitus* dos indivíduos e com as diferentes instâncias socializadoras dos sujeitos.

Socialidade diz respeito, assim, à interiorização das estruturas sociais e relaciona a reprodução dessas estruturas ao comportamento cotidiano dos indivíduos. Ela é gerada na trama das relações habituais que tecem tais sujeitos ao se juntarem e se materializa como lugar de ancoragem da prática comunicativa; como espaço no qual os modos e os usos coletivos da comunicação podem ser melhor empreendidos.

Neste sentido, a Mediação socialidade é âncora dos processos primários de interpelação e constituição dos sujeitos (e, por conseguinte, das identidades). Está

associada com as distintas formas de constituição dos atores sociais – e, por isso, está ligada diretamente àquilo que constitui o sentido da comunicação como “questões de fins” e não só como assunto de meios (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.18).

Socialidade pode então ser relacionada às transformações do laço social. O estudo da socialidade está ligado, dessa forma, aos deslocamentos das tipificações das identidades e dos próprios sujeitos. Está relacionado às transformações nas maneiras de sentir (e viver) o laço social que liga uns aos outros. Esta é a dimensão que fala na identidade, pois identidade aqui se refere ao que há de comum, ao conjunto de religações sociais entre os sujeitos.

A socialidade, conforme os preceitos de Martín-Barbero (2002), cobra toda sua relevância na hora de pensar as práticas, os modos de inteligibilidade contidos na apropriação cotidiana da existência (para além do conhecimento da razão codificante e da força do hábito). Ela evidencia a capacidade de ação (de se fazer) do sujeito, a partir da unificação de um sentido, ao mesmo tempo em que se afirma como portadora da multiplicidade dos modos de significado nos quais a coletividade se faz e se recria. Com ela, afirma-se a polissemia da interação social e a trama viva de interpelações e reconhecimentos do fazer-se/desfazer da sociedade.

A partir dessa discussão se pode falar em modos distintos de socialidade, mesmo com todas as contradições e conflitos que isto possa implicar (algumas mais amplas e mais densas, outras com menor amplitude e densidade) – todas, porém, regidas por um imaginário outro e a partir da construção de novas relações sociais.

O massivo, os movimentos sociais de bairro, os laços de parentesco, as cibersocialidades, por exemplo, estão todos relacionados a uma (nova) condição estrutural da sociedade; a uma (nova) condição de existência; a uma (nova) forma de socialização ou modulação de socialidade. Massivo, bairro, parentesco, cibersocialidade não são, desse modo, categorias de Mediação, mas estão

relacionadas a uma nova tipificação da socialidade – esta sim caracterizada enquanto tipo de Mediação.

Socialidade (e sua natureza) têm a ver, desse modo, com as mudanças nas lógicas da relação social, mudanças estas que hoje têm nos processos comunicacionais o seu principal agente. Para Martín-Barbero (2004, p.100), a socialidade está ligada à “materialização significativa de um determinado modo de intercâmbio”, ou melhor, de um determinado modo de produzir o intercâmbio – especialidade dos processos de comunicação.

O que na socialidade se afirma é, portanto, a multiplicidade de modos e sentidos nos quais a coletividade se faz e se recria – a polissemia da interação social. Compreender essa polissemia só é possível, porém, através da investigação dos movimentos de ruptura e continuidade destes sentidos; do seu enraizamento e deslocalização; das suas memórias de curta e longa duração. Compreender essa polissemia, essas novas formas de socialidade que descobrem na diferença o seu elemento configurador, só é possível mediante uma etnografia dos usos (MARTÍN-BARBERO, 2004; 2009).

Este método de análise permite prestar atenção mais de perto às reconfigurações próprias da socialidade. Tais câmbios encontram hoje seu mais decisivo cenário na transformação do *sensorium* e na reconstrução da trama que tece essa forma outra de Mediação. Nesse tempo de pronunciamento das influências do comunicativo as mudanças na sensibilidade estão, portanto, mediando as transformações da socialidade – mudanças estas que conectam os novos cenários de comunicação e as novas condições do saber às distintas formas de sentir nesse contexto configuradas.

Já ritualidade, que conecta de maneira ambivalente os formatos industriais às competências de recepção, trata das rotinas, das regras construídas a partir da combinação dos diferentes tempos nos distintos espaços. Trata da imbricação entre as rotinas do trabalho e as ações capazes de transformar essas rotinas.

Em sua relação com os formatos industriais (discursos, gêneros, programas e grades) as ritualidades constituem gramáticas da ação (do olhar, do escutar, do ler) que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam o comunicacional. Já vistas a partir das competências de recepção, elas remetem, de um lado, aos diferentes usos sociais dos meios, e, de outro, às múltiplas trajetórias de leitura, ligadas às condições sociais do gosto, às posses e saberes constituídos na memória e aos hábitos de convivência com a cultura.

Esta categoria de Mediação permite tomar o espaço cotidiano enquanto sinalizador do encontro de diversos tempos históricos. Nele, no cotidiano, há o encontro conflitivo de diferentes temporalidades às quais a Mediação ritualidade ajuda a emprestar visibilidade. Ela tem a ver, portanto, com tempos e destempos, com a possibilidade de observação das diversas temporalidades, em especial aquelas traduzíveis no cotidiano – o que é fundamental para entender a produção de sentidos e os tipos de uso do comunicacional.

Esta Mediação pressupõe a análise da superposição dos pedaços dispersos de fragmentos temporais, e, por isso, é coerente com a noção de experiência social (urbana) da atualidade – já que são esses fragmentos que constituem/formalizam a arquitetura dessa cotidianidade. A ritualidade, enquanto mediação, também atua diretamente nas transformações dos modos de percepção dessa experiência social, na constituição de novos *sensoriuns*. Ela não diz respeito, unicamente, a operações do sistema, mas aos espaços de conflito materializado entre expressões de outras subjetividades em gestação.

Hoje, ritualidade incorpora temporalidades mais curtas, precárias e flexíveis, relacionadas à multiplicidade de tempos e ao tempo do instantâneo em que vivemos – o que nos permite aglutinar ao debate desta Mediação ingredientes de diferentes mundos culturais. Ritualidade está relacionada, portanto, aos ritmos (cotidianos e ordinários) de constituição dos imaginários coletivos. Ritmos estes que são tensionados pela fluidez, pela circularidade e velocidade do atual e, ao

mesmo tempo, pelas amarras que o ligam a outra e pregressa história (mais concreta e linear).

Por outro lado esta categoria de Mediação também tem a ver com as descontinuidades; com o multitemporal; com diferentes temporalidades que não são mais passíveis de serem tomadas enquanto tempo único (o tempo do capital). Ritualidade evidencia assim o caráter negocial do tempo comunicacional – o qual precisa comerciar com outros tempos para ser inserido no cotidiano.

Conforme explica Martín-Barbero (2002), ritualidade é o que dá forma à comunicação e a torna duradoura. Ela engendra regularidade e ritmo, ao mesmo tempo em que diz respeito, na comunicação, ao que há de permanente reconstrução do nexos simbólico. A presente Mediação impõe assim regras ao jogo da significação e introduz a gramática necessária para fazer possível uma expressão e tornar compatível certo sentido. Ela é, de uma só vez, o que nas práticas sociais fala da repetição e da operabilidade; está ligada à transformação da relação tempo/espaço; e, toma os espaços cotidianos como pontos de encontro de vários tempos históricos.

Nesses termos, a Mediação ritualidade também está associada à pluralidade de matrizes culturais, às práticas culturais que têm origem na experiência. Aí, pensar a experiência (cotidiana) é a chave para se pensar, por exemplo, a recepção e os usos do comunicacional. Sua discussão se relaciona, dessa forma, ao tipo de existência das coisas, ao tipo de acesso a elas e ao modo de sua inscrição no cotidiano.

Ritualidade é, portanto, uma forma privilegiada de acesso à cotidianidade e tem a ver com aquilo que, a partir da vida cotidiana, configura o mundo da experiência; configura as práticas sociais. Segundo Martín-Barbero (2009, p.319), é conectando a experiência individual com o curso do mundo; os critérios de classificação e ordenação com a incoerência da vida, que a ritualidade empresta “rosto” à cotidianidade.

Este tipo de Mediação revela a organicidade, a sistematicidade das práticas cotidianas. Pois, ela está relacionada com a transformação do sentido do tempo nas culturas (tempo dos ciclos – tempo do espetáculo – tempo do trabalho) e se materializa como *locus* que ajuda a pensar o consumo enquanto lugar de interiorização das desigualdades sociais. Assim, a mediação ritualidade ajuda a “emprestar sentido político à cotidianidade” por inscrevê-la diretamente na estrutura produtiva – através da problematização das suas diferentes temporalidades (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.292).

Nela (na Mediação ritualidade) o que antes era resto passa a ser considerado insumo indispensável à problematização do comunicacional. Assim a ritualidade, enquanto lugar social de interpelação, proporciona melhor entendimento daquilo que Martín-Barbero (2009, p.295) nomeia “situação primordial de reconhecimento”. Ela é, desse modo, tanto lugar de confronto quanto abrigo e lugar de reconhecimento.

A ritualidade permite reconhecer o tempo constituinte da cotidianidade (um tempo outro, repetitivo, rotineiro, feito de fragmentos, o tempo do ócio) enquanto possuidor de valor particular. Assim como permite revalorizar o tempo produtivo do capital (o tempo medido, do trabalho, feito de unidades contáveis – horas, minutos e segundos – e que transcorre ordenadamente), além de emprestar concretude ao tempo seriado das mídias.

Dessa forma, os principais questionamentos que emergem da mediação ritualidade estão relacionados às propriedades da matriz cultural por ela ordenada ou reordenada, às suas formas de re-apropriação e, também, ao emaranhado de temporalidades com as quais o comunicacional nela trabalha. Segundo Martín-Barbero (2009), a questão das anacronias, dos destempos, das distintas formações culturais e das formas de inscrição do cotidiano no mercado são igualmente pontos cruciais que podem ser estudados via ritualidade.

Como vimos a ritualidade se manifesta através da organização/reorganização do tempo e do espaço cotidianos e está relacionada à formatação de

uma nova “tipologia social dos tempos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.303). Portanto é através dela (da ritualidade) que podemos observar que usos não têm a ver apenas com a quantidade de tempo dispensado, mas com o tipo de tempo e com o significado social do tempo envolto, encapsulado, pelo comunicacional.

A ritualidade, junto com as diferentes temporalidades que ela suporta/ traduz, tem a ver também com as não contemporaneidades, com as mestiçagens – entre o tempo da história e o tempo da vida. Na ritualidade os espaços cotidianos também podem ser tomados como pontos de encontro de diversos destempos – perspectiva fundamental para abrir as análises à produção de sentidos, aos usos, às memórias e aos imaginários.

Como vimos, é esta categoria de Mediação que permite estudar mais de perto a cotidianidade do comunicacional, analisar as chaves do cotidiano – algo até então pouco considerado nas problematizações em curso. O espaço de reflexão sobre a ritualidade ganha assim proeminência, abastecendo-se de discussões paralelas como daquelas acerca do consumo e das práticas cotidianas enquanto lugar de interiorização das desigualdades.

Fica evidente, dessa forma, que a reorganização do tempo e do espaço cotidianos atravessa as ritualidades, as quais atravessam o comunicacional. Como bem sabemos a leitura dessa topografia possibilita o estabelecimento de uma topologia simbólica, de uma tipologia social dos tempos pela qual se pode observar uma nova gama de usos do comunicativo (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.303).

A ritualidade está, pois, relacionada à rotina de certas práticas que configuram e determinam a produção de sentidos dos indivíduos. É por isso que câmbios traduzidos e/ou patrocinados por esta mediação podem estar configurando uma “nova situação histórica” – necessária de ser compreendida para poder se pensar a comunicação em nosso tempo (MALDONADO, 1999, p.207).

Tal Mediação solicita a consideração, para sua adequada compreensão, dos distintos tempos históricos (culturais), dos tempos subjetivos (pessoais), dos tempos do capital (globais) e dos tempos sociais (familiares, grupais etc.).

Conforme Maldonado (1999, p.287) estes tempos confluem estabelecendo uma “mediação chave” que nos aproxima da compreensão dos sentidos construídos pelo comunicativo – a mediação da ritualidade. Nesta Mediação a problemática do tempo é importante para definir que tipo de saber abastece a comunicação. Metodologicamente ela sugere romper com a concepção linear de tempo e situar, além do passado, o futuro como elemento de construção do presente.

Nessa linha de raciocínio o estudo da ritualidade torna-se essencial para observarmos os detalhes e as variações nos modos de comunicar. Atentar para a ritualidade e nas suas diferentes temporalidades é, portanto, atentar ao processo de deformação da cotidianidade; é prestar atenção aos tempos outros, ao seu modelo de intercâmbio; é prestar atenção às diferentes temporalidades sociais que tocam o comunicacional.

Conforme postula Martín-Barbero (2004, p.97-98), o que interessa fundamentalmente nessa problematização é o circuito – “o espaço particular que o rito (de comunicação) produz”. Como lembra o autor, o rito (a ritualidade) é algo ligado fortemente à vida doméstica, ao cotidiano; é algo repetitivo, regulado, marcado. Ritualidade é, assim, uma ação que não se esgota em si mesma, em sua imediatez, em sua utilidade imediata. Ela traduz um ato cuja eficácia não se esgota na relação causa e efeito.

Todo rito é um “alumbramento” (um emprestar luz), isto é, um fazer ver. Segundo Martín-Barbero (2004, p.113), compreender a eficácia do ritual, da ritualidade, indica um avanço estratégico nos debates acerca do comunicacional ao contextualizar o que se produz em comunicação com a relação entre os demais espaços do cotidiano. Tematizar a ritualidade enquanto mediação implica, dessa forma, reconhecer a lógica da conjuntura, a lógica das circunstâncias, do cotidiano junto com a imbricação dos tempos e dos destempos no comunicacional.

A tecnicidade, por sua vez, estabelece a relação recíproca entre as lógicas de produção e os formatos industriais e está ligada às especificidades características do próprio meio, à capacidade que os meios têm de inovar

tecnicamente seus formatos, à sua competitividade tecnológica ou industrial e, também, às transformações dos modos de percepção da experiência social que estes câmbios provocam.

Ela nomeia o que na sociedade é da ordem do instrumento (tecnológico), mas também àquilo que nela é da ordem da sedimentação dos saberes e da constituição das práticas. A tecnicidade é, portanto, um organizador perceptivo – aquilo que articula a transformação material à inovação discursiva. Mais que aos aparelhos tecnológicos, ela nos remete aos desenhos outros das práticas socioculturais, pois tecnicidade é sempre menos assunto de aparatos do que de operadores perceptivos e de destrezas discursivas.

Não se pode apagar, portanto, o fato de que a adoção da rota das tecnicidades implica também reconhecer que a topologia da participação social, política e cultural está sendo transformada pelas inovações tecnológicas. Logo, o que acontece em e com a comunicação não tem a ver só com as técnicas, mas também passa por elas. Nesse sentido, tem de ficar claro que não se pode confundir a comunicação com a técnica, nem a tecnicidade com a “totalidade” das Mediações. Isto resultaria tão deformador quanto supor que elas (as técnicas) e as Mediações sejam exteriores ou acessórias à (verdade da) comunicação.

Por isso não podemos deixar de admitir que a tecnicidade trata com especial atenção da relação das tecnologias para com os sujeitos (não só os receptores). Obviamente que ela também se refere as já não tão novas tecnologias, mas procura prestar atenção fundamental aos elementos que redefinem e reconstituem as redes de relações humanas neste espaço. Podemos dizer que a tecnicidade trata da problemática tecnológica via seu significado, via significado de suas novas estruturas nas práticas cotidianas.

Ela, junto com sua racionalidade, a racionalidade técnica, resgata o ponto de contato entre determinada lógica de produção (antes produção em série, agora produção fragmentada) e determinada lógica de produção de necessidades. O problema maior para a Mediação tecnicidade não é, pois, se as novas tecnologias

podem ou não ser consideradas de comunicação, mas se a comunicação e sua função social estão sendo transformadas pelas novas tecnologias, enquanto expressão material de uma nova percepção.

Na tecnicidade as invenções tecnológicas (e sua Mediação) se traduzem na mutação da materialidade técnica em potencialidade comunicativa e as novas modalidades de comunicação só se tornam possíveis na medida em que a tecnologia materializa mudanças que emprestam novos sentidos às relações comunicativas (às relações e aos usos do comunicacional). Assim, podemos dizer que a tecnicidade também tem a ver com o desenvolvimento das tecnologias, mas que sua capacidade de Mediação não se restringe somente a isso.

Esta Mediação se preocupa não apenas com a arquitetura interna de uma máquina, com um instrumento ou um meio. Preocupa-se com a destreza do desenvolver, com a capacidade lógica de seleção/cominação na construção de um processo (por exemplo, de comunicação). Para Martín-Barbero (2009, p.196), as tecnicidades (invenções tecnológicas), no campo da comunicação, acham aí sua forma (o sentido que vai tomar sua mediação) – “a mutação da materialidade técnica em potencialidade comunicativa”.

Estudar tecnicidade não implica negar a especificidade das chamadas tecnologias da comunicação. Porém, segundo o próprio Martín-Barbero (2009, p.196-197), na discussão “importam mais as modalidades de comunicação que aparecem com as tecnologias e as modulações comunicativas que elas inauguram” do que os próprios aparatos, já que estas só se tornam possíveis na medida em que a tecnologia materializa mudanças, as quais, a partir da vida social, dão sentido a novas relações e a novos usos.

A tecnicidade, quando não se esquece dos seus matizes históricos, permite compreender que na comunicação as transformações tecnológicas geram novas possibilidades de jogos e de combinações simbólicas, novas formas de sensibilidade e de saber. Ela tenta emprestar materialidade às revoluções despertadas pelas tecnologias por meio da observação das mudanças nos hábitos e

práticas cotidianas. A tecnicidade procura dar conta da tecnologia, no sentido de confronto de elementos em um arranjo negociado com as demais formas de se fazer.

Nela a mediação tecnológica deixa de ser puramente instrumental para expressar-se, densificar-se e converter-se em estrutural. Para Martín-Barbero (2004, p.35-36), a trama que este tipo de Mediação procura dar conta está vinculada ao “novo modo de relação entre os processos simbólicos” – que constituem o cultural – e às “formas de produção e distribuição dos bens culturais”. Tecnicidade, nessa lógica, empresta materialidade aos contornos de um novo modo de produzir que está associado a um novo modo de comunicar.

Prestar atenção, portanto, à tecnicidade, além de prestar atenção ao que está mudando nas atividades das quais participa a humanidade, implica atentar na capacidade tecnológica da humanidade de processar símbolos, à sua capacidade de inovação no processamento de símbolos. A tecnicidade, dessa forma, implica desmascarar o que as tecnologias de comunicação significam – enquanto processo de rearticulação, deformação, imposição. Relacionar as possibilidades que as tecnologias oferecem com o modelo de sociedade em que se inscrevem é o desafio primeiro da tecnicidade enquanto Mediação, pois só assim se pode compreender sua configuração e o seu alcance; a manutenção e o reforço das atuais estruturas sociais, ou as mudanças que elas acarretam.

A tecnicidade não deixa, portanto, de tratar dos dispositivos técnicos que configuram a sociedade. Toma-os, porém, como parte de um discurso. Nesse arquétipo a tecnicidade puxa para si o desafio de desmistificar a problematização do tecnológico; o repto de tornar evidentes as contradições e as possibilidades de ação e de luta que elas abrem. Aí é prerrogativa da tecnicidade tornar evidente o “papel das novas tecnologias na fragmentação do *habitat* cultural”, na dissolução do horizonte cultural. Nesse contexto ela (a tecnicidade) é “mediação fundamental”, seja nos processos de inovação, seja nos procedimentos de transformação dos comportamentos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.112-118).

A tecnicidade neste construto procura deixar mais evidente quais os interrogantes que as novas tecnologias de comunicação colocam no âmbito do cultural. Isso implica um duplo movimento: não se deixar enredar no falso dilema sim/não à tecnologia, sim/não ao desenvolvimento; e efetuar um deslocamento que nos leve das tecnologias em si aos seus modos de acesso. O questionamento da tecnicidade nos obriga, assim, a questionar o seu sentido; questionar a sua racionalidade em uma sociedade que cada vez mais transforma necessidades sociais em problemas tecnológicos.

Para a tecnicidade, portanto, importa menos o dispositivo tecnológico, e mais o “modelo global de organização” (social e de poder) que o tecnológico traduz; importam menos os extremos de simulação que essas tecnologias tornam visíveis, do que o resto não simulável que a elas resiste (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.183-187).

É a tecnicidade quem torna possível conectar as inovações tecnológicas com os movimentos sociais, com os movimentos da sociedade. Nela, conforme Martín-Barbero (2004, p.201), o que importa ver são os usos sociais, isto é, os “manuais de uso que as tecnologias trazem anexos”, os hábitos e as tendências que carregam, cristalizam ou difundem.

Tratar, assim, das tecnicidades é tratar tanto da instauração quanto da dissolução dos modelos de comunicação desenhados e operados em consonância com as tecnologias de um determinado período. Tratar das tecnicidades é emprestar materialidade à mudança de lugar da mediação tecnológica em sua relação com o comunicativo. Pois, o lugar da comunicação na sociedade muda quando sua mediação tecnológica deixa de ser meramente instrumental para se converter em estruturante.

A tecnicidade, nestes termos, nos ajuda a não confundir a comunicação puramente com as técnicas, mas também nos ajuda a lembrar de que as técnicas não são exteriores ou acessórias à verdade da comunicação. As técnicas carregam consigo materialidades; carregam consigo uma gramática generativa e um formato

de sedimentação de saberes – constituídos ao longo de processos históricos. Tais gramáticas originam uma “topografia movediça de discursos”, cuja mobilidade é prova tanto das transformações tecnológicas quanto do movimento permanente das “intertextualidades” e “intermedialidades” que elas promovem (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.236).

Conforme Martín-Barbero (2004, p.237), a mediação da tecnicidade pode ser tomada hoje como estratégica, uma vez que as perguntas que ela deixa visíveis apontam para um “novo estatuto social da técnica”, para o “rearranjo do sentido dos discursos” e da “praxe política”, para um “novo estatuto da cultura” e para os “caminhos da estética”. Assim, o espessar da tecnicidade, em uma perspectiva otimista, tenta dar conta da onipresença do tecnológico em uma ordem social outra que não mais dissocia mercado e tecnologia; que borra as demarcações entre arte e ciência, trabalho e jogo; e entre o oral, o escrito e o eletrônico.

Tecnicidade, neste construto, busca responder à proeminente “pergunta pela técnica e pelo seu universo” (pela tecnosfera), sem esquecer (apesar da rapidez de sua difusão) do “vínculo” existente entre tecnologias (enquanto conector universal) e heranças culturais (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.259).

Assim, conforme Martín-Barbero (2004, p.261-262), para entendermos a singularidade do mundo que habitamos somos obrigados a entender a mediação tecnicidade e os espaços reticulares (em rede) que ela tece. Temos de abandonar a razão dualista com a qual estamos acostumados a pensar as técnicas, fazendo-as ao mesmo tempo “abertas e fechadas”, “integradoras e desintegradoras”, “totalizadoras e destotalizantes”, “nicho e prega”, onde convivem e se misturam lógicas, velocidades e temporalidades diversas.

A tecnicidade, portanto, busca elucidar os termos dessa transformação: tanto a nova imagem mental do mundo, quanto as novas coordenadas da experiência sensível (os novos itinerários perceptivos). Tecnicidade, enfim, não significa nem se traduz em automatismo (adaptação socialmente inevitável às tecnologias), mas, antes, a um processo densamente carregado de ambiguidades,

de avanços e retrocessos – um “complexo conjunto de filtros e membranas que regula e interfere nos novos modos de habitar o mundo” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.263).

Fica evidente que a tecnicidade se preocupa antes com o regime de imaterialidade que rege o mundo; com a espessura e com a extensão da circunstância tecnológica que habitamos; com a expansão da inovação tecnológica no entorno do cotidiano. Isso não significa, porém, submissão automática às exigências da racionalidade tecnológica, mas a possibilidade de observância de racionalidades outras com ela passíveis de emergência.

A tecnicidade visa, portanto, dar conta desse “entorno tecnológico” e do novo imaginário que ele produz – o qual, além de falar culturalmente, abre novas dimensões para outra era do sensível. Ela, conforme Martín-Barbero (2004, p.350), pretende dar conta dos desafios culturais, das “novas formas de sensibilidade”, linguagens e saberes impostos pela assunção tecnológica (enquanto dimensão estratégica da cultura e da comunicação). A tecnicidade pode ser tomada, assim, como outro lugar de análise para a comunicação, pois adotá-la enquanto Mediação implica entendê-la como constitutiva, como dimensão imanente de uma visão mais complexa acerca do comunicacional.

Nesta linha de abordagem, tal Mediação pode ser associada a um novo regime de visualidade. Nela a técnica trabalha para recolocar o lugar da imagem nas práticas comunicacionais cotidianas. Dessa forma, a tecnicidade opera a configuração de um novo *sensorium* e reconhece a técnica não mais como instrumento, mas como dispositivo constituinte da estrutura de conhecimento e da vida cotidiana. Tecnicidade tem a ver, desse modo, com as diversas visualidades tecnológicas, tecidas e organizadas pelas gramáticas tecnoperceptivas do comunicacional. Ela influencia na densidade dos imaginários e, por ser fruto do adensamento da mediação tecnológica, promove o conseqüente estouro das fronteiras espaciotemporais do comunicativo.

Nestes termos não seria exagero afirmar que a tecnicidade também está relacionada ao “desordenamento cultural” que atravessamos – o qual se deve em grande medida ao entrelaçamento dos modos de simbolização e ritualização do laço social com os modos de operar das tecnologias; está relacionada aos “fluxos das redes comunicacionais” (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p.18).

A tecnicidade faz parte constitutivamente da visibilidade cultural – é ao mesmo tempo entorno tecnológico e novo imaginário capaz de falar culturalmente e de transformar a percepção. Por isso tem a ver com o lugar estratégico que a técnica ocupa nas dinâmicas da cultura cotidiana, com a transformação das sensibilidades e com os modos de construir imaginários e identidades. Enquanto dispositivo de moldagem e deformação do cotidiano, esta Mediação permite problematizar os aparatos de fragmentação, fluxo e conexão que hoje assumem o protagonismo da produção cultural.

A mediação tecnicidade, portanto, tem pouco a ver com a fascinação tecnológica ou com a facilidade de assimilação dos instrumentos tecnológicos. Trata antes de iluminar os termos da tradução patrocinada pela convergência entre sociedade de mercado e racionalidade técnica – fato que dissocia a sociedade em estratos múltiplos e paralelos, sem deixar de reconhecer as dificuldades de recompor o sistema de valores, normas e virtudes que ela carrega ou traduz.

Para a mediação tecnicidade é mais importante extrair da racionalidade instrumental sua pulsão em modificar os modos de relação com a realidade, do que simplesmente discorrer acerca de seus dispositivos materiais. Assim, ela tem mais a ver com as demandas sociais do que com o desenvolvimento técnico propriamente dito; tem mais a ver com as dimensões políticas e estéticas do que inicialmente se pode presumir. A tecnicidade instaura, conforme sua própria lógica, as novas figuras de intercâmbio. Ela não está associada com o poder das tecnologias em si mesmas, mas com a sua capacidade de acelerar, aprofundar e amplificar tendências estruturais da sociedade. A tecnicidade não opera pelo seu próprio poder, mas catalisa e radicaliza movimentos que se dão na sociedade.

A mediação tecnicidade, hoje, também pode ser relacionada a um (novo) regime de saber e, genericamente falando, está relacionada a um (outro) modelo de comunicação. Tecnicidade interfere na transformação dos “modos de ler, ver e perceber”; e por isso também pode ser tomada enquanto dimensão estratégica da cultura. Discutir a tecnicidade é discutir com maior atenção as modificações tecnológicas, a incidência das tecnologias, sua progressão vertiginosa e seu impacto nas rotinas cotidianas. Nestes termos a tecnicidade vai falar não só de uma possível revolução tecnológica, mas também da potencial “reorganização da cultura”. (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p.63).

Na tecnicidade pesam menos as máquinas de fabricação do que as trajetórias de circulação. Ela busca dar conta (colocar às claras) tanto das exigências de integração quanto dos reforços que tornam mais densas as desigualdades nos intercâmbios; busca mesclar os avanços tecnológicos (das mídias, por exemplo) com os anacronismos narrativos que fazem parte da vida cultural cotidiana. Tratar da Mediação tecnicidade nesta armação é tratar de um particular lugar de cruzamento entre tecnologia e os demais campos; é tratar da industrialização do cotidiano e da cotidianização das narrativas tecnológicas; é tratar da uniformização dos formatos em uma sociedade mundializada. É tratar, em última análise, de um terreno conflituoso, mas fecundo.

Na problematização da mediação tecnicidade parece ser necessário, no entanto, um tipo de interpretação que permite ver além dos usos (das tecnologias); ver além da história desses usos. Uma interpretação que relativize o apregoado determinismo tecnológico, na medida em que recupera a noção de intenção associada à técnica. A tecnologia tem de ser tomada como construída, buscada e desenvolvida com certos propósitos – não vistos como diretos, mas como demandas sociais nas quais ela (a técnica) é central.

Tomar a tecnicidade enquanto mediação implica admitir que as respostas tecnológicas às demandas sociais decorram menos das tecnologias em si e mais do papel que elas desempenham em uma formação social. Na tecnicidade as

tecnologias estão em diálogo com as demandas sociais. Dessa forma, entender essa Mediação implica entendê-la a partir de sua reflexividade no *socius*.

Nesse sentido, a tecnicidade e as tecnologias que ela enfeixa – concebidas como lógicas (que permitem a realização dos processos); como mecanismos (de controle dos métodos); como instrumentos (de materialização dos conceitos); como habilidades (para combinar elementos na fabricação de conhecimentos); como relações (entre forças sob controle); e como artes de fazer (destrezas, sagacidades, astúcia, fineza) – não podem ser tomadas como um assunto simples, elementar, e que reivindica pouco investimento.

Para Maldonado (1999, p.231), depois dos postulados de Martín-Barbero (2009) não é mais possível seguir pensando separadamente o plano dos “processos tecnológicos” e o plano dos “processos de produção e reprodução do sentido”. Na tecnicidade o que importa não é a história do desenvolvimento tecnológico, mas as operações através das quais os códigos sociais de percepção e reconhecimento se inscrevem e se materializam nos códigos tecnológicos. A tecnicidade tem de buscar, portanto, desvendar essa “inteligência tecnológica” que no campo comunicacional é configurada pela interação entre códigos de reconhecimento e códigos tecnológicos. Ela tem de ajudar a dar conta, de uma forma mais integral, das relações entre tecnologia, comunicação, cultura e sociedade.

Para resumir e, em última análise, podemos dizer que, nesse construto, socialidade tem a ver com a ação comunicativa cotidiana; institucionalidade com a envergadura econômica e jurídica dos meios e do meio ambiente onde eles se localizam; ritualidade com o nexa simbólico da comunicação e com as memórias, seus ritmos e ritos; e a tecnicidade com o espessamento sociocultural que as novas tecnologias patrocinam no mundo de hoje.

### 1.3 Eixos temáticos

A falta de estabilidade da armação das Mediações ajuda a explicar as dificuldades que encontramos para identificar os eixos transversais de que lançamos mão no detalhamento dos debates. cremos, porém, que emprestar consistência a tais eixos é fundamental para delegar concretude aos próprios construtos que manejamos; e também para estabelecer os insumos equacionáveis mínimos a serem utilizados na comparação deste construto para com a armação da Mdiatização.

Com esse intuito elegemos como eixos temáticos na discussão das Mediações a comunicação, a cultura e a tecnologia – categorias centrais que marcam o seu percurso teórico. Comunicação, pelo fato de ser este o nosso campo prioritário de formação e interesse; cultura, por acreditarmos que hoje dificilmente há espaço para a problematização do comunicativo apartado do cultural; e tecnologia, por percebermos nas discussões dos últimos tempos o flagrante adensamento do tecnológico, em contraste com o apagamento do político.

Reconhecemos, no entanto, que ao centrar nosso esforço no esclarecimento destas questões subvalorizamos outras possibilidades de discussão. Este, porém, é o caminho que escolhemos percorrer (a rota que percorremos). E são os resultados desse percurso que aqui passamos a apresentar e discutir.

### 1.3.1. Comunicação

É inegável que a armação das Mediações nos fornece subsídios importantes (e particulares) que ajudam a repensar não só a comunicação, mas todo o seu campo de estudos. Suas discussões auxiliam a rediscutir o quadro de saberes que empresta relevância à análise do comunicacional, à problematização das mídias e à discussão das novas demandas comunicativas.

Nesse caminho a Mediação investe na construção (e aprimoramento) de uma armação que busca conectar comunicação à cultura e cultura às práticas cotidianas. Seu objetivo macro nessa construção é compreender a envergadura dos processos comunicacionais para além do sentido e do alcance dos meios e deixar de identificar o artifício e as práticas de comunicação unicamente como fenômenos vinculados a estes meios.

Este intento permite começar a estudar de uma nova maneira a multiplicidade dos modos e formas de comunicação – “avaliar os modos cotidianos do comunicar a partir dos quais os sujeitos se relacionam com os meios”. Tal proposta acaba por inverter a lógica de análise do comunicacional. Na armação das Mediações, a problemática da comunicação passa a ser localizada no âmbito do contexto sociocultural, a partir do qual as demandas do comunicativo escorregam para os meios (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.32-33).

Conforme Martín-Barbero (2009, p.199-200), a partir daí a comunicação pode ser abordada através de uma articulação de dois planos: entre aquilo que os meios reproduzem (um estilo de vida peculiar) e aquilo que produzem (uma gramática com a qual se universaliza um modo de viver). Esse desenvolvimento põe a comunicação em diálogo com processos sociais mais amplos e ao mesmo tempo mais específicos – com a modernidade, com as políticas culturais, por

exemplo. Isso permite renovar os estudos da comunicação, até então centrados na dimensão dos instrumentos.

O construto das Mediações projeta outra forma de pensar a comunicação, suturando sua relação com cultura, propondo novas questões e deixando clara a necessidade de rupturas para com as abordagens tradicionais do comunicacional. Em sua discussão ele se desloca das análises dos signos midiáticos para o contexto cultural e postula mudar o olhar – o lugar das perguntas e das respostas em/sobre comunicação. Propõe estudar os processos comunicativos a partir da cultura e de suas Mediações.

A Mediação implica assim um tratamento dialético à história das ideias acerca do comunicacional, sublinha a necessidade de confrontá-las com o presente e salienta, simultaneamente, a importância de observar os condicionantes sociais do comunicativo – junto com o poder transformador das ideias que ele mobiliza. Nessa lógica o objeto comunicação se pulveriza, transforma-se em espaço e se entrecruza com vários outros campos do saber.

A comunicação nesse contexto não se põe mais sozinha, mas é tomada (e compreendida) sempre em associação com um contexto mais amplo, no qual suas práticas (as práticas comunicacionais) são assumidas em consonância com as condições com as quais elas se estabelecem. Aí comunicação perde o *status* de objeto e assume a posição nítida de espaço. A partir de então não se pode mais entendê-la isoladamente (como campo autônomo), mas busca-se compreendê-la como “*locus* a partir do qual se pode pensar a sociedade em sua globalidade” (DIAS & MENDEZ, 1999, p.102-108).

A comunicação no caminho das Mediações se afasta assim da esfera da produção para se aproximar do universo da recepção e da produção simbólica – ela nesse contexto pode ser estudada a partir das experiências dos sujeitos sociais. Desfocada dos meios a análise migra para outro lugar – para o denso mundo da experiência fragmentária dos sujeitos (para o lugar das Mediações). Esse viés de problematização delega importância fundamental ao contexto de ação social e à

conjuntura histórica nas análises comunicacionais. Isto autoriza o cotidiano inundar as discussões acerca do comunicacional.

A observação do cotidiano, do elo com a realidade que se faz pela rotina cotidiana, por sua vez, autoriza o transbordamento das utilizações do comunicativo (e de sua lógica de produção) e admite como fundamental a observação dos usos, das rotinas e das suas dinâmicas na estruturação dos diferentes tipos de cotidianidade – na estruturação do “palimpsesto do cotidiano” (LOPES; BORELI & RESENDE, 2002, p.367).

Investigar a partir daí a comunicação se converte em um lugar estratégico deslocalizado e de re-imaginação. Nessa forma de pensar a comunicação se transforma em enzima, em agente configurador do cultural e pode então ser pensada como uma estrutura complexa, sustentada pela articulação de práticas conectadas. Assim, no construto das Mediações não se pode mais pensar a comunicação no sentido genérico de circulação de informações. Nela se tomam como objeto de análise as práticas comunicacionais – que ultrapassam o que acontece nas mídias, por exemplo. Segundo Martín-Barbero (2004, p.72), as práticas são aquilo em que a história se faz e se desfaz, avança ou retrocede.

O comunicacional, portanto, aí não diz respeito apenas a um conjunto de objetos, mas a uma posição e uma prática – a um tipo de uso. Ele não pode mais ser “fixado” em um tipo particular de produto, pois seu sentido e seu valor também são construídos pelas/nas relações sociais (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.135). “*Locus* particular e estratégico a partir do qual é possível repensar os processos culturais e a sociedade”, o espaço da comunicação não pode mais ser fragmentado, nem para fins de estudo. Pois, nesse lugar, a comunicação também está relacionada a uma teia de desejos, memórias, estruturas de sentimentos, apropriações e resistências, continuidades e descontinuidades, com os quais os sujeitos tramam suas vidas cotidianas (FOX, 1997, p.33).

Comunicação é assim, ao mesmo tempo, um processo social e um campo de batalha cultural. Como processo social produtor de significações ela assume

definitivamente o sentido de uma prática cultural (social e coletiva); com as práticas podendo assumir, também em definitivo, o sentido de produções que expressam valores e significados – já que o processo de comunicação, como bem lembra Hall (1993, p.352), é, de fato, um “processo de comunhão”, um “compartilhar dos sentidos comuns”. A comunicação nesse contexto é tomada como “lugar de cruzamentos”, como “questão de reconhecimentos” – em ato, em sua efetiva realização (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.28).

Fica claro, dessa forma, que tal percurso implica o deslocamento de uma comunicação antes pensada a partir dela própria (com especial atenção aos meios), para uma problemática comunicacional pensada agora a partir da cultura. O deslocamento implícito nesse postulado tem importância fundamental, pois acaba por colocar o processo histórico e social (da cultura) como referente necessário ao conhecimento coerente do comunicacional.

A divisa principal aí é, portanto, a máxima que postula investigar a comunicação a partir do universo cultural – em uma clara inversão de perspectiva. Inversão esta que só é possível de ser realizada de fato depois da configuração da armação das Mediações. A comunicação nesse contexto é situada para além dos meios (junto aos mediadores e aos contextos), o que pressupõe abrir as análises do comunicativo em direção a um universo até então pouco explorado – o universo mediacional.

Localizar dessa forma a comunicação no espaço das Mediações implica sintonizá-la com o *locus* onde os processos (econômicos, por exemplo) deixam de ser exteriores aos processos simbólicos, e onde os processos simbólicos aparecem como constitutivos (não somente expressivos) do sentido social. Dessa forma, o ponto de vista das Mediações vai permitir analisar os processos comunicacionais junto com seu caráter histórico e estrutural.

Conforme Dias & Mendez (1999, p.104), a constituição dessa linha de abordagem empresta materialidade a um “processo de ruptura” (para com tendências hegemônicas de análise no campo comunicacional) que, de longa data,

vem buscando novas rotas para o flunar do comunicativo. A armação das Mediações rompe com os procedimentos redutores de análise e com o que Martín-Barbero (2009) chamou “razão dualista” e abre a possibilidade de se mudar o lugar das perguntas acerca do comunicativo.

Tais movimentos desembocam na constituição de uma perspectiva de análise outra que toma as Mediações socioculturais como *locus* prioritário de investigação. Esta perspectiva autoriza pensar a comunicação em sua articulação com o contexto cultural. Este particular enfoque permite pesquisar a comunicação a partir das práticas cotidianas e dos sujeitos; a partir da articulação entre as práticas comunicacionais e os movimentos sociais. Permite estudar a comunicação mudando o foco dos meios para a história, os processos sociais, as matrizes culturais, os gêneros e os usos do espaço e dos objetos. O desafio nessa linha de investigação é, pois, reconstruir, a partir da comunicação, o lugar dos sujeitos sociais e de suas práticas, além de demonstrar os sinais do deslocamento da comunicação para o âmbito da cultura.

Nesse repto, as pesquisas comunicacionais ganham o acento do viés sociocultural, vinculado às práticas da vida cotidiana. Esta opção pela análise das práticas sociais empresta à abordagem significativas pitadas de compromisso social. Nela as estratégias qualitativas de pesquisa (fundamentalmente a etnografia) se transformaram em poderosos instrumentos para fazer avançar as investigações.<sup>18</sup>

Esta perspectiva abre as portas do comunicacional aos estudos de recepção, do consumo cultural e da constituição das identidades. Nela o percurso proposto é o da pesquisa empírica das experiências, dos comportamentos, dos hábitos de fazer comunicação para além dos meios. O estudo da comunicação passa a observar os usos que se faz dos discursos postos em circulação, os seus modos de apropriação e reconhecimento.

---

<sup>18</sup> A etnografia ajuda a reposicionar as abordagens do comunicativo de acordo com as condições concretas de existência cultural – de acordo com os seus “modos de usos” (que passa por um ver/ouvir

Isso implica trabalhar o espaço das experiências do receptor, trabalhar a atividade das audiências – que agora pode ser vista em relação aos processos culturais através dos quais é constituída – e, com isso, fazer rever o processo inteiro da comunicação, desde o seu outro lado (o lado das apropriações e dos usos). Tais estudos ajudam a resgatar a iniciativa, a criatividade dos sujeitos e a complexidade da vida cotidiana nas problematizações.

Nos estudos acerca do comunicacional, o desenvolvimento dessa linha de abordagem indica claramente a necessidade de se ultrapassar em definitivo a ideia do “meio” e se trabalhar no campo dos usos e das experiências, no campo das estratégias de recepção, no campo dos processos de leitura – ultrapassar o “meio” para encontrar o “lugar onde é produzido o sentido” e o contexto cultural no qual ele toma forma, o contexto dos movimentos sociais (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.240).

Pode-se dizer que aí, diferentemente de outras linhas de abordagem, a comunicação readquire sua materialidade institucional, sintonizada com sua densidade cultural. Esta sintonia se dá através do ajustamento entre as “práticas cotidianas de comunicação”, os “movimentos da sociedade”, as “diferentes temporalidades do social” e a “pluralidade de matrizes culturais” que ela articula (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.261).

Esse redirecionamento da problemática da comunicação em direção à cultura, às práticas culturais cotidianas, modifica sua compreensão. Ela pode então ser tomada enquanto prática comunicacional coletiva (quando fala do sentido que a comunicação assume para os sujeitos) e, também, como produção cultural (como prática cultural que expressa valores e significados promovidos por diversas instituições).

Fica claro, dessa forma, que ao se reconhecer a complexidade cultural da comunicação se gera todo um campo novo de preocupações. Nesse novo campo a

---

com as pessoas) e com as narrativas (história de vida) que ele nos conta e que dele dão conta (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.303).

comunicação é pensada como um processo vivido, que se faz, se desfaz e se refaz. Como um processo de apropriação de sentido, de sedução e cumplicidade. Não mais como algo exterior ou imposto a partir de fora. A comunicação é localizada por entre os meios e as práticas sociais; como dimensão constitutiva da cultura. O comunicacional é deslocado para o contexto cultural – o que alarga o seu campo de estudos, possibilitando depois a incorporação nas análises de novos deslocamentos, matrizes e objetos.

Esses deslocamentos pressupõem a revalorização das transformações históricas no comunicativo. Com eles a comunicação passa a ser “localizada” no tempo, no espaço e em sintonia com a história. Isso estabelece uma “nova filosofia na produção das ideias” acerca do comunicacional, a qual, através da combinação de uma abordagem crítica com o tratamento de questões singulares, por meio do tratamento dialético da história das ideias, permite melhor observar os “condicionantes sociais” do comunicativo e o seu poder transformador (MALDONADO, 1999, p.116).

Esta “nova filosofia” permite trabalhar a história das ideias (com seus distintos tempos) mobilizadas acerca do comunicacional; autoriza historicizar as categorias, os termos em que se formula o debate; focaliza o lugar onde se articula o sentido dos processos comunicacionais; e, redesenha os conceitos básicos mobilizados na problematização do comunicativo. Para Martín-Barbero (2009, p.233), esta armação permite “reconstruir a história dos processos culturais enquanto articuladores das práticas de comunicação”.

A descoberta dessa dimensão pelo construto das Mediações ao mesmo tempo em que autoriza deixar para trás uma concepção de comunicação reduzida ao código, possibilita abandonar o entendimento de história reduzida à estrutura. Essas mesmas condições gerais e históricas, que se mostram específicas em contextos particulares, são, portanto, contingências centrais no desenvolvimento e na vitalidade dos estudos acerca do comunicativo que esta linha de investigação alimenta.

O campo da comunicação se redefine a partir daí como espaço de interpretação compreendido em associação com outros campos, sempre em um contexto mais amplo. É dessa forma que a aproximação entre o comunicativo e o cultural vai permitir estudar a comunicação em processo; vai permitir ganhar o campo dos processos no estudo do comunicacional.

A comunicação nesse *locus* é posta em diálogo permanente com os processos sociais – ao ser identificada junto às práticas, pela multiplicidade de trocas que autoriza e pelos modos cotidianos de intercâmbio que possibilita. Comunicação, nessa lógica, é espaço, lugar de apropriação, ponto de convergência. É ação contínua que envolve simultaneamente produção e leitura, comunicação e cultura, cultura e comunicação. Alumbra-se nessa concepção a natureza negociada e transacional de toda comunicação (enquanto dispositivo ativador de competências), o que implica assumir as assimetrias próprias de sua constituição.

Estas assimetrias também se relacionam, noutro nível, à variedade de insumos enfeixados na construção dessa vertente de problematização do comunicacional. Nela não podemos tomar os conceitos como representantes de uma linha homogênea de inquirição. Ao contrário, o corpo de investigações que ela patrocina é antes indicador de significativas mudanças nos posicionamentos inseridos em uma nova tendência de discussão do comunicativo.

A comunicação, com base nesses pressupostos, torna-se nitidamente um espaço estratégico no qual se pode pensar a sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.215). A partir dessas conjecturas ela se estabelece em definitivo como ponte que dá acesso à cultura e se reconhece peremptoriamente o comunicativo como “espaço de mediação no qual as práticas culturais adquirem sentido” (RABELO, 1999, p.75).

Além disso, esta linha de reflexão acaba por delinear uma crítica um tanto original acerca do comunicacional. Denuncia a tendência à esquematização das teorias clássicas e o perigo de se tentar traçar esquemas mecânicos na problematização do comunicativo, além de alertar para a necessidade de fuga dos

receituários dogmáticos nas discussões deste universo. Associar, então, comunicação à produção de significações; associar a cultura à noção de experiência e pensar a experiência na região humana da percepção é a chave lógica do entendimento do comunicacional neste construto.

Esta armação, como vimos, postula pensar os processos comunicativos a partir da cultura e pressupõe deixar de pensá-los a partir da fixidez dos meios. Trata, portanto, de uma proposta de análise cultural da comunicação – de outra linha de análise para os estudos comunicacionais. Aí todo ato de comunicação é um ato de cultura. Assim, investigar os fenômenos comunicacionais envolve, indubitavelmente, estudar a “fisionomia da cultura”, na qual tais fenômenos se processam (FELINTO, 2006, p.07).

Nessa lógica, as discussões sobre comunicação não seriam passíveis de ocorrência sem a identificação da cultura como agente catalizador do comunicativo. Tal pressuposto nos fornece os insumos básicos para que possamos começar a compreender de outra maneira o sentido das mudanças que se processam na comunicação – estas agora sintonizadas às transformações do tecido coletivo, e em paralelo às transformações das formas de viver (habitar, trabalhar, brincar etc.).

Este caminho permite assumir em definitivo a espessura do cultural no comunicativo. Permite antever, para tentar melhor entender e explicar, a trama comunicativa da cultura. A comunicação nesse contexto é reinserida no universo da cultura, o que abre o campo de estudos do comunicacional à pluralidade dos atores e à complexidade de suas dinâmicas. O mesmo impulso, porém, permite tomar a comunicação também enquanto movimento que atravessa e desloca o cultural – dinâmica esta de que trataremos a seguir.

### 1.3.2. Cultura

A armação das Mediações nos impinge tomar o conceito de cultura como chave fundamental para a compreensão de sua articulação. O modelo de análise que ela propõe coloca a cultura como categoria central de Mediação e elege o espaço cultural como o eixo desde o qual se pode vislumbrar dimensões inéditas do comunicacional.

Cultura, tomada enquanto uma rede vivida de práticas e relações constituintes do cotidiano (como espaço de negociação, conflito, inovação e resistência), é, pois, categoria chave para a análise da comunicação nesse construto. Esta linha de discussão trabalha com uma definição antropológica de cultura e a toma (a cultura) como o processo integral pelo qual os significados (e suas definições) são socialmente construídos e historicamente transformados. Nessa lógica o cultural perde o *status* de forma de vida global e passa a dizer respeito (estar relacionado) ao enfrentamento, às disputas estabelecidas entre diferentes modos de vida. Cultura aí tem a ver com as práticas de resistência, com as práticas subculturais e sua imbricação com o comunicacional.

No construto das Mediações o conceito de cultura é alargado. Incluem-se nele práticas e sentidos do cotidiano, antes afastados do escopo cultural; incluem-se nele todas as expressões culturais, as quais podem ser vistas (e revistas) em relação com o seu contexto social e institucional (em contexto com as relações de poder e a história). Nesta armação a cultura pode enfim ser tomada enquanto conjunto de sentidos em negociação expressos no cotidiano e materializada como espaço privilegiado de transformação do social. Nela a dimensão do cotidiano é instituída como espaço essencial de problematização, o que permite melhor prestar atenção aos distintos modos de ver, sentir, agir e consumir.

As horizontalidades do mundo cotidiano, junto com os espaços banais de vivência, sinalizam a presença de outras racionalidades e de outras temporalidades também importantes na constituição do cultural. Nesta armação, observar estas racionalidades autoriza prestar atenção mais nas práticas e menos nas estruturas, autoriza pensar acerca do conjuntural da cultura. Esta linha de investigação permite, enfim, prestar atenção à cotidianidade do cultural e à cotidianidade que dele transborda para as práticas comunicacionais.<sup>19</sup>

Estas práticas nos impellem a prestar atenção ao comum, ao ordinário, ao comunitário como forma de expressão. Leva-nos a prestar atenção aos usos e às apropriações – prestar atenção às hibridações que o cotidiano provoca e produz. O cotidiano é, desse modo, importante na discussão porque estabelece a ligação entre as culturas e as práticas. É ele quem articula a cultura às contradições da vida diária. Conforme os preceitos de Martín-Barbero (2009, p.314), a “lógica” que esta cultura capta é, assim, a lógica cotidiana que rege a vida – a “lógica da conjunção”. O cotidiano nesse contexto é assumido como o lugar por excelência do cultural. Como lugar plural onde o cultural emerge por contraste, semelhanças e diferenças.

Na problematização do cultural patrocinada pela armação das Mediações é importante observar as práticas culturais que têm origem na experiência (na cotidianidade), junto aos papéis desempenhados por elas na sedimentação desse cotidiano. Tal raciocínio põe em crise concepções de cultura, incapazes de dar conta do movimento, das transformações do sentido social – e torna caduca a cultura separada do cotidiano.

Cultura serve aí para dotar de sentido as práticas do dia a dia. Ela surge como lugar de modelagem, como resultado de um processo – de um processo que comporta diversas dinâmicas. É, pois, um modo de construção, de reinterpretação da experiência dos sujeitos, dos esquemas utilizados para perceber, atuar e valorizar a realidade em que se vive. Localizar as práticas culturais em

---

<sup>19</sup> Esta noção de cotidiano toma como referências teóricas principais o Bourdieu (1983; 1998) das práticas sociais e do conceito de *habitus*; Morley (1996) e Silverstone (2002) da etnografia das audiências; o Certeau (1994) das lógicas de uso nas práticas cotidianas; e o Giddens (1987) da reflexividade de ação dos sujeitos.

conformidade com seus contextos e pensar as concepções e as práticas da cultura não somente como aquelas que passam pelo livro e pelas artes, mas também como aquelas que passam pelas praças e pelas festas, é o que autoriza essa linha de discussão.

A cultura nesse contexto tanto se engaja na reprodução das relações sociais, quanto na abertura de possíveis espaços para a mudança. A noção de cultura pode ser tomada como um processo de produção de fenômenos que contribui (através da reelaboração simbólica das estruturas materiais) para compreender, reproduzir ou transformar o sistema social. Aí a dimensão simbólica, ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, é nuclear dentro da ideia mais nobre acerca do cultural.

É flagrante, nesse sentido, que a noção de cultura da armação das Mediações está em sintonia (é complementar) à noção de cultura que vem dos Estudos Culturais. Nesse estrato a cultura tem uma função de reconhecimento no sistema social – sistema este que os sujeitos buscam transformar através da elaboração de alternativas. Esse entendimento de cultura implica considerar que toda produção social de sentido (inclusive aquela vinculada ao comunicacional) é suscetível de ser explicada em relação às suas determinações sociais. Cultura nesse contexto tem maior abrangência, pois não só “representa” a sociedade, como também cumpre a função de “reelaborar as estruturas sociais” (GARCÍA CANCLINI, 1995, p.23).

O cultural é assim configurado como um campo de força e de relações contraditórias – em alguns momentos como um espaço estratégico de contestação, mas, em outros, como simples lugar de incorporação de valores dominantes. Ele ganha aí um sentido forte – como concepção de mundo e da vida. Cultura é, para além disso, uma “arena” – um “teatro de desejos”. Um “espaço dialógico” de “fusão conflitiva”. Um *locus* tanto de rejeição como de inclusão (HALL, 2003, p.474). Cultura, nesse entendimento, diz respeito ao conjunto de processos simbólicos através dos quais “se compreende, reproduz e transforma a estrutura social” (GARCÍA CANCLINI & RONCAGLILO, 1988, p.16).

O cultural, desse modo, não pode ser definido *a priori* pelos objetos, mas sim pelo que as pessoas fazem com os objetos; pela corporeidade, pelos imaginários que encenam. Esta se trata, pois, de uma concepção particular de cultura. Cultura não como uma entidade monolítica e homogênea, mas como algo que se manifesta de maneira diferenciada em uma formação social ou época histórica. A cultura não significa, portanto, simplesmente sabedoria recebida e/ou experiência passiva – “trata de um sem número de intervenções ativas no meio social” (AGGER, 1992 p.89). Nessa discussão do cultural, por sua natureza diferenciada, as práticas culturais podem ser manejadas simultaneamente enquanto formas materiais e simbólicas.

Os protocolos básicos que dão sustentação a essa ideia de cultura tomam-na como algo usual, ordinário (propriedade de toda sociedade ou indivíduo), forma de fazer e de expressar sentidos (conhecidos ou desconhecidos). Pois, como bem dissemos, a cultura, além de indicar um modo de vida global, aponta para um conjunto de processos de descoberta/aprendizagem particulares. Esse duplo entendimento de cultura nos leva a percebê-la não mais como “espírito cultivado”; não mais como algo separado das pessoas e das coisas do cotidiano (WILLIAMS, 1993, p.08).

Nessa linha de discussão há, desse modo, uma “expansão do conceito de cultura”. Tal amplificação é lastreada em uma análise que vincula o cultural ao contexto histórico e a situações ditas particulares; em uma análise da cultura que privilegia os distintos modos de vida; em uma análise da cultura que não se descola do sistema de produção e dos câmbios econômicos que a afetam. Assim, “toda prática social tem condições de existência cultural”, como bem diz Hall (1997).

Como vimos, a cultura pode também ser tomada como um modo de vida particular e, dessa forma, tem a ver com uma determinada maneira de viver (expressa em sentidos e valores). Analisar cultura nesse viés diz respeito à clarificação dos sentidos e dos valores presentes em um determinado modo de vida. Aí o cultural pode ser entendido como um conjunto de práticas onde forças

materiais e atividades simbólicas convivem formatando uma particular estrutura de sentimento.

Estudar cultura conforme tais pressupostos é estudar quase todos os sentidos produzidos pela atividade humana – não é estudar apenas artefatos. Nessa lógica, cultura inclui os rituais da vida cotidiana (as instituições, as práticas, as artes etc.). Em nosso entendimento, a armação das Mediações, ao tomar esse conceito expandido de cultura, patrocina um deslocamento teórico primordial – um deslocamento fundamental para o melhor entendimento do comunicacional.

Cultura nesse contexto passa a envolver simetrias e assimetrias na percepção das necessidades dos indivíduos/grupos. Não é um campo autônomo e nem externamente determinado. É antes um “espaço de diferenças e lutas sociais”. Diz respeito, portanto, ao conjunto formado pelo somatório de práticas e experiências; a um ambiente onde se reconhece o conflito e alarga-se o espectro de diferenciações. Não é, pois, um sistema indiferenciado que serve para integrar a sociedade. É antes uma região de disputas e de conflitos acerca do sentido. E, como lugar (região) de disputas, se materializa em diversas configurações – em diversas formas de cultura, que frequentemente se entrecruzam (JOHNSON, 1999, p.76).

A cultura, portanto, também diz respeito às práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido; aos instrumentos voltados para a compreensão, reprodução e transformação do sistema social. O cultural aí também é aquilo que resulta da apropriação desigual de um capital; da “reelaboração específica de certas condições de vida em interação conflituosa com o que culturalmente é visto como hegemônico” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.12). Cultura, então, pode falar de matriz, de algo estranho, de restos; de esquemas de operação; de um estilo de intercâmbio social, de “inventividade técnica e de resistência moral” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.94).

As matrizes culturais podem ser tomadas, assim, e como bem dissemos, como “formas históricas de longa permanência”, as quais estabelecem um tipo de mediação importante no processo de comunicação. Esta matriz, mediante a qual se

organiza e funciona o processo de comunicação, interfere diretamente em sua constituição, ao mesmo tempo em que resulta dessa interação constituinte (MALDONADO, 1999, p. 280).<sup>20</sup>

Os processos culturais e suas matrizes nesse contexto podem ser tomados enquanto articuladores das práticas comunicativas. Essa perspectiva solicita conceber a cultura não mais como a soma de objetos, nem como algo que deve ser visto e apreciado. Mas como “modo de vida”, como “vida pensada” – ação e reflexão; fruto de um trabalho tecido no cotidiano, em um processo contínuo; como uma “teia de significados” (GEERTZ, 1978, p.15).

Essa abordagem acaba por direcionar assim o olhar para as chamadas competências culturais, em um primeiro plano, e aos imaginários coletivos, em um segundo momento. Prestar atenção às distintas competências culturais, aos esquemas de classificação, aos princípios estéticos e às práticas mobilizadas é, pois, elemento essencial na discussão. Nesse sentido a discussão pressupõe assumir a cultura como espaço estratégico de criação e apropriação, de ativação da aptidão e da experiência criativa dos sujeitos – enquanto espaço de reconhecimento das diferenças.

A armação das Mediações nos impele assim a avançar no entendimento da ideia de cultura definida agora mais pela trama de seus usos do que pela pureza de suas origens; mais pela riqueza de suas misturas e seus intercâmbios, do que pela autenticidade de seus materiais. Pensar a cultura através de suas Mediações é pensá-la na relação estabelecida entre as diversas formas culturais (populares e massivas, por exemplo); é pensá-la através de suas matrizes, de suas formas históricas de longa permanência; é pensá-la como “eixo fundamental na produção de conhecimento em comunicação” (MALDONADO, 1999, p.155).

---

<sup>20</sup> Matrizes, nessa abordagem, não podem ser tomadas como marcos fixos de propriedades intrínsecas. Elas são, antes, um recurso sistematizador onde ideias e/ou conceitos se nutrem. São formas de longa permanência que ativam uma memória. Dizer matriz, conforme Martín-Barbero (2009), não é invocar o arcaico, mas sim explicitar o que se carrega do residual.

Cultura aí é legitimada como espaço teórico chave para compreender os processos de comunicação. Nesse lugar, problematizar via armação das Mediações representa, além do rompimento com as formas tradicionais de discussão do comunicacional, pensar os movimentos culturais enquanto patrocinadores das transformações do social e do sentido da existência no social. Aí deixa de ser a perspectiva central das análises o entendimento monolítico de cultura – este dá lugar a uma forma de problematização mais complexa, que relaciona as diferentes formas de cultura com as distintas maneiras de comunicar.

Assim, cultura não é só fenômeno típico de determinado período ou grupo social. O cultural, e seu lugar na sociedade, estão vinculados com processos bem mais amplos (econômicos, políticos e sociais). Vinculam-se às mudanças da matriz institucional de determinada época, à formatação de novos modos de existência e à reconfiguração geral dos meios e dos processos de comunicação. Têm vinculação, portanto, com os dispositivos que fazem da memória cúmplice do imaginário.

O que mais se destaca nesse processo são as passagens/ultrapassagens que ocorrem entre as distintas formas culturais. Isso pressupõe mudanças importantes no sentido e na compreensão dos processos de socialização. Conforme Martín-Barbero (2009, p.175), cultura nesse contexto não aparece “de repente”, com uma “ruptura” que permita o seu confronto com outras formas culturais, é antes reconstruída lentamente via múltiplos movimentos de “enculturação”.

A cultura não é, portanto, um mecanismo isolado/isolável. Mas, tem a ver com a instauração de outros princípios globais de inteligibilidade; com o estabelecimento de uma nova diagramação dos espaços de intercâmbio; com a implantação de diferentes modelos de acesso aos bens simbólicos; e, com a configuração de novos modos de existência. Cultura não se refere estritamente a um conjunto de objetos e, nesse plano, discuti-la implica acessá-la pelo seu outro lado – pelo lado da circulação cultural, pelo lado de suas mestiçagens e reapropriações. Cultura aí é lugar de desencobrimento das diferenças.

Nessa armação a cultura se converte em “espaço de trabalho” (em espaço de Mediação), em espaço estratégico de distensão/reconciliação das diferenças. Muda-se assim a função da própria cultura e se ressitua seus problemas no espaço das relações entre práticas culturais e movimentos da sociedade, isto é, no espaço histórico dos deslocamentos da legitimidade social (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.196).

Os verdadeiros problemas para a cultura agora se situam por entre os “desníveis culturais”, por entre a cultura dos diferentes estratos da sociedade e sua heterogeneidade cultural. Pensá-la pela armação das Mediações pressupõe pensá-la como parte integrante de uma estrutura produtiva mais ampla, enquanto constitutiva do sentido social, mas sem que a sua verdade se esgote nisso (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.264).

Nessa construção a ótica da cultura não perpassa apenas a sociedade, mas também as explicações sobre a sociedade – as explicações acerca da expansão dos movimentos sociais, do reconhecimento das novas experiências coletivas e do surgimento de outros atores. Na expansão do campo da cultura promovida pela discussão do construto das Mediações ocorre uma revalorização do cultural, através do despertar de outras dimensões da cultura – agora passíveis de serem consideradas em sua interface com o comunicacional. A heterogeneidade cultural torna-se assim mais evidente, ao passo que salta aos olhos o pronunciamento inegável das desigualdades sociais.

A cultura é nesse contexto resgatada como espaço estratégico da contradição, no qual (através do seu claro descentramento) é possível explicar tanto as discontinuidades quanto as continuidades do comunicativo. É, portanto, a armação das Mediações que permite tomar a cultura como uma “arena de disputas” simbólicas pela transformação e inovação. Neste construto a cultura torna-se objeto de investigação via as práticas culturais. Ela é tomada como conjunto de modelos e comportamento operantes. Aí falar de cultura implica falar também da “emergência dos sujeitos” e das suas “identidades culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.110).

Tal rearticulação permite deslocar a ideia de cultura do âmbito estrito da reprodução para o campo dos processos constitutivos e transformadores do social. O presente construto passa assim a pensar os movimentos culturais como movimentos históricos de longo alcance e a postular a pluralidade das culturas como chave para o entendimento do cultural. Com ele, como vimos, não se pode mais negar as dinâmicas da circulação cultural, nem o sentido social de suas diferenças.

Na armação das Mediações a cultura assume o lugar de espaço privilegiado de análise, pois, conforme tais postulados, nela é que processos comunicacionais adquirem importância e efetividade. Esta analítica permite focalizar nas problematizações o lugar onde se articula o sentido que os processos comunicacionais têm na sociedade. Isso implica reconstruir a história do social a partir dos processos culturais enquanto “acopladores” das práticas de comunicação para com os movimentos sociais (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.233).

Com as discussões deste construto fica evidente a importância de se destrinchar a natureza comunicativa da cultura, ou seja, o seu caráter de processo produtor de significações. Nela as investigações se abrem, se expandem, obrigando-nos a prestar mais atenção às transformações da experiência social como um todo. No cultural as distintas formas (culturais) podem ser tomadas então “em relação, em intercâmbio” (MARTÍN-BARBERO, 1992, p.29).

Este construto autoriza o surgimento de um novo ponto de vista acerca da cultura, reivindicando o seu espaço como articulador de conflitos. Partindo desse contributo passa a ser possível não mais falar de uma, mas de várias culturas – que desenvolvem entre si relações constantes e recíprocas. Passa a ser possível falar às claras das resistências culturais que se processam a partir da cotidiana e constante reelaboração simbólica.

O debate sobre o cultural nessa armação é assim desbloqueado, contribuindo decisivamente na construção da proposta investigativa que permite correlacionar comunicação e cultura. Nela os processos culturais são tomados em

sua conexão com as relações sociais e a cultura vinculada de fato às suas condições materiais e imateriais de existência. Assim a discussão sobre a cultura, em sua articulação com as práticas cotidianas, transforma os usos em operadores de apropriações – estes tomados sempre em relação ao sistema de práticas vigente.

Essa via de problematização impinge a valorizar as distintas matrizes do cultural e a tomar cultura como espaço de conflito – como espaço de expressão dos distintos modos de conceber o mundo (de sentir, de pensar, de querer). Tal valorização só é possível porque o construto demonstra apreço pelas lógicas heterônomas, pelo diverso e pelo contraditório (pelos espaços estratégicos da contradição). Só é possível pela estruturação de um forte nexos entre o contexto histórico e as práticas culturais de determinado período. A cultura nesse contexto é transformada em uma “área de negociação”, constituída por diferentes regiões de enfrentamento cultural, posicionadas em distintas circunstâncias históricas (MALDONADO, 1999, p.155).

A armação das Mediações acaba por investigar, aprofundar e reformular o conceito de cultura; por reestruturar suas problemáticas; por investigar novos processos; e enfim, por reorganizar a produção de conhecimentos em comunicação. Pois, a dimensão cultural aí adquire papel fundamental na fabricação do mundo material e simbólico – lugares agora privilegiados para se olhar as questões e emprestar nexos entre os diferentes tempos sociais (dado que o cultural tem a propriedade de se manter por longos períodos). Afinal é nesse terreno que se articulam as interpelações a partir das quais os sujeitos e as identidades se constituem.

Como vimos, a presente discussão acaba por inscrever a comunicação no interior da cultura e a põe no centro das análises, como forma de interpretação da realidade traduzível em diferentes expressões ou práticas culturais. Cultura nesse contexto é nada mais, nada menos do que um “modo de ser, de viver, de morrer” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.289).

Isso permite tomar as diferenças culturais em seu sentido social e observar os interesses envolvidos na própria ideia de cultura. Segundo Martín-Barbero (2009), o que muda nessa armação, transformada pela comunicação, é a própria noção de cultura e sua significação social. Nela a comunicação é vestida como um conjunto de práticas significantes. Aí a armação das Mediações também inova – ao afirmar ser possível construir conhecimento em comunicação a partir da compreensão dos distintos nuances do cultural.

O valor do cultural, independentemente da sua origem, passa a residir não mais em sua autenticidade, mas na sua representatividade sociocultural; na sua capacidade de materializar e de expressar um modo de viver; nas maneiras de reorganizar o que vem de outras culturas; e na forma de integrar o que vem da memória histórica. O conceito de cultura ganha nesse contexto positividade, uma nova interpretação – como um fato e não como uma essência; como posição relacional e não como substância.

Um dos traços característicos das pesquisas realizadas sob a batuta desse construto é a convergência de preocupações acerca do cultural. O cultural aí não é mais tema, mas o lugar a partir do qual se pode reler a história da comunicação, não enquanto história da cultura, mas enquanto história cultural. Estudar, pois, no construto das Mediações o processo de comunicação a partir de outro lugar, do lugar da cultura, é pensar de outra maneira as relações existentes entre o cultural e o comunicativo.

A armação das Mediações coloca assim o cultural como eixo explicativo da comunicação, uma vez que em seus postulados o comunicativo só pode ser compreendido enquanto mediação histórica do cultural. Nele é o processo de circulação cultural, acelerado pelo comunicativo, quem dá acesso às modulações de existência da cultura. O cultural é assim um lugar a partir do qual se pode pensar a integralidade do processo comunicativo. É matriz que pode ser tomada como mediação preferencial no estudo da comunicação – esta localizada entre meios e as práticas cotidianas.

Esse eixo problematizador procura dar conta, portanto, da centralidade que a esfera cultural assume na discussão do comunicativo. Há nele uma autonomia relativa, pois convém admitir que nesse contexto incidem diversas forças determinantes que competem entre si (em conflito) compondo a complexa unidade social.

Na armação das Mediações essa articulação não é límpida. É antes problemática, ambígua e contraditória, pois a relação entre práticas culturais com outras práticas sociais é naturalmente turva.

Fica mais claro, no entanto, que a perspectiva das Mediações está profundamente marcada pelo contexto cultural – este fortemente caracterizado por um modo próprio de perceber e narrar, de contar e dar conta. Tal armação toma a cultura como centro organizador das discussões e adota como chave lógica de seus debates a associação do cultural à noção de experiência e desta à ideia de percepção. Considerar a cultura como espaço privilegiado para se visualizar e compreender os processos comunicacionais deixa mais evidente, também, a dimensão simbólica que ela apresenta.

Do mesmo modo, uma compreensão profunda da cultura, hoje, exige recolocar continuamente as questões próprias da comunicação. Cultura funciona nessa lógica como agente catalizador da comunicação e tem, portanto, uma importante função no conhecimento do sistema social. É tanto mediadora da comunicação, quanto produto de sua mediação. Nessa construção pode-se especular a existência da cultura sem a comunicação, mas talvez não a ocorrência da comunicação sem a cultura. Afinal, se reconhecemos as práticas culturais ordinárias enquanto expressões culturais, reconhecemos as práticas comunicacionais enquanto práticas de cultura. Assim, toda e qualquer forma de cultura é merecedora de crítica e atenção no interior deste construto.

### 1.3.3. Tecnologia

A tecnologia, em especial a tecnologia vinculada aos instrumentos de comunicação (aos meios), sempre compôs as vias de problematização do construto das Mediações. Ela, porém, nos últimos tempos, com o adensamento da mediação tecnicidade, vem ocupando um lugar cada vez mais central nas discussões. Todavia, diferentemente dos debates anteriores, aqui o tecnológico assume outras roupagens e, em definitivo, o caráter de problema-objeto na discussão do comunicativo.

A tecnologia, um dos eixos temáticos na presente abordagem, indubitavelmente é categoria importante para repensar o mundo atual e as coisas do mundo atual. As perguntas que ela gera no escopo das Mediações acenam para um novo estatuto social da técnica e para o rearranjo do sentido que elas provocam quando relacionadas ao estatuto do comunicativo. O tecnológico nessa construção não tem a ver apenas com os instrumentos, mas com a expressão das transformações tecnológicas e sua competitividade, com os usos da tecnologia dos quais hoje depende em grande medida a capacidade de renovação, inclusive do social.

No orbe atual, as redes informáticas e a conexão convergente de mídias nos impingem prestar atenção à chamada colonização tecnológica do comunicativo e ao que ela tem relação com o mundo da técnica. Isso nos leva a reconhecer tal processo e identificar a técnica como categoria imprescindível de ser pensada. Pensar aí o desenvolvimento e a implementação das tecnologias ajuda a esclarecer, além do comunicacional, os nuances e a configuração do cultural, pois a materialidade tecnológica realiza a abstração de um conjunto de valores que (ligados à técnica) se articulam à comunicação e à cultura.

Obviamente que a assimilação da comunicação pela esfera tecnológica (ou da esfera tecnológica pela comunicação) tem alguns efeitos colaterais importantes de ser observados. Um deles diz respeito à perda da vitalidade política da abordagem comunicacional, flagrante em seus estudos contemporâneos alinhados no construto das Mediações. Por outro lado, pensar a tecnologia no construto das Mediações implica romper com certo positivismo tecnologista – que reduz a comunicação a um problema de meios (de instrumentos técnicos). Atentar às tecnologias, às suas formas organizacionais e aos seus processos produtivos permite, nas abordagens do comunicacional alinhada com as Mediações, além de prestar atenção à reformulação da organização industrial do comunicativo, observar com maior propriedade as mudanças nos hábitos cotidianos que transformam a relação tempo/espaço na sociedade.

Considerar essa linha de investigação não significa embarcar em uma pseudoutopia tecnológica. Implica antes pesquisar o tecnológico sem cair na rejeição maniqueísta nem tampouco na fascinação ingênua. Pressupõe tomar a problemática tecnológica situada conforme a interpretação do seu significado nas práticas sociais cotidianas. Não significa, portanto, abstrair da cultura a materialidade tecnológica, muito menos subsumir o cultural no tecnológico – principalmente quando se problematiza nesse contexto o comunicacional.

O protagonismo das tecnologias no cenário das Mediações deve, assim, ser aclarado e reconhecido. Afinal é inegável que o tecnológico é expressão representante de um processo contínuo de desenvolvimento (patrocinado pelas técnicas). Problematizar a tecnologia na armação das Mediações não significa, portanto, apagar a sua importância enquanto revolução, mas, além disso, denotar que a matriz mais profunda das mudanças se encontra noutro lugar – no lugar da cultura.

Isso delinea uma multiplicidade de questões que deslocam o problema das tecnologias dos instrumentos para os modelos de produção que implicam seus modos de acesso, aquisição e emprego. Nesse construto as tecnologias têm um papel crucial, pois, ao tempo em que intercomunicam os lugares, transformam o

sentido dos lugares no mundo rearranjando a relação entre seus discursos. Elas atuam como reorganizadores da experiência social, em um processo de distinção e reordenamento dos horizontes cultural e comunicativo. Aí nenhuma força intrínseca à tecnologia pode ser tomada como absoluta, mas sim como um processo que liberta uma energia social que sobrevém na articulação daquilo que o comunicacional permite acessar.

Este caminho alimenta a constituição de linhas de discussão próprias da armação das Mediações. Linhas estas que se abastecem das lacunas não preenchidas por outros construtos na problematização do tecnológico no comunicativo e que buscam superar estes espaços vazios ao propor outro modelo de análise. A partir dessa aproximação e do próprio desenvolvimento do construto das Mediações, o meio técnico é sim considerado importante, mas não mais tomado como autônomo, como transcendente aos demais aspectos da realidade social.

Tal armação não se restringe, assim, ao problema da técnica (mesmo reconhecendo sua importância), pois as perspectivas centradas na dimensão tecnológica da comunicação asfixiam-na. Nesse construto a comunicação não se esgota no tecnológico. Ela é antes um processo instaurado na coletividade na qual jamais se podem confundir suportes com sentidos. A inserção das tecnologias na vida social do cotidiano é, portanto, um processo que configura uma “nova situação histórica”, e aí, nesse lugar, é necessário de ser compreendida para se poder pensar convenientemente a comunicação (MALDONADO, 1999, p.207).

No construto das Mediações as tecnologias devem ser abordadas a partir daquilo que elas reproduzem (estilos de vida) e daquilo que elas produzem (novos modos de viver). Aí as transformações tecnológicas e o seu lugar perdem seu exclusivismo enquanto fato técnico e assumem outra profundidade – como agentes transformadores das relações pessoais e sociais. As tecnologias não são nesse contexto investigadas somente pela sua dimensão instrumental. Elas, conforme Martín-Barbero (2010, p.17), configuram-se, apresentam-se e são percebidas como “matriz de um modelo social”, e somente quando postas em relação com o “modelo

de sociedade em que elas se inscrevem” é que podem ser compreendidas adequadamente.

Nessa problematização, um importante *locus* de observação que se deixa revelar é o espaço da não contemporaneidade entre estas tecnologias e seus usos sociais. Esta pista de investigação se mostra fecunda ao focalizar o que há de singular no tecnológico em relação ao plural das culturas cotidianas. Tal discussão permite ativar no tecnológico as senhas que passam pelo seu uso – incluindo aí os usos anacrônicos, pois é neles que se faz mais visível a diversidade dos seus modos de apropriação.

A tecnologia na armação das Mediações nos leva a prestar atenção aos distintos movimentos que hoje fazem da técnica uma das dimensões estruturais mais importantes das mutações que atravessamos. Nesse contexto a racionalidade da técnica não pode mais ser distinguida (separada) da lógica do sistema social e também não pode mais ser tomada como mero dispositivo de excitação – antes tem de ser transformada em algo completamente distinto, em dispositivo de questionamento e de estimulação social. Isso, por mais contraditório que possa soar, é só um dos indicadores que nos permitem ver as mudanças e a profundidade dessas mudanças que convertem a técnica em um âmbito precioso de investigação. Segundo Martín-Barbero (2010, p.20), nessa experimentação “emerge um novo parâmetro de avaliação da técnica”, distinto de sua funcionalidade e operabilidade.

A tecnologia passa dessa forma a poder ser avaliada em sua capacidade de comunicar; em sua habilidade de pôr em comunhão matrizes culturais distintas (o moderno com o tradicional; o próprio com o outro; o global com o local); e, em sua disposição para fazer possível/operável uma nova configuração sociotécnica. Essa linha de problematização faz emergir um novo parâmetro de avaliação/validação da técnica, que rompe com a fatalidade da apregoada revolução tecnológica (que rompe com a combinação nefasta entre determinismo tecnológico e pessimismo cultural) e a vincula aos modos como a técnica e a cultura se comunicam servindo-se mutuamente.

Portanto, este é um pensamento acerca da tecnologia que tenta escapar do lugar-comum de inúmeras outras avaliações, sejam elas apaixonadas ou desesperançadas. Na armação das Mediações, a forma de valorização da tecnologia aponta para outra direção, aponta na direção dos novos *sensoriums* e no reconhecimento de dispositivos outros de integração e relacionamento. Tal linha de abordagem inaugura uma compreensão sócio-histórica das tecnologias, consideradas agora como estratégicas na configuração dos modos de viver. A tecnologia, nessa construção, remete tanto aos aparatos quanto aos modos de percepção e as modulações da linguagem.

Esta forma de ver nos adverte para os insumos que recheiam o sistema tecnológico e para suas diversas cumplicidades (econômicas, políticas, sociais culturais). Esta cumplicidade, diz Martín-Barbero (2010, p.22), não pode, porém, ser pensada como “automatismo de adaptação socialmente inevitável”, mas antes como processo densamente carregado de contradições (de avanços e retrocessos, de ganâncias e perdas) e como um “complexo conjunto de filtros” que regula seletivamente a multiplicidade de interações entre os distintos modos de habitar o mundo.

Prestar atenção à tecnologia é, assim, prestar atenção ao sistema que emerge de outra economia cognitiva (convertida em mediador universal), patrocinada pelas novas manifestações do tecnológico; é prestar atenção àquilo que se constitui como referente essencial dos processos e hábitos de compreensão. Daí emerge um novo sentido para a técnica, com outra figura da razão cuja discursividade constrói visibilidade.

Discutir a tecnologia nesse construto implica considerar toda a axiologia dos lugares e das funções das práticas culturais e comunicativas (da memória, do saber, do imaginário e da criação) que hoje experimentam uma séria reestruturação. Nela a visualidade do tecnológico (agora eletrônica) passa a constituir parte importante da visibilidade da cultura (e da comunicação), envolvendo tanto o entorno tecnológico quanto o novo imaginário que ele produz. Nessa armação fica fácil de perceber que a cultura e a comunicação na sociedade

também mudam quando a Mediação tecnológica (a tecnologia), especialmente a Mediação tecnológica da comunicação, muda – no momento em que ela deixa de ser instrumental para ganhar densidade e se converter em estrutural. Eis, portanto, a chave lógica para o entendimento do tecnológico nessa armação.

Este conjunto de argumentos patrocinado pela armação das Mediações, em sua via de problematização do tecnológico, acaba por emprestar novos nuances aos mapas que orientam aí a exploração do comunicacional. Tais orientações procuram dar conta do sistema comunicativo, que passa a se constituir como referente essencial na transformação dos processos de compreensão do mundo.

Conforme Martín-Barbero (2004, p.339-341), são os cruzamentos de diversas dinâmicas e sua “inserção nos complexos processos de comunicação da sociedade atual” que constituem o entorno difuso e descentrado no qual hoje estamos imersos. Nesse entorno é o cruzamento de dinâmicas que transforma a atmosfera da comunicação – cruzamentos estes que emprestam certa esquizofrenia ao modelo de comunicação configurado pela sociedade atual. Neste arquétipo, tanto o estatuto epistemológico quanto o institucional da comunicação são transformados, pois acabam por se aproximar de um modelo de análise prático do comunicativo.

Este debate nos conduz a creditar a transformação do comunicacional também ao entrecruzamento das distintas modulações tecnológicas que procuram dirimir a tendência ao autismo tecnicista e à hegemonia gerencial que parecem estar se reapoderando dos estudos de comunicação em algumas linhas de abordagem.

Fica evidente, desse modo, que as mudanças no âmbito da tecnologia reclamam que se pense um novo mapa para a armação – um mapa que dê conta da complexidade de suas relações constitutivas. Obviamente que tanto a problemática da comunicação quanto da cultura continuam sendo problemas das Mediações, porém, hoje é inegável que o tecnológico (e suas tecnicidades) constitui nesse contexto uma mediação fundamental. Pensar assim as marcas históricas e culturais

do comunicacional incorporando o elemento tecnológico (da tecnicidade) nos parece fundamental para a atualização dos debates. Isso permite compreender melhor os processos, as relações e as configurações das novas formas de sensibilidade, saber e socialidade.

Nesse sentido é importante ainda que fique claro que, mesmo no eixo tecnologia da armação das Mediações, não se pode mais confundir a comunicação simplesmente com as técnicas. Estas não são exteriores ou acessórias à verdade da comunicação, mas nem por isso são a comunicação. É o próprio Martín-Barbero (2009, p.20) que nos alerta contra o pensamento único que legitima a ideia de que a tecnologia é hoje o “grande mediador” entre as pessoas e o mundo. Segundo ele, o que a tecnologia medeia hoje de modo mais intenso e acelerado é (apenas) a “parte das transformações que ocorrem no tecido da sociedade”.

É óbvio, no entanto, que este construto nos autoriza a pensar a incorporação das tecnologias nos processos de significação. Cabe alertar, porém, que a irrupção do tecnológico e a sua enganosa contemporaneidade, por vezes, têm nos impedido de compreender o sentido real de sua apropriação; tem nos impedido de pensar a tecnologia a partir das diferenças culturais, em vez de tomá-las como meras ferramentas transparentes.

É importante lembrar também que as técnicas não se deixam usar de qualquer modo. São, em última análise, a materialização da racionalidade de uma cultura – a materialização de um modo global de organização. É inegável, porém, que no modo de organização atual as técnicas/tecnologias assumem papel decisivo; uma função não apenas conectada com sua potencialidade (técnica), mas vinculada a um processo cultural mais amplo – (de “transculturação”); um processo de “câmbio” e “intercâmbio” de relações interculturais (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.259).

Conforme Maldonado (1999, p.229), trabalhar a técnica em uma perspectiva como esta implica “demonstrar as mudanças que as (novas) tecnologias de comunicação trouxeram à sociedade”. Nessa armação a discussão

acerca da tecnologia tem de traduzir estas relações complexas que já não podem mais ser confundidas com a aplicação singela de um instrumento. Entender a transmutação da técnica (e da tecnologia) em potencialidade comunicativa é o desafio maior no presente eixo do construto das Mediações. Entender, portanto, a razão tecnológica é insumo básico (ou causa necessária) à problematização dessa outra (e emergente) modulação comunicativa e cultural.

Desse modo, a análise do surgimento e da implementação de tais tecnologias tem de ser inscrita no processo de configuração de determinado espaço sociocultural. Pois, entender o tecnológico nessa armação significa também dar cabo dos principais problemas (sociais) surgidos com as técnicas – surgidos com as transformações tecnológicas. É, no caso do comunicacional, pensar a tecnologia para além dos espaços, dos objetos e dos suportes; é pensá-la em seus processos, como novas formas de acessar o ambiente sociocultural e o conhecimento sobre ele.

No construto das Mediações, falar de tecnologia não é falar de tecnicismo e/ou à moda tecnicista. Técnica implica antes tratar das tecnologias, sem esquecer que elas não se restringem ao comunicacional, e que nem o comunicacional se resume ao que passa pelos dispositivos tecnológicos. Falar de tecnologia é, pois, falar do poder do comunicacional e não apenas do poder do tecnológico no comunicacional; é falar da não contemporaneidade entre tecnologias de comunicação e seus modos de uso; é falar tanto no sentido político quanto ético das transformações que a técnica medeia; e, também, falar da tentativa de transformação da razão instrumental (da técnica) em razão comunicativa.

Tecnologia, nesta abordagem, não remete apenas a novas máquinas ou aparelhos. Nela a problemática das novas técnicas, por exemplo, não é tomada como uma simples questão de atualização, mas como nova matriz de relação ou outro modelo social (de socialidade). Tecnologia é, nesse construto, mais que um conjunto de ferramentas ou um modelo de racionalidade, é também materialização de um arquétipo social. Nessa lógica o peso histórico da trama política do tecnológico, da racionalidade que ele materializa, tem de ser também focalizado. As

tecnologias não podem ser então fetichizadas, nem inocentadas, pois o seu domínio é antes um terreno de luta permanente que se converte em campo de criação, em campo de criatividade.

Conforme esses preceitos, as tecnologias operam ativamente sobre uma realidade que as demanda e desenha. Nessa realidade, conforme Martín-Barbero (2004, p.201), o que mais importa ver não são os instrumentos tecnológicos, mas os seus “usos sociais” – os “manuais de uso que as tecnologias trazem anexos”; os “hábitos” e as tendências que carregam, cristalizam ou difundem. Não se pode, portanto, apostar em um salto adiante, em uma mudança social desde as próprias tecnologias, sem referência aos hábitos sociais, às mudanças dos hábitos sociais cotidianos. Só assim se pode dar conta dos descompassos existentes entre as (novas) tecnologias e a (velha) forma de organização social – modelada sobre outros resíduos. Só assim se pode dar conta da forma como as tecnologias se inscrevem na cotidianidade, afetando o funcionamento da sociedade.

As tecnologias não afetam afinal a vida cotidiana desde um ponto específico, mas afetam-na em tudo – criam outra rede, um “novo tecido” que tende a substituir as velhas formas de interação social. É, pois, para este “novo tecido” que devemos voltar prioritariamente a atenção (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.203).

Como dissemos, as tecnologias não são exteriores ou acessórias à verdade da comunicação. As técnicas carregam consigo materialidades; carregam consigo uma gramática generativa e um formato de sedimentação de saberes – constituído ao longo de processos históricos. Dão expressão a uma ordem social que não mais dissocia comunicação, cultura e tecnologia. Como vimos, nela, a técnica não é mais utensílio. Fala-nos fala antes de uma relação de produção/reprodução que estabelece/define toda uma cultura – projeta uma totalidade histórica, um mundo, um universo (tecnológico) descentrado. A técnica aí reinventa o mundo.

Temos assim, em conformidade com os preceitos desta armação, de responder à pergunta pela técnica sem esquecer do vínculo existente entre tecnologias e heranças culturais. Temos de abandonar a razão dualista com a qual

estamos acostumados a pensar, pois tecnologia aqui não significa nem se traduz em automatismo (em adaptações socialmente inevitáveis ao tecnológico). O que é certo, porém, conforme Martín-Barbero (2004), é que a mediação tecnológica se espessa a cada dia, transformando nossa relação com o mundo. Essa mudança, no entanto, não tem sua origem na técnica, ela faz parte de um processo, muito mais amplo e longo, de racionalização do mundo.

Neste processo reconhecemos que as chamadas novas tecnologias (de comunicação) exercem pressão para a constituição de uma sociedade outra – mais aberta e interconectada. Porém, nela o que mais interessa debater é a assunção tecnológica (enquanto dimensão estratégica da cultura). Nestes termos, prestar atenção à tecnologia torna-se extremamente pertinente, já que parece haver ainda, por parte do comunicacional, certo desconhecimento da *techné* enquanto destreza, habilidade de fazer – de argumentar, de expressar, criar e comunicar.

Encarar a técnica como habilidade de comunicar exige que se supere sua descrição enquanto aparato ou como simples objetivação da *techné* nas máquinas e/ou nos produtos. Implica considerar que na técnica há embutidos novos modos de perceber, ver, ouvir e ler. Implica considerar o potencial de intermediação do tecnológico na experiência comunicativa – as diferentes interfaces estabelecidas entre as técnicas e os distintos espaços comunicativos.

Nessa linha de abordagem o que está implícito é a recusa do sentimento instrumental da tecnologia, tão presente nos estudos de comunicação. Nela a envergadura que a técnica possui advém justamente de sua tomada não mais como instrumento, mas como dispositivo constituinte da estrutura de conhecimento e da vida cotidiana. Nessa discussão o sentido que move a tecnologia não é tanto o do domínio da natureza pelas máquinas, mas o de desenvolvimento da comunicação para com o mundo. Tecnologia, nesse construto, não é só causa, nem só efeito – é antes parte da história, da cultura, da dinâmica da comunicação e da sociedade na qual está inserida.

## 2 TEORIA DA MIDIATIZAÇÃO

Retomamos aqui a armação da Mídiação a fim de garimpar por entre os detritos temáticos trabalhados pelo construto um modelo conceitual para suas formulações. Nesta seção nosso objetivo também é apresentar os elementos que dão forma a sua armação ao longo do seu desenvolvimento; recuperar suas matrizes teórico-metodológicas; mostrar a estrutura de seu construto; indicar suas formulação/reformulação (historicizá-las e desancorá-las); e, também, rerepresentar a discussão no entorno dos eixos temáticos que elencamos – comunicação, cultura e tecnologia.

Nesse sentido trabalhamos na construção de uma abordagem que extrapola a reconstituição histórico-descritiva, pois nossa intenção não é recuperar a etimologia dos termos manejados, mas tratar da temática conforme os preceitos cruciais do seu desenvolvimento. Esta seleção de ângulos, obviamente, leva em consideração o recorte particular de nosso trabalho e nos impinge a prestar especial atenção ao modelo de análise que a relação comunicação, cultura e tecnologia estabelece no interior do construto.

Frisamos de imediato, porém, que temos claro que o termo Mídiação não foi formulado por Muniz Sodré (2002) – autor referencial nesta problematização. Sua tomada enquanto teoria, armação e/ou construto trata-se (como no caso das Mediações) de uma convenção de que lançamos mão para falar de uma linha de investigação específica, de uma forma de abordagem teórico-metodológica particular, manejada na discussão do comunicativo.

Constatamos neste percurso que as matrizes principais que constituem a Mídiação, enquanto armação, construto ou linha de abordagem, advém de uma variada gama de fontes. Do pensamento de McLuhan, passando pela semiologia, pela análise crítica do discurso, pelas teorias da notícia, da cultura, àquelas sobre opinião pública e imaginários sociais – todos esses matizes contribuíram, em

diferentes níveis, para configurar o construto da Mídiação que aqui manejamos. Reunimos, no entanto, tais contribuições no entorno de três grandes matrizes; de três grandes conjuntos de insumos que nomeamos: matriz social-sociológica<sup>21</sup>; matriz técnico-tecnológica<sup>22</sup>; e, matriz semiológico-discursiva<sup>23</sup>.

Na configuração da Mídiação registramos, portanto, o contato com múltiplas matrizes teóricas, de relevâncias diversas, as quais trouxeram contribuições de distintas ordens às questões nesse contexto trabalhadas. Teoria da Mídiação designa, assim, um conjunto de constatações que, conforme nossa análise, empurram o foco da comunicação para suas articulações com as (novas) tecnologias e suas processualidades.

É importante frisar ainda que a discussão sobre Mídiação neste capítulo também tem como localizador um recorte espaciotemporal específico – a América Latina pós década de 1990 e, como bem dissemos, segue os pressupostos de um particular *corpus* de análise constituído principalmente por textos de Muniz Sodré de Araújo Cabral (2002; etc.), e de obras coletivas organizadas por Fausto Neto *et al.* (2008d; 2010a etc.).

Tais escolhas, assim como no construto das Mediações, também acabam por valorizar as ponderações de um ponto de vista latino-americano (e brasileiro) sobre a questão. Ressaltamos tal indicador uma vez que acreditamos que ter claro este lugar de ver é fundamental para a reconstrução dos debates aqui sugerida.

---

<sup>21</sup> A matriz social-sociológica, relacionada à dimensão socioantropológica, apontada por Ferreira (2008), engloba, resgata e se abastece na formatação da Mídiação, por exemplo, das discussões acerca da constituição dos campos sociais e do campo da comunicação – BOURDIEU (1983); RODRIGUES (2001); da construção social da realidade – BERGER & LUCKMANN (2005); e das representações e dos imaginários sociais – QUIÑONES (2010).

<sup>22</sup> A matriz técnico-tecnológica agrupa os pressupostos vinculados à teoria dos sistemas a partir de Bertalanffy e sua aproximação à cibernética através dos escritos de Ross Ashby; também resgata os escritos de Luhmann (1997; 2005) e sua “nova teoria dos sistemas”, a qual trata de aproximar esse ideário do debate da comunicação. Ela maneja ainda com os debates acerca da imersão tecnológica, do estatuto da técnica e da digitalização.

<sup>23</sup> Já a matriz semiológico-discursiva congrega, dentre outras ponderações, as discussões que são agrupadas pela análise da produção de sentidos, pela análise crítica do discurso e pela semiose social – VERÓN (1996; 1998); VALDETTARO (2010); pela problemática das multimodalidades desses discursos – KRESS & VAN LEEUWEN (2001); PARDO (2010); e, pelos contratos de leitura e situações de enunciação – BENVENISTE (1974).

Pois, a fala da teoria que adotamos também é um discurso proveniente de um lugar, e assim optamos por tratá-la.

Nessa caminhada buscamos prestar especial atenção à instalação do construto da Mídiação e a sua vinculação com a discussão do comunicacional. Nela procuramos examinar um distinto quadro explicativo relacionável às transformações próprias dos processos comunicacionais (com particular atenção à sua derivação midiática), sem esquecer, porém, de mirar as reflexões desenvolvidas em paralelo pelas outras teorias que tocam o comunicacional, os debates do construto das Mediações e também os fenômenos extramídia relacionáveis a esta discussão.

Com essa forma de discutir almejamos pronunciar a capacidade de explicação do modelo de análise da Mídiação. Não nos preocupamos, porém, estritamente com a formalização da armação, nem com o seu fechamento. Buscamos antes atentar igualmente as suas brechas, as suas lacunas, por acreditar que elas nos fornecem pistas importantes para a abertura e a consequente expansão do construto na problematização do universo da comunicação.

É notório, no entanto, que a comunicação aí (junto com a cultura e a tecnologia) é elevada ao posto de lugar estratégico de observação, pois são suas transformações – aquelas que atravessam as práticas comunicacionais, ao mesmo tempo em que são atravessadas por elas – o que aqui mais chama a atenção. cremos assim que essa mirada, além de fundamental, é configuradora de uma forma distinta de pensamento que carrega consigo marcas próprias desta distinção.

Achamos pertinente esclarecer ainda que tomamos estes balizadores por acreditarmos que eles ajudam a compreender com maior propriedade a armação teórico-metodológica da Mídiação – junto com sua capacidade explicativa e com sua pulsão de propor outras linhas de pesquisa, um novo campo de problemas e outra perspectiva de ação frente a enigmas comunicacionais já recorrentes.

Cabe ressaltar, porém, que esta é uma tentativa de reconstituição extremamente sintética dos debates acerca da Mídiação. Dela, obviamente, escapam muitos elementos. Isso, contudo, ao invés de enfraquecê-la demonstra claramente a sua riqueza e suas possibilidades de discussão combinatória. O debate que aqui apresentamos, portanto, é apenas uma das possibilidades – uma dentre tantas formas de tratamento possíveis/desejáveis da questão Mídiação.

Falar de Mídiação é, como bem dissemos, falar de uma armação, de um construto, de um programa de ação, que visa jogar mais luz ao universo comunicativo. Metodologicamente, assim como no capítulo anterior, aqui também recorreremos ao mapeamento de referências, que, mesmo incompleto, tem importância como uma das leituras possíveis acerca da Mídiação e sobre as marcas que impregnam tal construto.

Aqui, nossa preocupação está relacionada à busca de outra visada, de uma visada particular, que almeja contribuir para o desvelamento de aspectos até então não percebidos nas discussões. Buscamos, portanto, o melhor entendimento acerca da Mídiação a fim de compreender com maior propriedade o fenômeno da comunicação; e, buscamos compreender o fenômeno da comunicação a fim de compreender melhor a sociedade, a nossa realidade social, a qual vem sofrendo intensas transformações ao longo dos últimos anos.

Sabemos, porém, que algumas das perguntas (algumas de nossas próprias perguntas) acerca da Mídiação ainda não encontraram respostas. Outros desses questionamentos, no entanto, nem puderam ainda ser elaborados. É, contudo, nossa obrigação aqui tentar contribuir para a pavimentação de caminhos que, se não nos levem às respostas, ao menos nos garantam acesso a tais indagações.

## 2.1 Mídiação, o que é?

No referencial que adotamos, a falta de estabilidade das modulações conceituais utilizadas para qualificar a armação da Mídiação é flagrante. Na definição dos contornos do construto, conforme este referencial, verificamos pouca coerência interna nos postulados, além de raros pontos de consenso entre os escritos dos autores trabalhados.

O conceito de Mídiação já vinha sendo desenvolvido por Mata (1999) como expressão de uma espécie de reconfiguração da cultura midiática em direção a uma nova racionalidade produtora de sentido; e também por Verón (1998), como processo complexo, contemporâneo das lógicas que operam nas relações de produção de sentido, cada vez mais afetadas pelos meios e pelos produtos da mídia, e regido por processos mercantis de câmbio de bens simbólicos. Porém, em Muniz Sodré (2002, p.21) a Mídiação assume outro caráter. Para o autor ela passa a dizer respeito à tendência de “virtualização” (ou “telerrealização”) das relações humanas, e está presente na articulação do funcionamento institucional com as pautas individuais que as tecnologias de comunicação patrocinam.

Optamos, diante dessa variabilidade, por trabalhar no desenvolvimento de uma tipologia própria da Mídiação a fim de que, através dela, possamos melhor entender os desígnios desta armação e dos seus postulados – principalmente acerca do entendimento dos eixos nodais que elegemos: comunicação, cultura e tecnologia.

Nessa construção, os tipos de Mídiação que elencamos (Mídiação de primeira ordem; Mídiação de segunda ordem; e, Mídiação de terceira ordem) estão relacionados intimamente às etapas de instalação/apropriação do conceito por entre os estudos do comunicativo. Nessa leitura, tais tipos se apresentam conforme três ordens distintas (traduzem três ordens de

Mediatização), as quais, apesar de marcadas, são complementares e atestam antes de tudo a evolução/complexificação dos debates patrocinadas pela armação no estudo do comunicacional.

No cerramento de tais ordens, primeiro atestamos sua vinculação com um tipo particular de organização social (de sociedade), depois buscamos sua forma de tratamento da mídia e do midiático; e, por último, sua particular definição de Mediatização. Obviamente que a proposição desta tipologia não pretende esgotar tais questões. Almeja antes organizar suas contribuições com o objetivo de permitir emprestar materialidade aos eixos temáticos que aqui elencamos e concretude à análise comparativa que propomos para o enfeixamento final da discussão.

É importante ressaltar ainda que a Mediatização, nessa particular abordagem, é tomada em processo, enquanto processo histórico que sofre agência de inúmeras e variadas pressões ao longo do seu desenvolvimento/instalação. Cremos, no entanto, que é esse deslocamento da Mediatização para o lugar dos processos que abre caminho para sua problematização no *locus* em que ela atua; que abre caminho para a visualização do processo de Mediatização da/na sociedade.

### **2.1.1 Mediatização de 1ª ordem**

Na Mediatização de primeira ordem (em sua primeira paisagem) destacamos a imbricação dos postulados para com a chamada “sociedade midiática” – aquela caracterizada pela existência dos meios de comunicação (VERÓN, 2004) – e na qual as mídias se distinguem por sua “centralidade” e “protagonismo” (MATA, 1999). Os meios, nessa organização, estão a serviço do arranjo de novos processos de interação entre os campos sociais, conforme os preceitos de uma espécie de prática de “regime representacional” (RODRIGUES,

2000) – aspecto que aponta para a autonomia relativa de que dispõem tais ferramentas face à existência dos demais campos e suas dinâmicas.

É, na verdade, na passagem da sociedade dos meios (marcada pela atuação dos instrumentos de mídia na intermediação da interação e na regulação ritual entre os campos sociais) à sociedade midiática (na qual a mídia passa a ser tomada como produtora de real) que se estabelecem os primeiros debates acerca da ideia de Mídiação.

O aparecimento dessa discussão tem relação óbvia com a progressiva autonomia que as mídias assumem e com o seu papel protagonista na construção das realidades e dos seus sentidos – com o papel dos meios na construção midiática da realidade. Nessa forma de organização social o que conta no debate ainda são as “coisas”, porém o que mais conta são as coisas que passam pela mídia. Nela, claramente se pronuncia a agência do midiático sobre as demais esferas (campos) sociais.

Nessa fase da organização social as mídias são tomadas como atores principais, são protagonistas, e a sociedade com que elas se relacionam é marcada fortemente pela presença dos meios. Nessa sociedade o campo das mídias coordena a interação entre os demais campos sociais e sua legitimidade é, por natureza, delegada de outros campos que também constituem o social. Nesse período, apesar do pronunciamento da influência das mídias, os meios continuam sustentando uma nítida barreira entre produtores e consumidores e, com essa separação, as relações de força no processo comunicativo continuam a pender para o lado da produção.

Segundo Verón (1997), a mídia nesse contexto ocupa um lugar central e faz a intermediação entre os campos e seus atores. Em muitos casos, ela é inclusive a única forma de ligação entre ambos. Mídia nesse tempo ainda é meio – faz mediação entre A e B. Refere-se, em última análise, a um instrumento de representação do real. Nessa ordem, ela diz respeito a um conjunto de meios técnicos que dão forma a um contorno particular de comunicação. Mídia

designa, ainda, o meio, o veículo de comunicação ou o conjunto formado pelos veículos de comunicação.

Os aspectos lineares, calcados no modelo representacional que a mídia nessa fase patrocina, são norteadores da abordagem. Neste modelo temos separados, de um lado, o real-histórico (a vida social, as práticas institucionais e a cultura) e, de outro, os mecanismos de representação, os mecanismos de reprodução dos discursos sobre o real (os meios de comunicação, por exemplo). O isolamento e a diferença entre os entes ainda definem o processo comunicativo e cada um dos elementos é distinto e exterior aos outros. Em tal modelo a comunicação ainda obedece a uma linearidade mecânica, cuja formalização permite o cálculo.

Nesses primeiros tempos da Mídiação, conforme Rodrigues (2000; 2001), as mídias desempenham um papel regulatório e o campo por elas constituído (o campo midiático) possui apenas uma autonomia relativa. A centralidade da mídia representa, portanto, apenas que suas lógicas de funcionamento têm afetado os outros campos, patrocinando cruzamento de interesses, negociações, disputas e inter-relações. Para Rodrigues (2001, p.171), a “natureza” do campo das mídias, aí, está intimamente associada ao “desempenho das funções de regulação”, tomadas como “indispensáveis” à gestão das relações entre os diferentes campos sociais.

No entanto, cabe ressaltar que mesmo de uma maneira enviesada é nesse contexto que se começa a constatar (na prática) a apropriação das lógicas do campo midiático por outros campos sociais. Num movimento de abertura e abarcamento, a mídia passa a ser nuclear e extrapola suas formas de funcionamento (expande as suas lógicas) para as demais esferas do social.

A partir desse momento, os mecanismos e as regras próprios do fazer midiático não ficam mais restritos aos meios, mas passam a modular as práticas de outros atores sociais. Verifica-se a partir de então uma forte tendência de “autonomização do campo midiático”, o que demonstra de forma antecipatória os

primeiros sinais do novo *status* que o midiático assume posteriormente e os indícios da “nova” realidade que a mídia a partir de então patrocina (RODRIGUES, 2000, p.171).

Essa discussão só funciona, contudo, se admitida como válida a ideia de Luhmann (1997) acerca da possibilidade de acoplagem estrutural entre os campos sociais. É sabido que a partir daí se faz possível considerar que os diferentes campos sociais se conectam uns com o outros, disputando sentidos. Essa possibilidade de articulação é enfim quem autoriza cogitar a apropriação dos processos midiáticos pelos demais campos, a fim de atualizar sua existência.

Por outro lado, aí também se começa a “dessacralização” simbólica do campo das mídias. A partir daí o midiático não se restringe mais a um momento ou lugar específico. Não pode mais ser tomado como um horizonte separado. É antes relacionado à ordem midiática que se instala em definitivo no cerne da vida cotidiana. Nessa nova ordem, e em decorrência dela, o regime de funcionamento do midiático é acelerado e ele passa a se inserir em todos os estratos do ordenamento social – o que dá margem à ocorrência de diferentes “zonas afetação” do midiático para com os diferentes campos sociais.

Os campos sociais aí são permeados pelas lógicas e operações dos meios e se valem dessas lógicas. É então pressuposto nessa ordem da Miatização que há coexistência entre o midiático e os demais campos sociais, os quais são diretamente afetados pelo processo de Miatização. Porém, o midiático, mesmo ainda atrelado aos suportes tecnológicos, começa seu movimento de extrapolação para outras esferas da realidade – processo este clarificado na discussão subsequente acerca das demais ordens do processo miatizador.

Parece, no entanto, que nessa etapa o princípio do comunicar sofre influência, mas não chega a ser modulado integralmente pelo midiático. A análise comunicacional aí ainda se dá através dos meios, dos seus marcos institucionais, e o objeto das análises (de forma muito restritiva) continua sendo a mídia. Em outras palavras, o que esta etapa da discussão acerca da Miatização realiza é

reafirmar a centralidade dos meios, da mídia e do seu campo de atuação. Essa ordem da Mídiação ainda concebe o ato comunicativo como um processo constituído por instâncias separadas e que em determinado momento se põem em relação.

Ela também se assenta e manipula com uma visão representacional do mundo e com o papel de representante dos meios. Nesta etapa as observações de Fausto Neto (2006a) atestam que, embora se reconheça o pronunciamento do processo de autonomização do campo das mídias, os meios ainda ocupam uma posição representacional, na medida em que fazem veicular algo que estaria fora do seu âmbito, ou seja, nos outros campos sociais.

Para Fausto Neto (2007a, p.20) este momento precedeu e constituiu, ele mesmo, as bases dos estudos que mais tarde começam a relacionar o “campo dos mídia” com os demais campos sociais; e, emerge da relação aí nascente a questão dos “processos midiáticos”, os quais, na medida em que a Mídiação avança, ganham cada vez mais força diante das outras práticas sociais.

Fica claro, dessa forma, que a abordagem da primeira ordem da Mídiação ainda considera o campo das mídias como mediador. Porém, é a partir dela que se possibilita começar a visualizar o midiático como centro da ordem social, como mobilizador de sentidos comuns e como uma nova forma de experiência do mundo. É esse enfoque que aponta os primeiros indícios daquilo que depois virá a ser qualificado como sociedade midiática. A partir daí a discussão avança rumo à autonomização do campo midiático, o que de certa forma já antevê uma nova ordem para as discussões.

Este primeiro ordenamento da Mídiação é, portanto, unilateral e direcionado para os meios. Nesse âmbito, Mídiação diz respeito ao pronunciamento da influência dos meios técnicos de comunicação sobre outras instâncias do social – diz respeito à descoberta de novos territórios palcos de atuação do midiático. Nesse contexto falar de Mídiação ainda é falar da

colonização do midiático nos demais campos sociais ou da expansão da lógica da mídia por entre estes campos.

Nessa etapa a compreensão da Miatização segue especialmente o conceito formulado por Verón (1997), no qual a mídia toma um lugar central na sociedade, afetando as relações entre as instituições e os atores individuais. Miatização nessa fase se refere a um processo de mudança social através do qual os meios se tornam cada vez mais autônomos em relação às demais instituições e, ao mesmo tempo, aumentam a sua influência sobre atores, instituições e processos outros que não só os midiáticos.

O conceito de Miatização, que já vinha sendo desenvolvido por Mata (1999) como expressão de uma espécie de reconfiguração da cultura midiática em direção a uma nova racionalidade produtora de sentido, cresce, e a partir dessa discussão passa a se referir também à articulação entre as múltiplas instituições e as mais diversas organizações de mídias. Miatização, assim, está associada à forma transversal de afetação das lógicas e operações midiáticas por entre os campos sociais e suas diferentes práticas. Relaciona-se às implicações dos meios nas transformações das práticas sociais e às interfaces de sentido entre os meios e a sociedade.

A Miatização aí afeta os campos e, conseqüentemente, seus modos de operar e suas lógicas de funcionamento. Ela diz respeito ao imbricamento do funcionamento da estrutura social com a lógica das mídias, a partir do qual decisões, argumentos e ações passam a ser gestados obedecendo à deliberação do midiático.

Conforme Fausto Neto (2008b, p.109), Miatização tem a ver com a “diluição das competências midiáticas por entre os campos sociais” e, nessa ordem, emerge quando o campo das mídias assume as rédeas da mediação de outros campos; quando se ressalta o trabalho de tematização que os meios realizam; e quando se evidencia seu papel regulador nas relações entre os diferentes campos sociais. Miatização nesse contexto está ligada com o modo de relacionamento

entre os campos sociais e com a subordinação das ações e agendas de outros campos aos desígnios dos processos das mídias.

A Mídiação, nessa ordem, tem relação, portanto, com os processos adaptativos de assimilação do midiático pelos demais campos sociais; com os processos de construção social da realidade e com os procedimentos de ação próprios das mídias.

Pensar aí a Mídiação implica antes pensar a relação entre as construções dos meios e as construções interpretativas da sociedade – uma vez que a realidade não pode mais ser tomada como um dado acabado.

Nessa construção a Mídiação se relaciona ao trabalho das mídias e constitui uma espécie de prática organizada que, via diferentes aparatos, trabalha no engajamento dos sujeitos para com as diferentes realidades criadas pelas mídias. Mídiação nesse contexto trata, além da concentração de recursos simbólicos nas instituições da mídia, do transbordamento e da assimilação de sua lógica.

Para Muniz Sodré (1998, p.09), Mídiação, nessa primeira ordem, é “o nome que recebe o processo de articulação do funcionamento das instituições sociais com os meios de comunicação”. Nessa fase Mídiação versa sobre as transformações das práticas sociais por meio dos dispositivos técnico-simbólicos das mídias e dos modos como estes processos afetam tais práticas.

Num segundo momento, porém, como bem lembra Fausto Neto (2006a), com o avanço dos debates acerca da Mídiação aprofunda-se essa compreensão e se busca mostrar que o trabalho das mídias já não mais se restringe a construir a realidade, mas também desloca a ênfase para evidenciar o que depois se chama realidade dessa construção. Nesse novo degrau a Mídiação já não trata mais de focar a tarefa representacional das mídias, mas, antes, de trazer para o centro dos debates as suas formas de produção de realidades, descrevendo, ao mesmo tempo, os mecanismos produtivos que as engendram.

### **2.1.2 Mídiação de 2ª ordem**

Na sociedade midiática (típica da Mídiação de segunda ordem), Mídiação passa a ser o processo de referência que organiza a vida social. Nessa organização o social é marcado pela intensiva inscrição das tecnologias e pelas transformações que elas patrocinam no ambiente societário. Sociedade midiática aí é tomada como um novo ambiente social sustentado por práticas e lógicas distintas da forma de organização social anterior. Neste arranjo estrutura-se um novo modo de organização, cujo funcionamento tem como referência a força da existência dos meios (como na ordem anterior), mas onde suas práticas significantes (a dos meios) passa a afetar a realidade das práticas sociais – mesmo que de distintos modos e intensidades – passa a afetar a realização das mais distintas práticas cotidianas.

Inaugura-se, com a sociedade midiática, um novo paradigma comunicacional: o da conexão, cuja demanda social que o origina é incompatível com o modelo das tipificações sociais anteriores (da sociedade midiática). Na sociedade midiática, a mídia deixa de ser caracterizada como um meio técnico e passa a ser tomada como dispositivo que organiza o fluxo e o andamento da vida social em seu tempo, em seu espaço e em sua estética.

A partir de então as relações sociais passam a ser regidas por protocolos que se apoiam na lógica da mídia, os quais, ao mesmo tempo em que regulam, emprestam materialidade a um novo espaço social de interação. Nesta etapa contam mais os processos do que as coisas; conta mais a capacidade de acelerar, de amplificar e aprofundar tendências que o midiático promove ou patrocina – pois, aqui, já são midiáticas todas as esferas do social (o sistema educativo, as formas de representação, as práticas religiosas, os modelos de consumo e as formas de uso dos espaços).

A configuração da sociedade midiaticizada permite assim densificar a problematização da relação representação/apresentação da realidade. As discussões patrocinadas pela Midiatização nesse ponto se relacionam à percepção da chamada falência da representação e correlata ascensão da apresentação como agente configurador de uma nova era. Nesse debate, ao se admitir o sucumbir da representação, admite-se também a falência da noção de mídia enquanto dispositivo mediador (limitado a promover interações entre atores e campos sociais distintos). Inicialmente “dispositivos de representação do real”, os meios passam à categoria de “instâncias de produção das realidades”, para, finalmente, neste segundo degrau da Midiatização, se converterem em “sujeitos organizadores da própria vida social e simbólica” (FAUSTO NETO, 2004, p.25).

A mídia, a partir de então, não é mais concebida como suporte material ou um meio técnico, é antes tomada como dispositivo – como um lugar complexo constituído de materialidades e subjetividades que orientam, hierarquizam e co-determinam os sentidos (MOUILLAUD, 1997)<sup>24</sup>.

Segundo Fausto Neto (2005a, p.03), a noção de dispositivo aparece assim como importante elemento para compreender as transformações patrocinadas pela Midiatização de segunda ordem, pois articula os chamados “processos de fabricação” da realidade com os saberes e regimes de crença próprios de uma determinada época. O dispositivo, nestes termos, produz e reproduz práticas e se instaura nos diferentes âmbitos do social, destacando-se como ponto de aplicação dessas crenças e dos seus saberes.

Nesse ordenamento, os dispositivos comunicacionais passam a corresponder tanto às operações quanto aos operadores que explicitam e atualizam as forma de se relacionar, as formas de comunicar. Aí os dispositivos midiáticos passam a atuar no redesenho das ações pelas quais ocorre a vinculação

---

<sup>24</sup> Nesta ordem da Midiatização a noção de dispositivo surge como um conceito capital para se compreender as mutações do midiático e da sociedade na qual ele se insere ou configura. O dispositivo neste debate pode ser tomado como uma matriz que impõe as suas formas junto com o seu modo de estruturação do tempo e do espaço (MOUILLAUD, 1997, p.35). Sobre a noção de dispositivo, ver especialmente a edição número 25 da Revista *Hermès* – “*Le dispositif: entre usage et concept*”. Paris: CNRS Éditions, 1999.

– eles fazem funcionar as relações, emprestando-lhes materialidade e sentido. Conforme Fausto Neto (2005c, p.46), além disso, os dispositivos possibilitam a articulação de um “discurso sobre o discurso”, na medida em que permitem perceber que a fala da atualidade não está mais em um referente, mas nas “disposições” que se configuram em uma determinada realidade.

Com a discussão acerca do dispositivo a noção de Mídiação se alarga e assume nuances de questão de grande complexidade, basicamente por sua relação com a existência de uma nova natureza sociotécnica em vias de configuração. A complexificação tecnológica dos dispositivos muda, portanto, os ambientes, as temporalidades, as práticas sociais, os processos, o *status* dos sujeitos, as lógicas de contato entre eles e os modos de envio de uns para com os outros – diluindo assim fronteiras outrora cristalizadas em favor do aparecimento de inúmeras indeterminações, mas também de novas zonas de contato.

Nestas zonas de contato a mídia ainda pode ser assumida como dispositivo que configura uma forma particular de mediação. Porém, ela tem de ser compreendida a partir daí como lugar central de construção dos vínculos entre os sujeitos e seus campos sociais – construção esta que se dá por meio de complexos e distintos processos socio-simbólicos. Conforme Fausto Neto (2004, p.25), a mídia, nesta segunda ordem de Mídiação, funciona como “sujeito organizador” da própria vida social e simbólica.

Nessa fase os meios passam a atuar na instituição de processos de “re-encantamento do mundo”, os quais se fazem menos conforme as representações clássicas, e mais segundo uma nova “vivência apresentativa” (MUNIZ SODRÉ, 2002, p.23). O campo das mídias aí se converte em dispositivo que, além de narrar, age sobre o espaço, colocando em funcionamento estratégias que apontam novos caminhos para as práticas sociais.

No entanto é conveniente lembrar que, segundo Fausto Neto (2005b, p.05), essa “apresentação da realidade” tomada como prerrogativa pelas mídias a partir desse momento não se dá por entre fronteiras próprias de um território, dá-

se antes em meio a redes complexas e “feixes de relações” – estruturas, dinâmicas e procedimentos que se co-determinam de diferentes formas no interior das práticas sociocomunicacionais. Tais redes permitem vislumbrar, sob o signo da segunda ordem da Mídiatização, novas modalidades de vinculação social. Possibilitam, conforme Fausto Neto (2005a, p.20), antever um “novo modo de organização societário” autorizado pelo que se pode chamar de esfera tecnodiscursiva.

As mídias nesse contexto têm, por conta de sua própria autonomia operacional, a possibilidade de funcionar como “dispositivo redutor de complexidades”. Ou seja, através de leis e regras próprias, elas começam a estruturar práticas e rotinas que visam regular as construções de outros sistemas, os quais, a partir de então, passam a ser organizados segundo as leis próprias do midiático. Nesse caminho as mídias tornam-se cada vez mais autorreferenciais e seus dispositivos de produção começam a operar na cristalização cada vez maior de sua autonomia, independente de outros ambientes ou campos.

Conforme Fausto Neto (2005c, p.31), o conceito de “*autopoiesis*”, resgatado da teoria geral dos sistemas, está na base das explicações sobre a “autorreferencialidade midiática” dos tempos da Mídiatização de segunda ordem – dos tempos da “realidade da construção” e não mais de “construção da realidade”. Tal ideário é retomado nessa discussão como prática onde determinado sistema produz e desenvolve segundo operações específicas realizadas no âmbito da sua própria fronteira, mesmo que ainda se mantenha em contato com outros sistemas.

Essa lógica indica que o sistema midiático aí estabelecido se mantém ocupado por um tempo com o processamento de estimulações que ele mesmo produz para a sociedade. Nesse contexto, conforme Luhmann (2005, p.17), a realidade é sempre correlata às próprias operações do sistema; sempre uma construção própria. Teoricamente é a percepção desse trabalho de “recursividade interna” às suas próprias operações que dá origem ou permite problematizar o fenômeno da “autorreferencialidade midiática” no segundo degrau da Mídiatização.

Nesse novo tempo o sistema é alimentado e realimentado por operações internas, por suas rotinas e por sua cultura, e a partir desse processo ele as desenvolve a fim de que estas possam dar continuidade a sua existência e ao seu funcionamento. Trata-se assim de um modelo que busca em si mesmo as regras dos seus processos de construção.

Obviamente que, como pondera Fausto Neto (2005c, p.31), esse processo de “autofabricação de realidade” é permanentemente irritado por operações de outros sistemas. Porém, para o autor, é nesse nível que o sistema midiático desenvolve um peculiar trabalho – deslocando a ênfase acerca do mundo que relata para as operações que procuram dar conta do trabalho próprio desta realidade fabricante (para a realidade do dispositivo midiático).

Vale lembrar que, nesta fase, apesar de fechado em suas operações, o sistema midiático mantém-se em contato com outros sistemas, e que seu modo de relação para com eles é fazê-los existir via apropriação de temas, de suas atividades, transformando-os em relatos que são operados no âmbito do midiático. No entanto é notório que, com o avanço da Midiatização, o sistema cada vez menos se reporta aos temas externos e mais às operações que realiza para instituir os processos de acoplamento. Em última análise é nisso que reside, da parte da mídia em tempos de Midiatização de segunda ordem, a pulsão de falar de si própria.

Como bem sabemos, este debate está relacionado a uma tendência pronunciada de abandono da perspectiva tradicional da teoria dos sistemas na discussão do midiático-comunicacional e à conseqüente introdução de referências cada vez mais explícitas ao ambiente – ao meio-ambiente ou à ambiência – na sua problematização. O alastramento das lógicas de mídia pelos diversos campos da sociedade ressalta assim a dinâmica que movimenta a ordem social e que proporciona na Midiatização da sociedade a constituição de uma nova ecologia.

Conforme Muniz Sodré (2002), aí o midiático-comunicacional não está mais necessariamente atrelado aos suportes tecnológicos. Ele extrapola para outras esferas da realidade. Essa extrapolação do midiático se faz pelo fato de,

nesta ordem da Mídiação, o próprio princípio do comunicar passar a ser modulado por características midiáticas (midiatizadas), o que torna essa nova forma de ser uma prática corrente e hegemônica no cotidiano social.

Obviamente que os meios ainda têm influência na análise comunicacional em tempos de Mídiação de segunda ordem, mas esta influência se dá agora a partir de outro lugar, do lugar da processualidade. Nessa fase, os objetos de análise se relacionam muito mais às práticas e a seus processos do que especificamente à materialidade dos meios. Em outras palavras, este debate reafirma a importância dos meios (da mídia), mas aproxima as análises midiático-comunicacionais do universo dos processos, do patamar das processualidades.

A discussão das processualidades contribui para a ruína do paradigma representacional. Estes debates ajudam a questionar os aspectos lineares do modelo de representação, que em muitos casos mistura, de uma forma caótica, o real-histórico e os mecanismos representativos, demonstrando claramente a necessidade de sua rediscussão.

Dessa forma, as processualidades, ao tomar o processo comunicacional como fruto da interpenetração dos sujeitos para com o meio ambiente técnico e natural, empurra a discussão da Mídiação para o lugar dos processos, para as instâncias de agência e para as transformações nos protocolos de interação social daí resultantes. Aí as diferenças e as defasagens processuais, além de fazer o circuito funcionar, apontam para as particularidades do processo comunicativo. Com ela o ato comunicativo se estabelece a partir de um tipo especial de relação celebrada entre as instituições e os sujeitos.

Nesse momento começa a chamar atenção, porém, a “dimensão atorizante” do campo da mídia, o qual passa a intervir de modo cada vez mais peculiar em processos outros, em outras práticas sociais. Conforme Fausto Neto (2008b, p.120), é nesse contexto que se começa a perceber os fundamentos sobre os quais repousa a “nova forma de conceber e instituir a realidade” e a sua ambiência. É nesse tempo que, para o autor, as distintas práticas de interação passam a ser

regidas progressivamente por “protocolos midiáticos”, os quais geram processos intensos de afetação entre os campos, nos vínculos dos atores de determinado campo e também nas suas formas de vinculação com as demais práticas sociais.

As operações das mídias se inserem aí em um quadro no qual os processos de construção de sentido representam um trabalho específico de Mídiação. Mídiação que, a partir de então, passa a se referir ao processo acelerado de colonização dos lugares recém-descobertos pelos dispositivos midiáticos, conforme a própria lógica dos meios – conforme a lógica dos dispositivos de mídia.

Mídiação, nessa ordem, tem a ver com as transformações nos processos simbólicos engendrados pela mídia e representa uma atividade social específica a partir da construção de outras socialidades. As mídias nesse contexto fazem funcionar seu aparato por meio de operações através das quais suas práticas dão inteligibilidade aos fenômenos. Mídiação aí se relaciona com o papel do campo midiático na construção e publicização das novas formas de vida e no redesenho das práticas sociais.

Nesta etapa, como dissemos, a Mídiação da sociedade é entendida através das suas processualidades, as quais partem da ideia de interagência entre distintos campos e suas lógicas e têm como base a noção de “zonas de afetação”, explanada por Fausto Neto (2006a). O processo de Mídiação nesse contexto se envolve na constituição de uma nova realidade que vai muito além dos meios e que se configura como um dispositivo tecnocultural que emerge historicamente no momento em que o processo de comunicação é técnica e industrialmente redefinido pela chamada explosão da informação. Segundo Muniz Sodré (2002), Mídiação, nessa ordem, tem relação com a disseminação das tecnointerações na vida social – entendidas como aquelas interações realizadas pela tecnologia. Isto a configura como um processo abrangente e de grande peso na vida social de nosso tempo.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Braga (2006) encara a Mídiação como processo interacional de referência capaz de construir a realidade e, por isso, ser processo social gerador de tecnologia. Para Ferreira (2008), no entanto, a Mídiação nessa fase é resultado da relação mútua e determinante entre dispositivos, processos

Midiatização de segunda ordem se faz, desse modo, no interior das processualidades que transformam as dinâmicas tecnodiscursivas à moda de sua própria lógica de funcionamento. Esta linha de abordagem defende que é através desse processo (da Midiatização) que é possível compreender o funcionamento da sociedade, a qual está, cada vez mais, se autopercebendo a partir do fenômeno midiático.

### **2.1.3 Midiatização de 3ª ordem**

Consequentes à introdução de referências cada vez mais explícitas ao ambiente – ao meio-ambiente ou à ambiência midiática – surgem então as discussões da terceira ordem da Midiatização. Tais debates estão vinculados à ideia de sociedade da Midiatização ou da Hipermediatização. Nela, em comparação com os demais ordenamentos, o que conta decisivamente são os resultantes do processo (o que ele gera) e o ecossistema que configura.

Conforme Luchessi (2010, p.94), esse cenário ocasiona uma “ruptura” com as lógicas midiáticas que até então imperavam. Para a autora, é através das fendas abertas por esta ruptura que se pode pensar a chamada Hipermediatização – processo derivado, mas distinto, da ideia de hiperinformação. Em tempos de Hipermediatização, segundo ela, cria-se uma “nova atmosfera social” (um novo *bios*, um novo ecossistema), fora da qual não é possível mais viver.

Nessa sociedade o que muda não são apenas os processos midiático-comunicacionais, mas também a forma de acesso, estudo e problematização desses processos. Aí, a nova tipologia dos meios que caracteriza a sociedade permite a rediscussão acerca das ferramentas de análise, dos atores que nela intervêm e dos

---

sociais e processos de comunicação. Gomes (2006), por sua vez, trabalha a Midiatização no âmbito de um processo social complexo engendrado por mecanismos de produção de sentido social. Nele a Midiatização se insere nas dinâmicas das instituições sociais, pois é um fenômeno que transcende em muito aos meios.

meios pelos quais ela se produz. Isso porque mudam as condições tecnológicas, as apropriações sociais das tecnologias e seus usos, os enfoques críticos que estas apropriações supõem e as formas de adequação dos meios às novas formas de produção social de sentido.

Na Mídiação de terceira ordem a análise do comunicacional também muda de ordenamento (de estrato e de estado) – não se dá mais a partir do meio, nem dos seus processos, mas a partir da própria atmosfera que o regula e constitui. Nesse contexto o objeto de análise do comunicativo está relacionado à própria ambiência que ele configura.

Os dispositivos tecnomidiáticos nessa esfera são tomados como a ponta visível do *iceberg*, o agente indicador de um novo mundo, de uma mudança epocal configurada pelo agravamento do processo de Mídiação. Nessa nova época o *bios* midiático passa a incidir profundamente no tecido social, o que ocasiona o surgimento de uma nova ecologia comunicacional, intimamente relacionada a outro modo de ser e estar no mundo. Neste tempo, na medida em que avança o processo de digitalização, a mídia deixa em definitivo seu espaço de canal para assumir sua centralidade progressiva – não somente cultural, mas também econômica e política. Nessa nova ambiência a mídia se transforma em agência reguladora e, como agência, passa a superintender a vida nesse novo *bios* ou ecossistema.

No novo ambiente configurado não existem, portanto, mais entes internos ou exteriores. Produção e consumo não são mais mediados, mas constituídos por esta nova ambiência. Nela o midiático não se relaciona apenas aos suportes tecnológicos, ele se converte na própria realidade – é tomado como substitutivo dessa realidade. A sociedade da Hipermídiação, assim, permite conhecer novas tendências, práticas e sistemas de institucionalização. Ela pressupõe o crescimento das relações entre atores diferenciados – relações estas agora marcadas pela instantaneidade. Para Luchessi (2010, p.98), com esse marco, as possibilidades tecnológicas dos novos meios tornam-se centrais para a construção da “nova Mídiação”, na medida em que é através das superfícies midiáticas que as

relações sociais, econômicas e culturais se transformam em ato e de modo imediato.

Nesse cenário as mídias demudam um conjunto de vetores que estruturam a chamada nova ambiência societal e, assim, com o seu aprofundamento (com Hipermidiatização), elas se instalam em definitivo no centro nodal das relações sociais. Este último grau de extrapolação do midiático configura uma nova forma de ser. Nela o comunicacional é praticamente impossível de ser abordado sem o midiático. Em sua tomada o foco não está mais nos meios (na mídia), mas no ambiente que eles configuram.

Nessa linha de discussão abandona-se de vez o paradigma que se assenta em uma visão representacional do mundo. A partir de então, real-histórico e mecanismos de representação podem ser fundidos e uma nova era do sensível pode enfim ser inaugurada – era esta atrelada à configuração da nova ambiência social. Isolamento, diferença e defasagem aí não são mais passíveis de ocorrência (quando tratamos do comunicativo), pois estas concepções ainda estão vinculadas ao ideário teórico da representação que tem como modelo de análise um modo linear de articulação.

Esta linha de debates considera que deixa de existir uma realidade objetiva e universal do mundo, separada e exterior aos sujeitos. A realidade nesse contexto forma o sujeito (e vice-versa). Circularidade e ação se impõem à atividade de investigação do comunicacional, a qual inaugura uma nova metafísica onde tudo se comunica (e tudo é comunicação). Tal constatação, porém, não deve ser confundida com um exagerado otimismo comunicativo, aos moldes do otimismo tecnológico de McLuhan.

Nesta etapa (da midiatização enquanto ambiência) também assumem importância fundamental as ideias de fluxo e circulação; assumem importância os dispositivos de fluxo e circulação – não só de materialidades, mas também de imaterialidades, de operações de produção de sentido. Neste construto, segundo Fausto Neto (2006b), é na “esfera da circulação” e no âmbito das condições em que

esta se realiza que as realidades são afetadas pela Mídiação. É nela e por ela (circulação) que se produzem novas formas de interação, até então não previstas. Problematizar este espaço possibilita, portanto, vislumbrar além dos chamados “atos sociais da comunicação”, ver suas redes tecidas – além dos vínculos, enxergar o fluxo efetivado por entre elas.

Tais considerações deixam evidente que, nesta ordem da Mídiação, as operações midiáticas têm na lógica dos fluxos seu motor principal. Conforme Fausto Neto (2009a, p.10), neste contexto o “conceito de circulação” sai de uma região invisível e também se complexifica. Ele permite, ao mesmo tempo, analisar os processos históricos, observar o avanço das transformações dos regimes sociotécnicos (principalmente aqueles engendrados pela Mídiação) e mapear suas repercussões sobre a organização social.

Problematizar a Mídiação por esse viés exige, dessa forma, uma mudança de *status*. Exige sua própria transformação em dispositivo sócio-técnico-discursivo, que passa a reformular decisivamente os processos de interação. Nesta via, a emergência do conceito de circulação, associada à noção de dispositivo, está diretamente relacionada com as alterações tecnológicas que engendram e complexificam os cenários e as plataformas da comunicação midiática. Nesses cenários, a noção de fluxo confirma a tese de que as mídias não são mais apenas compêndios de um processo interacional, mas oferecem (elas próprias) seus postulados e suas lógicas para a conformação de uma particular organização social, de uma particular ambiência societal.

Nesta construção, o conceito de circulação, que antes era associado à noção de “defasagem” (por chamar atenção às diferenças entre as relações das gramáticas de produção e de recepção), passa a se aproximar da ideia de “pontos de articulação” (avançando como um novo universo de pesquisa). A circulação, neste debate, é nomeada como dispositivo a partir do qual se realizam os trabalhos de negociação e de apropriação de sentidos, segundo postulados não lineares (FAUSTO NETO, 2009b, p.08). O conceito de circulação supera dessa forma a noção de zona/dispositivo de passagem, muito por conta do deslocamento da ênfase dos

estudos na sociedade de Hipermediatização. Aí fica clara a complexificação da abordagem do processo comunicativo, o qual não pode mais tratar apenas da supressão dos lugares da produção e da recepção, mas de sua subordinação à configuração de uma nova ambiência e de novos regimes de discursividade.

Nesta ordem de Miatização a circulação deve ser tratada, portanto, como um “terceiro”, como um “novo lugar de produção, funcionamento e regulação” de sentidos – como uma “zona de indeterminação” na qual, no lugar das regras, emergem estratégias e cujas lógicas apontam mais para diferenças do que para convergências (FAUSTO NETO, 2010b, p.60-62). Conforme Fausto Neto (2008c, p.53), isso transforma o modo de fazer da mídia numa espécie de “acontecimento singular”, que espraia e alardeia o seu modo de dizer enquanto trabalho enunciativo de referência. Entendida nesse contexto como uma “forma de ação”, a enunciação midiática passa a impor novos desafios ao trabalho de sua problematização.

Tais fenômenos evidenciam certa evolução do “modo midiático de enunciar realidades”, na medida em que a sua própria atividade, enquanto ato de construir vínculos sociossimbólicos, sofre a injunção dos efeitos das transformações dos processos sociotécnicos oriundos da Miatização. Em decorrência disso, Valdetaro (2008, p.75) fixa seu olhar na específica materialidade da Miatização e, desde essa dimensão significante, propõe explorar os modos de construção do vínculo social na atualidade. Para a autora, a base material a partir da qual hoje se produz sentido também tem a ver com um momento específico da Miatização (com a ordem da Hipermediatização).

O alastramento das lógicas de mídia e o seu patrocínio na configuração dessa nova ambiência ressalta, portanto, a dinâmica que movimenta a ordem social e que proporciona a Hipermediatização da sociedade. Com essa dinâmica, é possível a mobilidade e o contato entre as diferentes lógicas, regras e valores que se movimentam, se tocam, se afetam e dão margem para o surgimento da ambiência miatizada.

As processualidades gerativas do ambiente midiaticizado aí possuem como característica marcante o contato entre diferentes elementos. O esquema de processualidades da Hipermidiatização compreende dessa forma a organização da ambiência midiaticizada por meio da existência de zonas de afetação que agem na transformação da ordem social e nos câmbios das formas de atuação dos sujeitos – não mais como causações, mas como aditividades oriundas da coexistência de lógicas de diferentes processos.

Na terceira ordem da Midiatização esse processo de afetação é claramente alavancado, guindado à condição de dispositivo – não só de inserção da mídia na dinâmica e no funcionamento das instituições sociais, mas como fenômeno que as transcende, via processualidades, e cujas dinâmicas tecnodiscursivas são deferidas a partir de suas próprias lógicas, operações de saberes e estratégias (FAUSTO NETO, 2006a, p.10).

Parece, entretanto, que esse processo de afetação não acontece de forma determinística, mas se dá com características de transversalidade e relacionalidade. A transversalidade se processa pelo fato de a Hipermidiatização não ter mais influência restrita à mídia, mas também atingir as demais instituições e os seus usuários. Essa afetação ocorre, portanto, de forma relacional, pois as lógicas da Midiatização, agora, além de atravessar os campos, ajudam na sua reconstituição.

Como bem dissemos, esse processo de afetação, conforme o qual as lógicas midiáticas estão presentes no interior do funcionamento de todos os campos, não patrocina apenas a coexistência de tipos diferentes de lógica, mas também o surgimento de uma nova lógica que não se apresenta como uma solicitação externa, mas como o resultado da negociação entre as demandas legítimas dos procedimentos envolvidos.

Para Luchessi (2010, p.94), Hipermidiatização diz respeito, portanto, à “possibilidade de exposição constante e permanente ao fenômeno da Midiatização”, mesmo que isso não implique necessariamente contato direto com

os meios. Diz respeito às possibilidades de interação que oferece o sistema midiático ao configurar, potencializar ou amplificar as chamadas redes sociais, tenham estas ligações diretas ou não com os meios de comunicação.

Na Hipermediatização a abundância de meios e das redes de relações que eles inflam permite um acesso muito mais rápido aos acontecimentos sociais – permite acesso inclusive ao ferramental de construção dos acontecimentos. Mideatização nesse contexto se refere à forma prioritária de reinvenção do espaço social global, já que, para Gomes (2006, p.121), ela trata da “reconfiguração da ecologia comunicacional”.

Conforme Muniz Sodré (2002, p.21), aí Mideatização pode ser tomada como “tendência à virtualização das relações humanas”, presente na articulação do funcionamento institucional e nas pautas individuais das tecnologias de comunicação. A Mideatização é, portanto, uma ordem (virtual) socialmente realizada, que dá ênfase a um tipo particular de interação, as tecnointerações, caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica da realidade sensível. Ela, nesta ordem de discussão, possibilita emprestar materialidade a um novo modo de organização societário, autorizado pelo que se pode chamar de esfera tecnodiscursiva. Ela se refere, dessa forma, aos processos que levam o sistema midiático a constituir, por suas próprias operações, uma nova e indeterminada realidade.

Mideatização, portanto, é processo que vem de longa data e tem a ver com o adensamento das faculdades cognitivas patrocinado pelo pronunciamento do midiático. Assim, ela pode assumir diferentes interfaces – pois atua estrategicamente na remodelação do contato e na reconfiguração das operações cartográficas que emprestam sentido à realidade. Para Valdetaro (2008, p.79), é na “gramática do vínculo” que se pode detectar a incidência da Mideatização em sua modulação hipermediática. Através dessa gramática a Mideatização marca fortemente as faculdades humanas. Nela (na Hipermediatização) o sistema midiático é produto e articulador (onipresente) das significações e das relações sociais.

Nesse tempo, conforme Muniz Sodré (2002), o espaço social midiaticizado forma o *éthos* contemporâneo da humanidade; o lugar de morada, de acomodação das práticas e das reflexões sociais. Assim, para Verón (1997), tal espaço social diz respeito a um todo, a uma nova ambiência social. A noção de Midiaticização de terceira ordem, pensada a partir da sociedade da Hipermediaticização de Luchessi (2010) e Valdetaro (2008) e do *éthos* midiaticizado de Muniz Sodré (2002), refere-se a uma forma de articulação hibridizante entre as múltiplas instituições sociais, o que implica a materialização de uma nova e particular qualificação da vida, de um novo modelo de presença do sujeito no mundo – de um novo *bios*.

Partindo dessas noções, a Midiaticização pode enfim ser pensada como tecnologia de sociabilidade – como uma espécie de quarto âmbito existencial, onde predomina uma qualificação cultural própria, a tecnocultura, e onde essa cultura assume um novo lugar, chamado *éthos* midiaticizado. Nessa ordem a Midiaticização pode ser tomada como uma nova lógica de funcionamento societal, que instaura e sustenta uma nova ambiência. Ela relaciona-se e interfere em todos os demais elementos sociais que emprestam materialidade ao real. Midiaticização, assim, decorre dos avanços tecnológicos, mas não se resume a eles – está também vinculada às mudanças nos mais distintos âmbitos do social e se relaciona com os demais elementos da realidade (MUNIZ SODRÉ, 2002).

Conforme Muniz Sodré (2002), nesse contexto a Midiaticização gera, ocasiona ou pode ser entendida como uma nova ambiência, pois ela tem incidência sobre os próprios modos de existência, e por isso ela representa, segundo Gomes (2006, p.113), mais do que uma forma de “tecnointeração”. Os seus processos são compreendidos como “um novo modo de ser/estar no mundo”; um novo modo de ser/estar em um novo mundo, em um novo ambiente. O dispositivo midiático se apresenta como outra maneira de viver, como um novo ambiente que interfere sobre os próprios modos de constituição da existência.

Nessa ordem de Midiaticização a totalidade do social é atravessada pela mídia, o que patrocina o surgimento da chamada nova ambiência – a ambiência midiaticizada. Nela, as novas formas de ser e pensar resultam da interação de

variados elementos que se afetam e se imbricam (como a própria tecnologia, a comunicação e a cultura). Nesta etapa da abordagem o fenômeno da Mídiação assume em definitivo os contornos de uma atmosfera que ressalta a porosidade das instâncias sociais que nesse novo *bios* passam a ter suas ações cotidianas cada vez mais atravessadas pelo midiático.

Pode-se confirmar com isso que a condição sociotécnica da Mídiação estabelece uma nova configuração das práticas e dos ambientes sociais. A nova ambiência midiática marca, portanto, uma nova fase na organização social. Dentro desse novo ambiente existencial se apresentam novas maneiras de atuação, caracterizadas pelo imbricamento da prática social e da tecnologia ao ponto de emergir uma nova ordem sociotécnica. O alastramento das lógicas midiáticas gera, dessa forma, uma nova forma de organização da sociedade e, assim, a Mídiação, enquanto ambiência (uma ambiência que transpõe as características tecnológicas dos meios de comunicar e interfere intensamente nas formas de sociabilidade).

Dessa forma, a emergência da noção de ambiente, relacionada à problemática da Mídiação, não implica somente a incorporação de algo a mais, que existe fora do sistema em estudo. Não se trata de distinguir o que é daqui (interno) e o que é de fora (ambiente). Sugere reconhecer que as estruturas e os processos do sistema (que tem a mídia como centro) só são passíveis de ocorrência em relação a um meio-ambiente – em relação à configuração de um ambiente por eles patrocinado –, e assim só podem ser entendidos se estudados convenientemente nesta relação.

Nesta fase a Mídiação acaba por efetivar um deslocamento que requalifica o papel dos agentes envolvidos no processo de comunicação. Mídiação, nessa ordem, não é o veículo, mas o processo como um todo. O processo que antes começava na antessala do lugar e agora rodeia a própria Mídiação por todos os sentidos. Mídiação é um processo muito mais complexo que opera por intervenções que escavam o controle do enunciado, reconfiguram os processos produtivos e ressitua os agentes no ambiente comunicacional.

A Mídiação é, por conseguinte, um programa de ação. Ela ajuda a perceber os fenômenos comunicacionais pelos ângulos em que podem fornecer aportes mais significativos e busca outra visada de conhecimento sem a qual aspectos centrais dos fenômenos comunicacionais não seriam estudados ou percebidos. Essa visão da Mídiação como uma nova ambiência vai além das concepções funcionais e instrumentais que enxergam a mídia apenas como uma ferramenta operacional. Tal constatação exige inclusive a readequação dos métodos de estudo mobilizados para o entendimento da Mídiação que, a partir de então, só terão validade se levarem em conta o processo de circulação – a nova ambiência que coloca em jogo novos modos cognitivos para perceber e produzir na sociedade.

Percebemos com este debate que há, portanto, um conjunto de ações que ao longo do tempo transformam tecnologias em novos meios e geram novas formas de interações; redesenham a organização e o funcionamento social; reformulam as lógicas das diferentes práticas sociais; disseminam novas redes e deslocam a problemática do sentido das instâncias de produção e de recepção para a plataforma da circulação. Este conjunto de ações acaba, em última análise, por substituir as formas tradicionais pelas quais se estabelecem os laços e os vínculos sociais e proporciona a emergência de novos processos conectivos e de fluxos. Tudo isso culminou na formação dessa nova ambiência que aqui recebe a alcunha de “sociedade hipermediatizada”.

Esta nova ambiência é constituída por novas hierarquias de fluxos (não mais dispostos em termos lineares); por novos termos de produção de discursos; por novas e complexas formas de circulação; pelo conexismo e pela instantaneidade de mensagens transportadas segundo regimes de tempos diferenciados; e pela substituição da ideia de contrato pelo ideário do contrato, onde também os vínculos sociais cedem à ideia de fluxos. Nesse sentido compartilhamos com Fausto Neto (2008a, p.10) a ideia de que a Mídiação não afeta somente a “estruturação social”, mas também as “práticas produtivas”, na medida em que organiza as operações referenciais (e autorreferenciais) que se estabelecem na sociedade.

Como vimos, em um primeiro momento a Mídiação pode ser relacionada ao espraiamento próprio do midiático sobre a comunicação e, depois, para os demais campos sociais. Porém, as discussões acerca do novo *bios* midiático indicam que esse debate vai muito além. A Mídiação surge assim como processo decorrente da acelerada evolução tecnológica, mas também tem relação com as novas demandas sociais, as quais fazem com que se aspirem a novas formas de comunicação. Ela corresponde assim a dinâmicas mais amplas, produzidas por processos também complexos, que incidem sobre a organização e funcionamento da sociedade.

Nessa construção, a Mídiação, como vimos, toma como lugar privilegiado de análise os chamados processos midiáticos, o que acaba por vincular em definitivo sua problemática às distintas práticas sociais. Os processos midiáticos são assumidos como questão estratégica, pois dão ênfase às lógicas e operações de cunho midiático que se oferecem como referência. Tais processos são adotados então como mecanismos que ilustram o funcionamento da Mídiação.

A Mídiação também pode ser entendida como um efeito de significado, pois ela deriva da produção e da reprodução de conteúdos por meio das tecnologias e envolve diferentes elementos que são relevantes na construção dos significados. Mídiação aí cobra seu sentido também em relação aos sistemas de signos mobilizados na comunicação e em relação aos recursos utilizados/mesclados na construção do que se expressa. Nessa lógica ela funciona também como re-orientadora dos discursos, das perspectivas e das formas de conhecimento social.

Na construção de significados a Mídiação envolve as próprias tecnologias, os cenários e os seus condicionantes, os espaços temporais e as instâncias reguladoras da vida social (as instituições). Ela é expressão de um conjunto de significados que deriva da interação que se realiza com as tecnologias de comunicação, afetando as instâncias de socialização. A Mídiação nesse contexto converte as práticas midiáticas em macroprocessos de funcionamento discursivo operando transversalmente com complexas operações de sentido e na

configuração das chamadas zonas de pregnância – locais privilegiados de alteração e transformação; espaços potenciais de ajuste e criação.

É notório que com a Mídiação o midiático pronuncia sua forma própria de atuação sobre as demais formas de interação. Esse processo organiza um espaço social cada vez mais abrangente. A Mídiação assume assim a equação de um dar a ver midiático intenso, seguido (ou não) por um ver da sociedade. Ou seja, na Mídiação, o grau de ação da mídia é tal que se pode falar em intervenção. Esta intervenção se processa nos movimentos entre dois campos geradores da Mídiação: o primeiro aponta que o fluxo interventivo da mídia é fomentador da Mídiação. O segundo que eles retroalimentam o processo, uma vez que são também midiaticizados. Nesse sentido, é notório que o campo midiático também sofre com as consequências da Mídiação.

A Mídiação é então um fenômeno complexo constituído e constitutivo de um conjunto de interações que agem sobre o cotidiano, alterando-o e criando novos valores. Mídiação é assim um processo complexo que está intimamente ligado ao pronunciamento da presença da lógica da mídia na sociedade. Tal processo é indicativo de transformações gerais e em larga escala, que ocorrem nas sociedades e que constituem um domínio autônomo e próprio.

A configuração deste domínio aponta que algo especial está acontecendo com a mídia e com a comunicação. Aí a mídia não se refere mais somente aos meios, mas torna-se parte integrante do ambiente cultural e da infraestrutura social. Mídiação tem a ver, portanto, com o fenômeno de proliferação do midiático, agora intensificado e diversificado pela convergência das mídias e suas complexas relações de intermedialidade, multimodalidade e autorreflexividade. Mídiação tem relação, em última análise, com a explosão da mídia, com a invasão do midiático e com o processo crescente de domínio dos dispositivos de mídia.

Mídiação é, assim, um processo de dupla face, através do qual a mídia (por um lado) emerge como uma instituição independente com uma lógica própria;

e por outro, torna-se parte constituinte de outras instituições sociais. Nessa problematização a Mídiação é usada como o conceito central na teorização da intensificação da importância das mudanças patrocinadas pelos meios de comunicação na cultura e na sociedade. Assim, o conceito é mais do que um rótulo para um conjunto de fenômenos que testemunham o aumento da influência da mídia nas formas de organização social.

Fica claro desse modo que a problematização da Mídiação (enquanto instância que atravessa a sociedade e a ela se relaciona), que conecta e impacta as formas de produzir, pensar e enquadrar os fenômenos, não pode se efetivar considerando somente as categorias relacionadas com os meios. A correta problematização da Mídiação só pode ser realizada se considerar o funcionamento da produção social que ela acarreta, desencadeia ou patrocina. Nesse sentido, o cruzamento entre múltiplas formas de conhecer não deve excluir as outras que atravessam as relações atuais, as quais também são atravessadas pelas lógicas da mídiação. A sociedade deve, a partir de então, ser entendida como um (meio) ambiente composto pelos (eco)sistemas que lhe dão vida.

Porém, é importante lembrar que o debate acerca das distintas ordens da Mídiação, conforme aqui apresentado, só faz sentido se tomado no nível de uma sociedade simbólica ou de simbolização, que ultrapassa a noção física do social. Esta forma de abordagem está relacionada aos câmbios no comportamento e nas formas de comunicar – mudanças estas que caracterizam determinada sociedade em certa época.

Obviamente que da transformação da sociedade nesta nova ambiência resultam também opacidades. Também por isso não podemos deixar de admitir (e apontar) que ambas as formações sociais, junto com suas respectivas ordens de Mídiação, podem coexistir e ainda conviver. Isso porque temos de lembrar também que as transformações no mundo contemporâneo não são apenas de ordem midiática, e entender que estas outras categorias de câmbio são de fundamental importância para se localizar com clareza quando a Mídiação

deixa de ser apenas um indicador para assumir o papel de motor principal das transformações do social.

Desse modo, só podemos falar aqui em processo de Mídiação. Só podemos especular acerca da Mídiação em processo, junto com suas distintas ordens na análise e interpretação dos processos comunicacionais e socioculturais. Como vimos, a Mídiação em processo se liga então a diversos fatores que a tornam possível, que moldam as suas características e embasam as suas lógicas. A Mídiação encarada dessa maneira (em processo) acaba alterando questões históricas e as experiências individuais e, com isso, dá margem a diferentes interpretações do seu proceder. O seu mapeamento, no entanto, dá base para um novo olhar sobre a sociedade.

Diversos fatores relacionados à transformação dos meios (de mediadores à ambiência), com suas distintas operações e diferentes processos de interações práticas, podem ser relacionados ao desencadeamento ou aceleração do processo midiático. Nos últimos tempos, porém, saltam aos olhos o próprio desenvolvimento tecnológico, a expansão das redes e o fenômeno da digitalização. Nesse cenário midiático e no seu contexto, movimentos recíprocos e contínuos nos conduzem à (re)conceitualização dos nossos olhares – nos conduzem a modificar essencialmente as formas de encarar os modos de estarmos juntos.

É possível identificar, assim, que o processo de Mídiação tem pelo menos duas modulações: uma relacionada à Mídiação de formas não midiáticas (primeira ordem da Mídiação), e outra que torna visível a substituição de determinada atividade social por uma forma própria, originária da Mídiação e que antes não existia (segunda e terceira ordens da mídiação). Porém, nesse processo, as ordens de Mídiação muitas vezes operam em combinação, de modo que nem sempre é fácil distingui-las.

Não há, porém, por mais complexo que isso possa parecer, como compreender as práticas sociais hoje (especialmente as práticas comunicacionais) sem entendê-las nesse contexto – no contexto da Mídiação da sociedade, onde a

mídia por meio de seus distintos dispositivos constrói novos modos de vivenciar as práticas. cremos, desse modo, que tomar a Midiatização como processo e conforme suas distintas ordens (níveis) de problematização ajuda a emprestar contornos mais claros tanto ao modelo de análise próprio da armação quanto aos eixos temáticos que neste trabalho propomos para o reordenamento das discussões (comunicação, cultura e tecnologia).

Nesse debate, tais dimensões se constituem como centrais para a compreensão dos processos de Midiatização, na medida em que elas se materializam via dispositivos midiáticos. Falar de Midiatização implica, portanto, falar da relação comunicação, tecnologia e cultura. Trata-se de desvendar também o papel da Midiatização na construção do conhecimento social. O que parece claro, de antemão, é que estas esferas, além de constituir, também estão sendo ressignificadas pelo processo midiatizador. É também sobre esta ressignificação que trataremos adiante.

## **2.2 Eixos temáticos**

As dificuldades que encontramos para identificar (e apresentar) os eixos transversais de que lançamos mão para o enfeixamento desta perspectiva são correlatas àquelas que enfrentamos na armação das Mediações. No entanto, aqui (no construto da Midiatização) a falta de estabilidade do ideário manejado é temperada ainda com um complicador: a inexistência (ao menos no referencial que manejamos) de tipologias que organizem estas contribuições e, assim, ajudem a clarificar seus pilares constitutivos. Deriva daí a importância do ordenamento que apresentamos.

cremos, porém, que além de apresentar uma dessas possíveis tipologias precisamos estabelecer e emprestar consistência aos eixos temáticos selecionados (comunicação, cultura e tecnologia), os quais primeiro ajudam a dar concretude

aos desígnios do construto aqui manejado; e, depois, materializam os insumos básicos utilizados na comparação entre as armações das Mediações e da Mídiatização.

Reconhecemos, porém, que também aqui, ao centrar nosso esforço no enfeixamento das questões no entorno desses três eixos temáticos, subvalorizamos outras possibilidades de discussão. Este, no entanto, foi o caminho que escolhemos percorrer (a rota que percorremos). São, dessa forma, os resultados desse percurso que aqui passamos a apresentar e discutir.

### **2.2.1 Comunicação**

Os subsídios que a armação da Mídiatização nos oferece são importantes para repensar, além do processo de comunicação, todo o seu campo de estudos. Porém, é fundamental lembrar que no construto da Mídiatização, em especial na Mídiatização de primeira ordem, ainda é flagrante a vinculação das discussões comunicacionais com o processo informacional (com a informação). Comunicação nesta fase ainda é pensada como um sistema sustentado pela articulação entre distintos momentos.

O comunicativo nessa discussão é, portanto, tomado à margem (como tema), pensado em um sentido genérico e problematizado de maneira tradicional. Nessa fase da Mídiatização, o amálgama da comunicação apresenta certa esquizofrenia e é traduzido em uma concepção instrumental fortemente vinculada ao ideário centralizador dos meios ou da mídia.

A teoria da informação que nesse contexto abastece com prioridade as discussões define (ou identifica) comunicação como simples processo de transmissão. Esse pressuposto, em um primeiro momento, fornece conceitos claros e delimitações metodológicas estreitas que ajudam a Mídiatização a configurar uma proposta coerente (mas não suficiente) de análise do

comunicativo. A informação apresenta aí uma estrutura eficaz para a organização dos dados e para a representação (quase física) dos objetos, fatos ou realidades.

Informação nessa discussão está associada, portanto, ao conceito de estrutura, e pode nesse contexto ser tomada como regra que estabelece as relações regulares entre os elementos componentes de um sistema; como regra (e estrutura) de funcionamento dos dispositivos de produção. A separação entre os universos da produção e do consumo, que este construto patrocina, limita por um longo período a formulação dos problemas em comunicação e afeta o ideário da Mídiação.

Com ela, tudo aquilo que não se reduz à informação torna-se impossível à discussão comunicacional – seja porque não cabe no esquema, seja porque introduz uma assimetria tal entre os códigos capaz de implodir a linearidade em que está baseado o modelo. Este arquétipo, oriundo da cibernética, assenta-se na simetria entre os entes envolvidos no processo comunicativo, e, para fins de sua análise, fragmenta e separa tais entes em momentos segregados e distintos. Essa concepção dessocializa o ato de comunicação, abstraindo-o de todo o contexto social, reduzindo-o, assim, drasticamente.

Nesta primeira ordem da Mídiação é notório que a comunicação só se impõe como objeto e problema a partir das apropriações da teoria da informação e do desenvolvimento das tecnologias informacionais. Por outro lado, também é perceptível que, com o avanço dos debates e o desenvolvimento das ordens subsequentes de Mídiação, a discussão da comunicação vai aos poucos se complexificando, convertendo-se em um lugar deslocalizado (mas estratégico) de re-imaginação do sentido e do alcance do pensar crítico – em um lugar de desestabilização das certezas e/ou estabilização das incertezas.

Nesta armação é notável, no entanto, que uma nova pergunta acerca da comunicação só vai se configurar mais recentemente e vem acompanhada pelo questionamento do midiático e da informação no interior do midiático. Em outras palavras, na Mídiação, a remodelação da pergunta pelo comunicacional só

começa a ganhar corpo quando se inicia o questionamento das contribuições dos processos midiáticos para a definição do estatuto da comunicação; e também, quando se passa a indagar quais as consequências das tecnologias (midiáticas) de comunicação na vida das pessoas.

A comunicação a partir de então começa progressivamente a se diferenciar (a ser diferenciada) daquilo que afirmam os modelos mecânicos de transferência de informação. Comunicação, portanto, com o avançar das discussões acerca dos distintos ordenamentos da Midiatização (embora tributária do paradigma cibernético-informacional), não pode mais ser tomada como mero processo de transmissão de mensagens através do intercâmbio de símbolos ou por meio de canais transportadores de sinais.

Esta complexificação das discussões acerca do comunicacional evidencia novos desafios à sua investigação. Dentre eles, a retomada das pesquisas sobre os fenômenos de produção de sentido, que a partir de certo momento são guindadas à cena central das discussões; a problematização das múltiplas práticas significantes e suas diferentes discursividades; mais a discussão da relação dos velhos meios com os novos protocolos das tecnologias de comunicação.

O conceito de produção de sentido, na esfera dos estudos discursivos relacionados à Midiatização, passa a ser tomado como uma noção indicativa de deslocamento – que força a migração dos debates acerca do comunicacional das fronteiras e angulações estritas da linguística para se concentrar em examinar as condições de “transformação da língua em fala” (VERÓN, 1998). Isto de imediato significa reconhecer que em tempos de Midiatização os diferentes procedimentos de enunciação passam a se co-determinar no interior de distintas práticas comunicacionais.

Nesta lógica, conforme Fausto Neto (2001, p.11), os “processos de produção de sentido” são atravessados por um conjunto de operações, quaisquer que sejam as características do seu contexto. A produção de sentido aí lida cada vez mais com a complexidade de referências e também com operações de diversas

naturezas, reunindo uma quantidade de elementos muito mais vasta do que a simples intencionalidade.

Assim, é importante lembrar que na Mídiação a problemática da produção de sentidos não se constitui apenas como uma questão temática. Nesse novo universo ela não pode mais ser tomada como realizável exclusivamente pelas gramáticas internas de um determinado campo (nem mesmo pelo campo midiático), pois produção de sentido nesse contexto se faz via uma soma de operações de natureza cada vez mais transdiscursiva.

A discussão dos processos de produção de sentido na Mídiação amplia, portanto, sua perspectiva de análise do comunicacional. Estes ganham, a partir de então, em complexidade e heterogeneidade. Tais processos passam a ser encarados como resultado de um trabalho sociodiscursivo, no qual outras realidades e discursos também são tomados como condição de produção das enunciações. A partir de certo momento essa perspectiva torna-se central para compreender a Mídiação, na medida em que toma a comunicação a partir de outro viés – o viés das materialidades significantes.

Com a mirada das materialidades a linguagem torna-se indissociável do dispositivo onde se inscreve, pois sua existência passa a requerer, além do código, a observância da tecnologia e das interações. Depois, com o avanço dos debates, tal construto permite configurar aquilo que alguns autores chamam de análise multidimensional dos processos de produção de sentido.

Os desenvolvimentos conceituais apresentados nessa linha estão no marco da teoria da multimodalidade desenvolvida por Kress & Van Leeuwen (2001). Tal armação propõe uma reflexão sobre o discurso multimodal (desde o seu processo de produção) como prática comunicativa. Segundo esta abordagem as práticas comunicacionais se referem aos condicionamentos e disposições que se implicam em um processo de interação no qual se propõem representações acerca do mundo sempre com propósitos específicos. Neste enfoque, os discursos constituintes das práticas comunicativas são tomados como tipos de conhecimento

sobre os fazeres sociais (cognitivos e de produção de significado) e articulados às formas de representar os acontecimentos nos quais se instala a prática ou a interação em curso.

Portanto, conforme os debates desse construto, o conjunto de práticas comunicativas que a Midiatização propõe analisar só se constitui quando se estabilizam os significados sociais – configurando procedimentos que dão conta de explicar a maneira como um discurso dado, e historicamente situado, constrói saberes coletivos. Segundo Vizer (2008; 2010), essa discussão permite pensar a produção de sentido além dos seus limites, sugerindo inclusive, como possível, a configuração de um modelo analítico integrado e de natureza tridimensional – que toma/considera, ao mesmo tempo, referência, inter-referência e autorreferência (para o autor, as três dimensões da ação comunicacional).<sup>26</sup>

Este debate autoriza a problemática da produção de sentido a ir além da ordem discursiva. Ela, a partir de então, passa também a dizer respeito ao estudo integrado de aspectos psicossociais e semióticos onde os discursos são antes de tudo atos – já que não propõem apenas conteúdos, mas relações de construção (ou a serem construídas). Tais relações de construção discursiva se dão através de “pragmáticas” onde as linguagens, em seus mais diferentes processos, emprestam forma aos vínculos. Para Fausto Neto (2003, p.16) deriva daí a importância que a “discursividade midiática” assume no funcionamento dos discursos sociais em tempos de Midiatização.

Neste tempo, a linguagem, que superintende a relação entre os sujeitos, se ampara e se estabelece em operações rituais reguladas pelos chamados “contratos de leitura”. Os contratos se caracterizam assim como um lugar, um “campo de interesse”, um “campo de efeitos de sentido”. Os fundamentos dessa noção estão, portanto, voltados para povoar o contrato enquanto um espaço de localizadores e

---

<sup>26</sup> Nesta discussão a dimensão referencial é tomada como dispositivo de construção discursiva de realidades (conteúdos do que se fala) expressa por meio da linguagem; a dimensão inter-referencial como processo de construção do contexto e edificação de relações entre atores sociais que se referenciam mutuamente (quando se fala, se fala com alguém); e a dimensão autorreferencial como

operadores que, quando apanhados, podem ajudar a produzir os chamados “efeitos de reconhecimento” (FAUSTO NETO, 2007a, p.14).

Neste caso, ainda conforme Fausto Neto (2007a), o contrato seria um “dispositivo tensional” já que, além de levar em conta certas marcas que constituem o mundo, serve para interpelá-lo, desenvolvendo possíveis níveis de cumplicidades ou operando como um “guia de interpretações”. Tais protocolos, entretanto, com o contributo das discussões acerca da Mídiatização e suas ordens, transmutam-se via ideário do contato nas chamadas “situações de enunciação”.

As situações de enunciação, por seu turno, são estruturadas em torno de “feixe de relações” constituídas pelos mais diferentes marcos (históricos, políticos, culturais e institucionais), mas cujo modo de se inscrever ocorre, pois, na esfera das linguagens. Elas se relacionam, deste modo, ao conjunto de operações que visam estabelecer um “modo de dizer” (que se explicita pelas mensagens) através do qual se busca a construção de um espaço interacional e a instituição de vínculos (FAUSTO NETO, 2002b, p.162).

Tais discussões (sobre produção de sentido, discurso, contrato de leitura e situações de enunciação) contribuem decisivamente para amplificar a noção de comunicação na armação da Mídiatização, pois ajudam a desenvolver uma ampla reflexão sobre o conceito de vínculos, tão cara ao construto mídiatizador e suas distintas ordens. Com elas fica claro que as definições tradicionais e unilineares que se baseiam na noção de comunicação como um fenômeno estático não cabem mais no modelo de discussão do comunicativo a partir de então configurado.

Reconhecemos, no entanto, como antes tentamos deixar claro, que há sim certa confusão na incorporação destes debates na armação da Mídiatização e que mesmo estas contribuições parcializantes foram e continuam sendo importantes na configuração do construto. Porém, reconhecemos também que, com a avançar

das discussões, o ideário da comunicação vai ganhando vida e progressivamente se distanciando dessa parcial matriz originária.

Esses ganhos, na discussão patrocinada pelas mais recentes ordens da Midiatização, têm relação com a tomada do fenômeno da comunicação enquanto processo social e da comunicação enquanto práxis sociotécnica. É inegável, porém, que mesmo com essa aproximação o midiático ainda condiciona de modo intenso e persistente o conjunto de processos identificados como de comunicação. No construto da Midiatização esta é uma constante, e ela não pode ser escamoteada.

O midiático do comunicacional nesse contexto constitui, ao mesmo tempo, o campo central (o foco) das problematizações e o contexto que engloba os problemas decisivos da produção comunicativa. Na Midiatização o comunicacional está relacionado a um conjunto particular de objetos (os objetos midiáticos) e é particularmente fixado em um tipo especial de produto (nos produtos da mídia). Midiático e comunicativo, nesta discussão, são (ainda) praticamente sinônimos.

Não queremos dizer, com isso, que não se reconhece aí a comunicação como um termo de amplo espectro e uso variado. O que tentamos deixar mais transparente com esse argumento é que esta aproximação, do comunicacional para com o midiático que a armação da Midiatização patrocina, é também uma das formas de uso possíveis do comunicativo e, portanto, que ela também tem validade enquanto via de problematização.

Isso não significa, porém, que as discussões acerca da comunicação na armação da Midiatização sejam reduzidas ao midiático. Significa, antes, que nessas condições tais debates passam a envolver uma reflexão que se instala (pelo midiático) entre o individual e o social. Esta interlocução se alicerça também, portanto, nas interações e opera no plano da produção de sentido, no plano de complexos dispositivos. Ela estabelece, desenvolve e deixa ver os diferentes planos de manifestação do comunicacional, os quais estão sempre entrelaçados.

No construto da Midiatização, de fato a comunicação pode ser tomada como um ato singular, mas, ao mesmo tempo, como um ato social que leva em

conta a existência do outro, ou seja, da dimensão do *socius*. Para Fausto Neto (2006c, p.161), a comunicação estruturada pelos processos de midiatização reúne, para sua realização, o ato comunicacional propriamente dito, o sujeito, os instrumentos do trabalho e também as situações condicionantes – por isso que nessa esteira se pode falar em processos comunicativos que se entrelaçam e são co-determinados entre si.

A percepção dessa instância de co-determinações é particularmente importante na configuração das discussões acerca do comunicacional e no avanço dos processos de Midiatização.<sup>27</sup> Assim, o conceito de comunicação não pode mais ser definido pela complexidade intrínseca ao funcionamento da matéria significativa, nem somente pela noção de intencionalidade – aspecto sobre o qual repousaria sua incompletude –, uma vez que a comunicação tem no centro uma relação de intersujeitos, uma relação de co-enunciação.

Esta discussão incapacita a pretensão original da comunicação que na Midiatização aspirava a dar conta da completude do sentido. O “encarceramento” do sentido aí é impossível, uma vez que, quando posto em funcionamento, ele se desloca e se instala nas chamadas “zonas de pregnâncias” – as quais geram novas enunciações e distintos efeitos de sentido. Fausto Neto (2007b, p.78) aponta assim que, em lugar do controle, a comunicação na Midiatização se desdobra em novos “feixes de relações”, com intervalos e defasagens que lhe são próprios.

A reflexão nesses termos – da comunicação enquanto enfeixamento de operações enunciativas através das quais as mídias se põem em contato com universos outros – impacta diretamente sobre as discussões acerca da Midiatização. Pois, segundo o próprio Fausto Neto (2007a, p.07), ao converter a comunicação em acontecimento, a mídia (via Midiatização) “inscreve no processo comunicativo seus próprios atos discursivos”, o que desafia suas competências para a permanência na ordem dos discursos. Para Fausto Neto (2008c, p.53) isso

---

<sup>27</sup> Tais co-determinações implicam, por exemplo, falar cada vez mais, para o âmbito público, das operações privadas do midiático – enquanto regras da “realidade de construção” em detrimento das normas de “construção da realidade”. Ou seja, implicam produzir e/ou reproduzir o que Fausto Neto (2006a) chama de “enunciação da enunciação”.

transforma o modo de fazer da mídia em uma espécie de “acontecimento singular”, espalhando o seu modo de dizer enquanto trabalho enunciativo de referência. Entendida nesse contexto como uma “forma de ação”, a enunciação midiática passa a impor novos desafios ao trabalho de sua problematização (FABBRI, 1999).

Dessa forma, diferentemente do construto das Mediações, que toma a comunicação a partir das práticas, a armação da Mídiatização maneja com o comunicativo a partir dos processos – a partir das processualidades. Para Muniz Sodré (1998, p.13), a comunicação passa a dizer respeito à ação, ao processo de tornar comum tudo àquilo que não deve permanecer isolado. Segundo o autor, a distancia original entre os indivíduos (alteridade) se atenua graças aos processos derivados da prática comunicativa que, para ele, é assegurada pelos seus processos.

Conforme Muniz Sodré (1998, p.19), um dos principais problemas em algumas “definições modernas de comunicação” é o “apagamento da dimensão dos processos”, da dimensão das processualidades do comunicativo. Segundo o autor, esse movimento (reductor) incita pensar a comunicação como uma mera função ou necessidade. Ela, entretanto, se faz presente na totalidade das relações, sejam estas explícitas ou implícitas. Reconhecemos, dessa forma, que na armação da Mídiatização é através dos processos que se começa a atuar na problematização da ordem relacional da comunicação.

Aí é o princípio das processualidades que vai permitir perceber as inter-relações que o comunicacional promove entre domínios supostamente separados. Reconhecemos também que vem da teoria dos sistemas outra das inspirações para a formatação do princípio das processualidades no construto da Mídiatização. Processualidade, inspirada nessa teoria, relaciona-se à pulsão de dar conta daquilo que integra ou aproxima os diferentes sistemas sociais. Não se trata, portanto, apenas de entender um sistema relacionando-o a outros sistemas, mas de investigar os processos de acoplagem que conectam um sistema a outro.

É importante lembrar, porém, que as primeiras experimentações nesse sentido são pregressas e foram realizadas, segundo Muniz Sodré (1998, p.20-22), a partir das “descrições fenomenológicas” de autores como Husserl e Heidegger. Inspirado nesses construtos, o autor passa a definir a comunicação como o “processo de compartilhamento” (pelo discurso) da disposição compreensiva (de compreender) e como modalidade temporal de existência. Nessa construção a noção de ação comunicativa (funcionalidade social da comunicação) de Habermas também se mostra importante.

Tais incorporações indubitavelmente contribuem para a mudança nos protocolos de problematização do comunicacional na armação da Mídiação. A noção de comunicação a partir destes ajustamentos se complexifica e passa (principalmente na segunda e terceira ordens da Mídiação) a poder ser tomada enquanto lugar cuja organização e funcionamento incidem sobre os modos de viver a experiência e as interações sociais. A comunicação assume uma nova importância, enquanto dispositivo de produção de realidades – dimensão antes difícil de ser visualizada. Dispositivos, como bem sabemos, referem-se aos lugares materiais ou imateriais onde a comunicação se processa e, nesse debate, acabam por vincular as processualidades aos seus lugares institucionais. Eles, portanto, não são meros suportes, mas preparam tais processos para fazer sentido (MOUILLAUD, 1997).

Porém, é importante lembrar que nem mesmo nesse contexto a comunicação se esgota nos dispositivos. O comunicativo antes assume os nuances de processo e o processo de comunicação às noções de circularidade e fluxo – assume as processualidades como *locus* primeiro de observação. Na Mídiação, a partir de então, discutir o comunicacional passa a pressupor sua inclusão no espaço dos processos. Atentar aos processos sociais, às processualidades do comunicativo, é, assim, prerrogativa básica nas discussões patrocinadas a partir da segunda ordem da Mídiação. Processualidades estas que, sem dúvida, são uma das dimensões mais negligenciadas nas análises do comunicativo.

Focar no processo (do comunicacional), nas processualidades, além de admitir observar as suas dinâmicas, permite focar as análises também nas formas de sua apropriação; permite emprestar materialidade a elas e, assim, torná-las acessíveis. Prestar atenção às processualidades é prestar atenção aos espaços de circulação, aos espaços de fluxo e de ressemantização do comunicacional.<sup>28</sup>

Atentar para as processualidades implica adicionar à gama de axiomas até então mobilizados na problematização do comunicacional um pensamento nômade e plural, capaz de integrar dimensões e perspectivas até agora separadas. Processualidade nesse sentido deixa evidente a necessidade de se introduzir nos estudos comunicacionais a densidade espaciotemporal que tais processos adquirem – com suas continuidades e rupturas, suas ambiguidades e contradições. Nesse sentido, as processualidades emprestam uma visão menos fragmentada e parcializante ao comunicativo e permitem aos passos intermediários, aos interstícios do comunicacional, falar. Prestar atenção às processualidades é também atentar para o que há de conjuntural na comunicação (não só no que há de definitivo nela). Pensar nas processualidades, no debate da comunicação, no construto da Mdiatização, é, em última análise, pensar relacionalmente.

Nesta armação, é a atenção às processualidades que permite ou possibilita emprestar concretude ao tensionamento permanente presente no comunicacional. É este pressuposto que também melhor empresta concretude às provisoriiedades de que é feito o comunicativo – na medida em que se preocupa mais diretamente com algo que está ainda em andamento. Para a Mdiatização, prestar atenção às processualidades é atentar para os deslocamentos e o mapeamento desses deslocamentos – o que pode produzir conhecimentos novos e relevantes acerca do comunicacional. Afinal, são as processualidades que nos afetam.

---

<sup>28</sup> Essa linha de discussão ressitua os debates acerca do comunicativo na análise dos processos – tomados a partir daí como lugar central que permite, ao mesmo tempo, acessar a pluralidade de que são feitos os usos, além de estabelecer articulações entre as operações do comunicacional (de retorno, rejeição, assimilação e refuncionalização). Processualidade ajuda, portanto, a focar atenção nas articulações, nas intertextualidades, nas convergências, que fazem a especificidade do comunicacional – especificidades estas que talvez hoje não se encontrem mais em um ou em outro lugar, mas na própria articulação, no próprio processo de articulação do comunicativo.

A aposta patrocinada pela Mídiação para a problematização da comunicação é então seguir os passos do processo. Esta forma de análise do comunicacional permite examinar a realidade em sua descontinuidade e tenta escapar de uma tentação ainda herdada dos modelos mecanicistas de discussão do comunicativo: atribuir ao meio algo cuja explicação está no processo.

Assim, a concepção de realidade descontínua e sua incontornável configuração são fundamentais para a compreensão da comunicação no espaço da Mídiação. Esta ideia é convertida em pré-requisito básico nesta linha de investigação. Tal concepção, junto com as discussões acerca das processualidades, indica que no estudo do comunicativo o mais importante é a circulação. Porém, cabe ressaltar que se a circulação é importante nas discussões da comunicação patrocinadas pela armação da Mídiação ela não define, necessariamente, nem suficientemente, as propriedades desse processo. Pois, a circulação não expressa por si só maior ou menor grau de comunicação.

Analisar, assim, as processualidades, a realidade em sua descontinuidade e a circulação do comunicacional é, em última análise, atentar para o funcionamento dos dispositivos comunicacionais. As processualidades aí nos permitem tomar os problemas do comunicacional em relação (como questões a serem resolvidas relacionalmente), utilizando a ideia de balanço ou equilíbrio instável.

É, portanto, o princípio das processualidades o responsável por emprestar maior flexibilidade à armação teórica da Mídiação no trato do comunicativo. Prestar atenção aos seus desígnios é, assim, prestar atenção ao imperativo negocial da comunicação. Tais debates devolvem peso aos espaços de negociação na abordagem do comunicativo. Nela, as negociações e o seu caráter híbrido são assumidos como um componente-chave no estudo do funcionamento das processualidades e estas como um componente-chave do funcionamento do comunicacional.

Falar das processualidades é falar (cogitar a ocorrência) de modalidades de existência do comunicativo. É reconhecer a importância das intermedialidades

na construção do comunicacional. As processualidades tratam de emprestar materialidade a um espaço interpretativo que ocorre entre pontos de vista e, desse modo, permitem acessar narrativas e não essências. São, portanto, as processualidades que na Mídiação nos permitem tomar a comunicação como um espaço contraditório, um espaço estratégico de contestação. A comunicação se transforma nesse contexto em arena; em um teatro de desejos; em espaço dialógico de fusão conflitiva.

Nas processualidades, como vimos, também estão contempladas as ideias de rede e fluxo (comunicativo), junto com a possibilidade de se pensar a diversidade de sentidos que sustenta a comunicação. As discussões acerca da ideia de fluxo, derivada dessa aproximação, emprestam nuances particulares à abordagem do comunicacional na armação da Mídiação. Fluxo aí é tomado como um elemento a mais de tensão que articula as possibilidades de conexão comunicativa – nesta lógica ele é convertido em gramática de construção dos novos relatos.

São, portanto, as processualidades que permitem problematizar (especialmente na terceira ordem da Mídiação) o que hoje é fluido e circular (em oposição ao que antes era mecânico e linear). Também são as processualidades que permitem contatar (e até assimilar) nas discussões, de uma maneira nem tão traumática, parte das contribuições de alguns teóricos alinhados com o que se convencionou chamar pós-modernidade – que tem vinculação com a ideia fluida de fluxo comunicativo.

O pós-moderno nesta articulação é tomado como uma situação complexa que re-situa o ordenamento dos princípios (modernos) que até então regiam o mundo. Do aporte pós-moderno, as processualidades aproveitam principalmente a ideia de relativização, que proporciona meios para a elaboração de um pensamento mais aberto acerca do comunicacional. Tal aproximação permite observar ainda os fenômenos da destemporalização (tempo dos fluxos) e da destotalização (fim dos universalismos) que também são marcas desse ideário e que igualmente afetam o comunicativo.

No construto da Mídiação, pensamento mais aberto acerca do comunicacional, envolve relacionar o comunicativo às implicações dos discursos e das tecnologias na reconstrução do que por séculos foi considerado como uma única realidade objetiva. Comunicação assume aí uma conotação muito mais ampla, associada à construção das socialidades, dos vínculos e das expressões culturais e subjetivas.

Para Muniz Sodré (2002, p.221), a comunicação na sociedade de Mídiação recobre três campos semânticos: “veiculação”, “vinculação” e “cognição”, e implica produzir, construir e reconstruir relações, representações, imagens, textos e sentidos. A comunicação nesse contexto está relacionada ao processo de significação, enquanto sistema de signos, como linguagem sistematicamente codificada. Comunicação, conforme Vizer (2008, p.42), é o “verdadeiro motor das condutas humanas”. É processo de construção de sentido que funciona com base na conjunção de processos cognitivos e imaginários.

A comunicação, dessa forma, implica certo grau de intencionalidade; implica um processo temporário, uma ação indiciária geradora de sentido e de valor; implica sensibilidade e reações intersubjetivas. Para Vizer (2008, p.47), a comunicação é o processo resultante ou emergente de “inter-retroações” recíprocas. Ela se materializa como uma manifestação simbólica carregada de sentido, através do qual a sociedade constrói culturalmente sua ecologia social – sua ambiência societal.

Nesse sentido, conforme os preceitos do construto da Mídiação e de suas distintas ordens, a comunicação, mesmo marcada fundamentalmente pelo midiático e pelo tecnológico, tem de ser concebida como um fenômeno humano. Estudá-la, portanto, é prestar atenção às interações sociais que se estabelecem no processo comunicativo – que se estabelecem no terceiro espaço formado pelas dinâmicas da circulação. O comunicacional é, nesse sentido, lugar estratégico desde o qual se pode pensar a sociedade.

A comunicação aí é encarada menos como uma troca de significados e de ideias sobre algo e mais como uma performance posta em movimento por meio de vários significantes. Tal performance, como percebemos, vem rapidamente se modificando com o advento de novas tecnologias, as quais fazem proliferar novas formas de interação comunicativa. Conforme Muniz Sodré (1998, p.24), a questão da comunicação se encontra nesse contexto confrontada com “modos históricos excepcionais” onde as mediações tecnológicas assumem uma magnitude que impõe uma abordagem mais concreta e compreensiva do fenômeno. Para o autor, o que aí emerge e merece ser debatido são as transformações sociais associadas às mudanças de papel dos meios de comunicação – das mídias em suas mais avançadas formas tecnológicas.

A partir de então a própria comunicação (midiática) também pode ser vista sob o ponto de vista sistêmico (em seus processos tecno-operacionais), uma vez que suas lógicas complexas de funcionamento são desenvolvidas em seu próprio interior. Tais lógicas correspondem a uma racionalidade que opera na intermediação de sociabilidades, de disputas simbólicas e de reordenamentos. O comunicacional nestes termos encontra na rede de conexões recursivas de suas próprias operações os seus fundamentos.

Por muito tempo e em outras vias de discussão, falar de comunicação se reduzia a falar da história dos meios – coisa que, ou os autonomizava, dotando-os de sentido em si mesmos, ou os fazia depender de sua relação (quase sempre exteriores e mecânicas). No entanto, a comunicação na armação da Mídiatização, não pode mais ser assim tomada. Ela tem de ser entendida antes como processo com ênfase em um tipo particular de interação – a tecnointeração.

Nesse cenário, o papel central da comunicação é representado de maneira diversificada. Porém, no amplo e atual contexto de forte propensão midiática, explícita pela intensidade com que a mídia atravessa os vários cenários cotidianos, têm importância singular os processos de inter-relação através dos quais se estabelecem a convivência e o contato permanente com os produtos midiáticos. Desse modo, entendemos que mesmo a experiência da comunicação encontrando-

se fortemente mediada pelas mídias, outros cenários também se envolvem na experiência do comunicar em tempos de Mídiação.

Nesse construto, a lógica comunicacional torna mais tênues e complexas as relações entre as condições do real-histórico e as condições de representação/apresentação e, com isso, configura uma nova ordem social que ainda precisa ser mais bem debatida. Nela, o aparecimento dos meios modernos de comunicar patrocina câmbios significativos na produção simbólica e na sua mediação social, agora atravessada organicamente em sua dinâmica e estrutura pela dimensão midiático-tecnológica.

O desenvolvimento tecnológico; a passagem da linearidade da comunicação para a descontinuidade (e desta à fragmentação); a porosidade das fronteiras; e a afetação da mídia nos demais campos sociais atuam como agente configurador desse novo ordenamento. De acordo com Muniz Sodré (2002, p.30), esta é uma era de mutação que se caracteriza pela emergência de novos valores, novas formas de interagir e de comunicar e novos meios de perceber e pensar a realidade.

Nessa era de mutação, o atravessamento da comunicação pela técnica e a convergência entre técnica e comunicação estão vinculados às diferentes ordens por que passa a problematização da armação da Mídiação na constituição de seu *corpus* de análise. Nela, hoje é a comunicação instantânea que configura os contornos do que pode ser chamado espaço midiático; configura os contornos da atual sociedade da Hipermídiação, permeada por redes e fluxos de comunicação.

Nessa sociedade, compreender no comunicacional o processo de Mídiação e suas distintas ordens é fundamental. Mas, por outro lado, é importante lembrar que a Mídiação (principalmente a Mídiação de primeira ordem) também pode ser tomada como uma estratégia de análise que, nos estudos comunicacionais, fragmenta o social e coloca as técnicas como determinantes últimos dos processos comunicativos que fundamentam a influência dos

fenômenos da comunicação sem considerar os contextos sociais nos quais eles se inserem.

Nesse entendimento, a Mídiação ainda marcaria o comunicacional por sua verticalidade (via mitificação da tecnologia), o que coloca em xeque o potencial contributivo de sua armação. O componente técnico (que, admitimos, na Mídiação é protuberante) seria nesse contexto assumido como determinante histórico (confundindo, e até reduzindo, o comunicacional com seu aparato), via fetichização dos fenômenos e dos meios de comunicação, nos quais as relações sociais seriam transformadas em coisas.

Creemos, entretanto, que essa crítica à abordagem do comunicacional realizada pela armação da Mídiação em seu primeiro ordenamento é um tanto exagerada. Para nós, em acordo com o que postulam Dias & Mendez (1999, p.105), os dispositivos tecnológicos e as práticas que eles patrocinam podem ser vistos antes como um “ritual operativo de articulação de matérias e sentidos”; de aparatos de base e encenação; de códigos de montagem, percepção e reconhecimento – e assim são compatíveis ao tratamento dado pela Mídiação ao comunicacional.

Outra crítica, esta de caráter mais geral, imputada ao construto da Mídiação no trato com o comunicacional, está associada ao privilégio que a armação delega à circulação em detrimento do apagamento da perspectiva histórica em suas análises. Convém lembrar, no entanto, que discutir o comunicacional e o histórico do comunicacional é indispensável à visualização do processo que, subjacente à trama, o dinamiza. Pois, a visualização da perspectiva histórica empresta a estes processos fluxo contínuo de sentido frente à realidade descontínua e não linear em que vivemos.

Estudar, assim, o processo comunicacional como uma ação contínua e simultânea implica resgatar a dimensão histórica em suas discussões. É nesse sentido que as processualidades podem ainda ser relacionadas com as formas de funcionamento da complexa rede de mediações, por meio das quais o

comunicativo se converte em sistema de referência. Como vimos, as processualidades, com essa aproximação, permitem pensar em termos de articulação – pensar as totalidades enquanto estrutura complexa. Permitem restaurar a importância das conexões e das relações de interdependência e fugir de uma concepção reprodutivista do comunicacional.

O princípio das processualidades sinaliza, desse modo, uma mudança de ponto de vista: a passagem da sobredeterminação (do estudo de um espaço organizado pelo conceito de estrutura) para um posicionamento mais complexo, para um modelo que privilegia o estudo relacional das articulações. E, como bem sabemos, essa perspectiva relacional, hoje, é bastante cara às análises dos processos de comunicação.

Reconhecemos, no entanto, que nessa construção há também dificuldades para se apreender e analisar a nova era do comunicacional midiaticizado. Pois, em muitos casos ainda se busca nas análises uma informação verdadeira sobre a realidade – ainda se procura observar certa homologia entre o discurso, as apropriações e os fatos observáveis – quando na verdade tal homologia não existe, uma vez que tanto a verdade quanto a informação são construtos, isto é, produtos resultantes de uma adequação entre processos de percepção e interpretação, contextualizados por processos históricos, sociais, intelectuais e psíquicos.

Para Vizer (2008, p.39), esse processo de construção – da realidade como informação, como “práxis de sentido e de interpretação” – é, precisamente, o grande campo ontológico que se abre aos estudos de comunicação com as discussões da armação da Mídiação. Nesse construto comunicação se supõe, assim, produto de uma história; produto que pode se expressar de forma objetiva e material, mas também como processo cognitivo; produto que supõe a materialidade de um suporte físico e certa ordem textual que permite a sua análise. É esse paradigma que, segundo Vizer (2008), empresta materialidade à comunicação na chamada “sociedade da Hipermediação”.

## 2.2.2 Cultura

Na armação da Mídiação, apesar de o debate cultural apresentar menor proeminência em relação ao construto das Mediações, ele também tem relevância e assume as características de uma forma particular de aproximação crítica à cultura contemporânea. Tal construto toma a cultura midiática (que passa pelas mídias) como centro organizador das discussões e claramente busca ultrapassar as contendas centradas no velho ideário da cultura de massa.

A Mídiação trabalha no que poderíamos qualificar como uma definição tecnológica de cultura. Cultura aí tem relação com os fluxos, com os processos, patrocinados pelas tecnologias comunicacionais e seus desenvolvimentos. Ela, porém, não abandona sua dimensão de modo de vida global, apenas trata com maior atenção de uma modulação particular desse modo de vida – aquela que tem nas tecnologias da mídia o seu centro organizador.

Neste debate não se pode negar, no entanto, que em um primeiro momento o construto toma o conceito de cultura de modo mais estreito – se comparado à armação das Mediações –, já que nele se propõe depositar o centro das preocupações na cultura que brota das mídias, na cultura midiática (seus meios, seus produtos e suas práticas). Cultura, nessa discussão, se relaciona a um modo de disseminação, a uma forma particular de realização e efetivação do midiático.

Como dissemos, no construto da Mídiação, tem prioridade absoluta nas análises aquelas práticas culturais (ordinárias) que passam pelas mídias. Desse modo, em suas discussões, nem toda forma de cultura é merecedora de atenção. Isso não significa, porém, que cultura nesse contexto seja algo separado do cotidiano. Aponta antes que as formas culturais cotidianas, que lastreiam o debate, estão relacionadas prioritariamente àquelas práticas que no cotidiano sofrem agência do midiático. Nesse sentido a discussão até pode reconhecer, admitir e

estudar modulações particulares de cultura (subculturas), desde que estas sejam sintonizadas à cultura que passa pelas mídias.

É claro, desse modo, que esta linha de problematização trabalha em uma definição mais midiática de cultura, o que não significa que ela a tome só como algo fabricado pelas mídias, mas também como aquilo que passa por elas. Para alguns, no entanto, este debate (acerca das formas de vida patrocinadas pela mídia) não traz nenhuma novidade, e suas construções já estariam todas indicadas pelas discussões acerca da cultura de massa. Cultura de massa, para estes, já é cultura midiática ou midiaticizada. Não é nosso objetivo aqui, entretanto, discutir a pertinência de tal apropriação, mas antes apontar que, ao invés de excludente, ela também contribuiu para emprestar contornos significativos à discussão acerca da cultura na armação que Midiaticização patrocina.

Esta apropriação nos permite reconhecer, por exemplo, que na Midiaticização de primeira ordem a cultura se engaja (sim) mais na reprodução (do que na produção) das relações sociais. Como vimos, não pode haver aí separação, pois é inegável que esta forma de ver imprime marcas particulares no debate cultural até então promovido. Nele, cultura, por vezes, ainda é confundida com simples lugar de incorporação de valores.

Por esta razão é comum verificar, principalmente nos debates relacionados a este primeiro ordenamento da Midiaticização, as práticas culturais serem visitadas através de um olhar que maneja com oposições binárias, tais como resistência ou incorporação. A cultura nesse contexto ainda está associada aos objetos e raramente consegue apontar o que as pessoas e os seus grupos fazem com os objetos. Nesta concepção particular de cultura (que se manifesta através da mídia), as práticas culturais têm mais a ver com formas materiais do que com o simbólico.

Cultura aí é entendida como um conjunto de práticas em que a base predomina sobre a superestrutura e o material apaga o simbólico. Os protocolos básicos que dão sustentação a essa ideia de cultura tomam-na como algo exterior,

como algo extraordinário. Pois, cultura nesse contexto ainda aponta para um entendimento unívoco, de espírito cultivado, de algo separado das pessoas e das coisas do cotidiano.

Neste primeiro momento da Mídiação a ideia de cultura claramente se reduz. Tal redução é lastreada em uma análise que a desvincula do contexto histórico e das situações particulares; uma análise que a descola do sistema de produção e dos câmbios contextuais que a afetam. Estudar cultura, aí, ainda é estudar os artefatos e escamotear os demais sentidos produzidos pela atividade cultural humana.

A cultura da Mídiação de primeira ordem é, portanto, um campo autônomo e externamente determinado. Ela, enquanto contorno de sistematização de conhecimentos e uma forma particular de organizar discursos, tem autonomia frente às demais esferas do social. Cremos, assim, que as elaborações acerca da existência de uma estreita cultura da mídia nos primeiros tempos da Mídiação, apesar de parciais, são extremamente pertinentes. Elas patrocinam o avanço dos debates nos demais ordenamentos do midiático, primeiro por permitir reconhecer com clareza os termos dessa estreiteza e, depois, por autorizar a ver com nitidez os nuances de suas faltas.

Mesmo com o avanço das discussões a dúvida relacionada à pertinência (ou não) de enunciar a chamada cultura midiática ainda permanece. Entretanto, convém elucidar que são os próprios escritos acerca da Mídiação que permitem a tal dúvida emergir, os insumos que autorizam a apostar na clarificação dos seus contornos nas ordens subsequentes da Mídiação.

Obviamente que tal clarificação tem relação ou procura refletir as mudanças socioculturais que se manifestam e são visíveis no transcurso do tempo. Câmbios patrocinados (por exemplo) pela informatização e pela convergência midiática inegavelmente transformam a produção dos bens culturais e afetam de uma nova maneira o mundo da vida. O desenvolvimento global dos sistemas

tecnológicos (e midiáticos) propaga novas formas de viver e ajuda, sim, a constituir outra ecologia, uma cultura outra – a cultura midiática ou da midiatização.

As tecnologias, em especial as tecnologias midiáticas, patrocinam novas formas de construir significados, os quais podem ser tomados como indicadores da nova ambiência configurada pelo processo midiatizador. Em última análise, as tecnologias, em sua ação, transformam a cultura, pois impactam diretamente sobre sua economia.

É certo que, como forma de vida/de viver, a cultura nasce junto com a própria humanidade – junto com a própria condição humana – e não pode dela ser dissociada. Mas também é certo que a cultura sofre modulações conformes ao contexto em que ela se realiza. É a percepção destas modulações, junto às práticas que elas configuram e influenciam, que autorizam ao construto da Midiatização avançar na problematização do cultural. É inegável, portanto, que nos demais ordenamentos do processo midiatizador a discussão de cultura se complexifica. Assim, na Midiatização de segunda e terceira ordens, para falar de cultura temos de admitir a existência de uma cultura tecnológica própria da mídia, de uma cultura midiática ou da midiatização.

Nestes ordenamentos, no entanto, a cultura dos dispositivos é colocada sob suspeita, já que não se esgota neles. Ela nesse contexto tem de ser relacionada também com o conjunto de atividades realizadas pelos sujeitos e envolve situações sociais complexas que não podem ser abstraídas dos debates. Na Midiatização de segunda e terceira ordens, deve-se então procurar manter o estudo dos fenômenos culturais na sua inteireza contextual.

Para Luchessi (2010, p.101-102), o uso tecnológico, as “novas formas de concepção temporal” e os “modos de conceber o espaço social” reformulam o modo de compreender as instituições de regulação da vida social e das práticas culturais. Conforme a autora, a generalização da sociedade midiatizada permite novas configurações culturais que, embora herdeiras desse debate, ultrapassam a discussão da cultura de massa. Assim, com o avançar dos ordenamentos da

Midiatização, começa a ser possível marcar nos estudos as ultrapassagens que ocorrem ante as diversas lógicas culturais. No processo midiaticizador, conforme tais debates, a cultura tem um papel específico na medida em que traduz ou comporta modos específicos de produzir e viver em sociedade.

Portanto, na segunda ordem da Midiatização são as discussões acerca da cultura da mídia que marcam os debates. Tal modulação cultural, que tem o midiático como centro, toma a dianteira das relações sociais e praticamente inviabiliza o estudo do cultural sem relacioná-lo aos meios e seus inúmeros formatos. Suas discussões se baseiam na máxima de que não existem mais motivos para o estudo em separado da cultura e da mídia. A partir da segunda ordem da Midiatização, as lógicas dos meios são englobadas em definitivo pela cultura, e a cultura da mídia, além de permitir elucidar tendências e vislumbrar outras perspectivas de análise, também autoriza a avaliar a forma como as mídias agem em seu relacionamento com o cultural.

Prestar atenção a esses tipos de articulação significa, assim, acessar o processo de organização e produção cultural dos meios de comunicação e conseqüentemente visualizar as formas pelas quais se produz cultura. A referida contextualização ajuda também considerar que os meios de comunicação reproduzem ações sociais sendo palcos, inúmeras vezes, para o embate das forças e grupos de interesse que compõem e integram a sociedade.

O cultural, nesta etapa, mesmo marcado pelo midiático, pode ser assumido como um terreno de disputa no qual os grupos sociais se põe em luta. Nele os indivíduos disputam através de imagens, discursos e mitos, todos construídos, reconstruídos ou veiculados pela mídia. A cultura que aí passa pela mídia “transcodifica esteticamente as experiências e práticas sociais e assim obtém ressonância na sociedade” (RÜDIGER, 1999, p.63).

Este tipo de debate implica em refletir historicamente sobre a cultura tendo em vista que ela produz e reproduz em termos econômicos, técnicos e espirituais as categorias e contradições sociais mais proeminentes. Esta linha

permite refletir, interpretar e explicar criticamente as questões relativas à cultura e, em especial, à cultura da mídia, seu desenvolvimento e relações com o todo social.

Desse modo, investigar a cultura da mídia nessa ordem da Midiatização implica, também, detectar de que maneira suas produções restabelecem os conflitos sociais através de imagens e discursos. Tais debates só são possíveis se tomarmos as mídias e a cultura que passa por elas como verdadeiros campos de interação. A cultura da mídia, assim, não é instrumento de dominação, mas um lugar de lutas que reproduz em nível cultural os conflitos sociais.

Nesta ordem, uma leitura contextual da cultura, ao invés de simplesmente ajudar a enxergar os fatos ou eventos reportados pelas mídias, facilita tomá-los também como formas de reação. Analisar o cultural, nesta etapa, implica – aos moldes de Kellner (2001) – considerar a cultura que passa pelas mídias em seu horizonte social e em seu campo discursivo de ação. O horizonte social diz respeito às múltiplas relações, às práticas e experiências que se desenvolvem e que acabam por contextualizar o local, a época e o cenário em que é feita a produção da cultura por intermédio das mídias. Já, o campo discursivo de ação dá conta dos elementos envolvidos na edificação dos discursos das mídias que constroem ou reconstroem a cultura.

Desse modo, prestar atenção à cultura na segunda ordem da Midiatização implica ter presente os desdobramentos sociais e os contextos nos quais tal modulação cultural se materializa. É atentar também para o potencial cumulativo do cultural midiático na promoção de discursos e imagens capazes de afetar (e transformar) a percepção acerca de determinada estrutura.

Já, na terceira fase da Midiatização, são as discussões marcadas pelo ideário da cultura da convergência, conforme o ideário de Jenkins (2008), que marcam os debates. Tal modulação procura dar conta da discussão do cultural midiático que se relaciona com o advento das chamadas novas tecnologias de comunicação e com o processo de digitalização. Esse debate se vincula de maneira

estreita com tais processos e com os câmbios que inegavelmente transformam a cultura no mundo contemporâneo.

A nova modulação da cultura nesse contexto se liga à chamada revolução da mídia participativa, que apresenta inevitáveis consequências no que diz respeito aos processos culturais. Esse procedimento revolucionário de conversão patrocinado por esta qualificação cultural não se trata, porém, de um processo homogêneo, pois ainda se pode perceber, nos interstícios do seu debate, a clara convivência entre diversos padrões de relacionamento cultural com as mídias ou com o midiático.

A forma de relacionamento com o mundo cultural nessa ordem da Mídiação implica não apenas consumir o que passa pelas mídias, mas também produzir com o que passa pelas mídias – e, em último grau, produzir mídia. Afinal, convergência aí não se trata apenas de processo tecnológico (ou de tecnologização), mas engloba ou patrocina transformações de outras ordens, principalmente culturais, as quais o processo midiático de terceira ordem procura elucidar.

A convergência enquanto processo cultural típico dessa fase vincula-se com elevado grau de proximidade às ideias de circulação e de fluxo – circulação e fluxo permanente de imagens, histórias e sons – que marcam a forma de proceder das mídias, do midiático e da Mídiação. Nesse sentido falar aí de cultura é falar de uma cultura de transição, de uma cultura de ajustamento, na qual as formas midiáticas de proceder ainda precisam ser mais bem ajustadas (melhor sintonizadas) às tipificações de sua utilização.

Esta nova cultura, marcada pelos fluxos, também assume o regime dos vínculos como seu insumo caracterizador. Nele, as possibilidades de contatos culturais são organizadas no interior de plataformas de sentidos, na medida em que tal organização está sistematicamente subordinada aos desígnios da informação – a qual passa a estruturar, a partir desse momento, a organização e o funcionamento do cultural.

O cultural, nesta etapa dos debates acerca da Mídiação, tem na sua raiz, além dos conceitos de fluxo e circulação, o ideário da sociedade em rede. Nele os diversos tipos de mídia passam a conviver em um ecossistema comunicativo (e cultural) mais amplo. Nesse contexto tanto as discussões acerca da comunicação quanto da cultura se complexificam e se expandem.

Tal expansão, patrocinada pelo aceleração das formas de interação midiática, marca decisivamente o cultural com os preceitos daquilo que pode ser qualificado cultura da convergência. A cultura que aí se propaga (que se expande a partir do construto da convergência) não pode mais ser tomada como um processo unidirecional que parte exclusivamente das mídias. Ela indubitavelmente tem relação com o midiático, mas também faz emergir seus tentáculos pelas brechas de todas as demais esferas do social.

O avanço dessa tipificação de cultura exige pensar a erradicação de fronteiras entre os processos socioculturais e impinge a focar, na discussão do cultural, o processo de quebra de limites imposto pelas lógicas e dinâmicas do conexismo patrocinado pelas mídias em rede. Nessa ordem também o estudo dos fenômenos culturais migra cada vez mais em direção ao âmbito das chamadas zonas de indeterminação, abandonando a ideia restritiva de fronteiras.

O debate cultural nesta ordem trata, portanto, dos modos de ser/existir no mundo midiático e especialmente das implicações, das práticas de convergência e de digitalização no universo midiático e cultural. Trata, em outras palavras, da ambiência tecnomidiática instituída justamente pelo imbricamento do midiático no cultural e do cultural no midiático.

As discussões do cultural conforme as distintas ordens da Mídiação podem ser agrupadas no entorno daquilo que Muniz Sodré (1998, p.09-12) chama “tecnocultura”. Uma designação que busca deixar clara a relação do comunicacional com a produção de bens simbólicos e culturais através da mídia. Tecnocultura, nessa mirada, dá conta do processo de impregnação da ordem social

pelos dispositivos midiáticos e não deixa de apontar para certa reinvenção do cultural patrocinado por esta imbricação.

Tecnocultura, nesse debate, vem substituir conceitos ou expressões já desgastadas por sua vinculação com perspectivas progressas de análise – como indústria cultural e cultura de massa. Esse momento tecnocultural marca uma fase de forte dispersão da cultura midiática que não pode mais ser definida simplesmente a partir de uma zona ou de público especial. Trata, em outras palavras, da universalização sígnica de uma aliança estratégica entre tecnologia, cultura e comunicação.

Tal discussão permite visualizar que as formas e produtos que a tecnocultura configura atuam diretamente sobre o fundo prático da realização material cotidiana e exigem delineamentos reflexivos específicos para sua problematização. É nesse delineamento problematizador específico que a armação da Mídiação e suas distintas ordens contribuem com seus postulados.

Nesse debate, outra vez se põe em jogo o uso social da cultura e novamente se questiona se sua problematização deverá se basear nas estruturas antropológicas e sociais ou nos dispositivos tecnológicos. O que fica, porém, destas discussões é que estratégias segregantes que buscam separar e estratificar o cultural para depois analisá-lo raramente conseguem apresentar resultados efetivos e que contribuam para o progresso dos debates.

O trato do cultural nas distintas ordens da Mídiação deixa claro que a cultura precisa ser pensada nas suas relações e que as modulações manejadas para a problematização do cultural também precisam ser pensadas relacionalmente. O midiático nesse contexto tem de ser entendido como um campo, e o cultural nele tem de ser tomado como uma instância que participa da textura geral da experiência por onde meios, mídias e suas tecnologias são inseridos por entre as práticas sociais. Considerar, assim, o papel do cultural e do midiático na textura geral da experiência permite melhor refletir acerca da inserção da mídia na

comunicação e, destas, no cotidiano das práticas – lugar onde efetivamente são tramadas as experiências.

Evidencia-se, dessa forma, que na armação da Mídiação a cultura não se reduz ao que passa pelos meios. Mesmo a cultura que carrega as marcas da mídia (do midiático) apresenta múltiplas vinculações, utilizações e resistências. A noção de cultura desse construto ultrapassa a visão de médium, mesmo partindo e sendo fundamentada por esta noção quando tal debate é inaugurado. O dispositivo cultural que emerge patrocinado pelas discussões da Mídiação e suas distintas ordens ultrapassa a noção de médium precisamente no momento em que o cultural é redefinido pelas técnicas, pelo tecnológico. Nesse ponto o cultural, junto com a comunicação e a tecnologia, passa a constituir uma nova “ambiência societal” e não apenas outra “tecnologia de inteligência” (MUNIZ SODRÉ, 2002, p.22).

A noção de “*éthos*” é convocada por Muniz Sodré (2002) para ajudar a emprestar materialidade a esta nova ambiência societal. *Éthos* tomado como espaço destinado à realização humana ou como forma organizativa das situações cotidianas, tem claramente vinculação com as discussões acerca do cultural e do papel do cultural na armação da Mídiação. Ele favorece pensar a cultura e a comunicação como formas de organização, como modos particulares de fazer, condicionados pelas leis do midiático e do tecnológico.

O *éthos*, no entanto, assim como a qualificação tecnocultura, considera que as significações em tempos de Mídiação estão profundamente condicionadas pelo contexto e que este contexto é particularmente afetado por uma qualificação cultural própria que atravessa a totalidade das interações. É por isso que Mídiação também pode ser tomada como um processo sociocultural complexo, que tem como antecedente histórico a configuração das mediações instauradas pelos meios de comunicação (MUNIZ SODRÉ, 2002).

Na Mídiação, como bem dissemos, predomina uma qualificação cultural própria (a tecnocultura), na qual o cultural assume um novo lugar

chamado *éthos* midiaticizado. A tecnocultura característica desse período implica a transformação das formas tradicionais de socialização, além de postular a formação de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Implica um novo tipo de relacionamento dos indivíduos com suas referências concretas, uma nova forma de interação sociocultural.

As mídias aí (na interação sociocultural contemporânea) marcam decisivamente sua presença no processo de produção de sentido. Nesse contexto, as novas condições patrocinadas por elas (e pelo processo de Midiaticização) exigem a reinvenção dos laços sociais e culturais – reinvenção esta calcada na lógica das redes que se instaura formatando uma nova diagramação dos espaços de intercâmbio cultural. Em tais espaços de troca (espaços de transformação da cultura cotidiana) a relevância cultural que o midiático assume não se assenta apenas no conteúdo que ele difunde, mas também na mudança cultural que ele catalisa – pois é isso que conecta as novas e difusas condições do saber com as novas maneiras de ver/narrar e, ambas, com os novos modos de estarmos juntos na atualidade.

Na Midiaticização, as mídias, via processos socioculturais que elas patrocinam, trabalham na configuração de um modelo progressivamente tomado como referencial na produção de sentido e na reconstrução social – processo este que pode ser encarado como uma resposta depositária de valor simbólico e culturalmente consagrada que passa a integrar o quadro cultural previamente existente, não como um simples objeto, mas como um sistema de relação e de sentido.

As relações que nesse contexto passam pelo ordenamento e ajustamento do midiático, depois de estabilizadas, constituem um modelo cultural – o modelo da tecnocultura. Neste processo de ajustamento as novas relações que a partir daí frutificam passam a ordenar as condutas constituindo-se em fator ativo na organização social e cultural, e a cultura aparece como fator imprescindível para o entendimento dos processos de mudança trazidos pelas inovações tecnológicas do midiático.

No modelo cultural da Mídiação, a tecnologia e a comunicação também estão imbricadas de forma a afetar os modos de organização (e de pensar) da sociedade. Nessa nova ambiência societal (no *bios* midiático), a tecnocultura emerge como uma nova forma de relacionamento do indivíduo com o real e patrocina modificações significativas nas formas de perceber – além do surgimento de novas modalidades de sociabilidade (MUNIZ SODRÉ, 2002).

Pela centralidade que representa, o modelo tecnocultural da Mídiação, surge aí como problemática central de análise, pois são as manifestações e as operações realizadas por seu conjunto de dispositivos, processos e estratégias de natureza tecnossimbólica, que bancam a instauração da chamada nova ambiência societal. Mostrar como a cultura, a lógica e as operações de cunho midiático se oferecem como referência para o funcionamento de práticas, e como as práticas de diferentes matrizes se fazem elas mesmas permear por insumos dessa modalidade de cultura, resume parte dos desafios inaugurados com esse debate.

A cultura nesse construto tem de ser tomada como o conjunto constituído pelas distintas relações de sentido (atualizadas em comportamentos, normas e valores) presentes em todas as instâncias de uma formação social. Cultura é nesse contexto o lugar de ambiência e produção de conhecimento e um processo de troca simbólica para a produção autônoma de sentido. Estudar a cultura a partir dessa valorização é, pois, considerar o potencial extensivo de reinvenção imaginária da chamada ordem tecnocultural e da nova ambiência societal que ela inaugura e com a qual tudo tende a ser ressignificado.

### **2.2.3 Tecnologia**

O forte enlace da tecnologia com os debates patrocinados pela armação da Mídiação é inegável. O tecnológico, em especial o tecnológico do midiático, constitui uma das pedras angulares desse debate, e também por isto ele é tomado como um dos eixos temáticos estruturadores da presente discussão. A tecnologia aí

ajuda a pensar a comunicação, em especial na sua derivação midiática através daquilo que figurativamente poderíamos qualificar como uma análise tecnológica da comunicação, ou análise comunicacional da tecnologia. Esta linha de discussão acaba por inscrever em definitivo e de uma forma particular a tecnologia no midiático e o midiático na comunicação.

Como sabemos, essa aliança entre comunicação, mídia e tecnologia, que aqui baliza as discussões, não é nova. O mundo das máquinas faz muito tempo é referência para a comunicação, em especial a comunicação que passa pelas mídias. É novo, porém, o *status* que o tecnológico e o seu automatismo assumem com a Mídiação – eles constroem parte importante do próprio fundamento ideológico do processo midiático.

Obviamente que, dentre os inúmeros fatores que podemos citar como elementos impulsionadores da Mídiação e seus distintos ordenamentos, salta aos olhos o pronunciado papel das tecnologias, sobretudo das tecnologias da mídia. Também se fazem presentes e marcam as discussões debates relacionáveis à chamada revolução da técnica que a partir daí se verificam, como por exemplo: as discussões acerca da expansão das redes e de suas lógicas; do processo de digitalização que as acompanha; e da ideia de virtualização que daí emerge.

Tal revolução, e a imersão na tecnologia que ela patrocina, estão ligadas à própria mudança no estatuto da técnica, o que nos últimos tempos provocou câmbios significativos nas formas de viver. Segundo Fausto Neto (2005a, p.20), nesse novo cenário a técnica (e o seu *status*) se desloca e deixa de constituir um “lugar de produção de representações” para se converter no “âmbito próprio de organização das interações”. Neste palco é inegável que o midiático e as tecnologias do midiático têm papel principal. Porém, como bem lembra Verón (1997), na Mídiação os fenômenos tecnomidiáticos ultrapassam a noção de meios (técnicos), enquanto instrumentalidades, e sua racionalidade acaba se convertendo em qualidades que apontam para um modo de uso histórico das técnicas.

A técnica se converte nesse contexto em chave do pensamento acerca da experiência social, em termos de sua influência sobre as sensibilidades – isto porque em tempos de Midiatização ela proporciona acesso a experiências estéticas novas. Essas novas sensibilidades se expressam em novos sentidos, os quais se materializam nas técnicas fazendo possível outro modo de existência das coisas e outros modos de acesso a elas.

Perceber a vinculação dessas novas modulações da experiência com o tecnológico, o midiático e o comunicacional é o que norteia a presente discussão. Ela ajuda a reconhecer o real peso das tecnologias (de comunicação) nas transformações da sociedade, e não almeja, como acusam alguns, afirmar a sua enganosa centralidade e suas pretensões de totalização social. Esse debate, portanto, não tem relação com nenhum otimismo tecnológico exagerado, nem com o que alguns chamam de determinismo midiático.

Estudar como funcionam as tecnologias e seus dispositivos, na armação da Midiatização, contribui antes para melhor compreender o comunicacional. Mas, reconhecemos, também não o esgota. Diante de tais discussões é inegável que os dispositivos tecnológicos fazem parte dos processos de comunicação e emprestam alguns contornos particulares às suas formas, mas é inegável também que eles (sozinhos) não determinam tais processos.

Aí, o debate acerca da tecnologia, embora centrado no midiático-tecnológico, ajuda a esclarecer melhor os termos da relação mídia-comunicação e, com isso, permite desfagocitar o sentido exclusivamente técnico que a comunicação assume em alguns construtos. Desentranhar a comunicação do que ela tem de tecnologia e entender com mais propriedade os termos dessa relação é, em nossa leitura, o que melhor faz o construto da Midiatização nas suas diferentes ordens de discussão.

Com o avançar destes debates se percebe que, depois de reconhecer o tecnológico como fundamental, a discussão da técnica na Midiatização postula suspender o midiacentrismo e prestar atenção à perda de especificidade da mídia a

qual se converte progressivamente em insumo constituinte de outros campos (como o político, o econômico e o cultural). Neste caminho, a primeira ordem da Mídiação trata o tecnológico através do foco no meio, no espraiamento da sua lógica para outros campos e no início da perda de sua especificidade. A partir de então, o midiático começa cada vez mais a integrar todos os campos ou estratos do sistema social. É a partir daí que se inicia a identificar os nuances da chamada revolução do tecnológico e os efeitos dos impulsos que ela empresta à Mídiação.

Conforme Fausto Neto (2002a, p.03), outra contribuição importante à problematização da Mídiação em seu primeiro ordenamento vem dos “câmbios das lógicas industriais” e das “mutações de ordem tecnológica” que ela carrega consigo. No debate aí realizado torna-se possível começar a reconhecer os termos daquilo que hoje atua na redefinição do significado das próprias tecnologias, dos cenários e das instâncias reguladoras em que elas participam.

A discussão acerca da transformação das tecnologias em meios, que caracteriza a primeira ordem da Mídiação, transmuta-se depois, nas ordens subsequentes, em discussões acerca da nova ordem sociotécnica, suas formas de regulação e modos de viver. Responsáveis antes por constituir as massas, as mídias e suas tecnologias contribuem agora para dissolvê-las – potencializam a agência individual via protocolos de tecointerações digitais. Neste ordenamento aparecem como centrais na problematização da tecnologia pela armação da Mídiação as discussões relacionadas à chamada matriz cibernético-informacional e, com ela, os debates relacionáveis às noções de sistema, de imersão tecnológica, de estatuto da técnica, de digitalização, de dispositivo e de fluxo.

Passa por ela, assim, a discussão do avanço dos dispositivos tecnológicos para o âmbito das convergências digitais. Neste âmbito, tais dispositivos, além da integração técnica a diferentes plataformas, autorizam a visualizar as novas formas de vínculos e compartilhamentos, passíveis de ocorrência por entre os agentes envolvidos no processo comunicacional. Os dispositivos são então tomados não

apenas como entidades técnicas, mas como lugares materiais e imateriais nos quais as tecnologias e os discursos sobre elas se inscrevem; como matrizes que articulam procedimentos de fabricação, saberes e regimes de crença; e como pontos de aplicação desses saberes em uma determinada prática social.

Os dispositivos tecnológicos dizem respeito, assim, tanto aos operadores quanto às operações que explicitam, atualizam e redesenham as ações. Eles estruturam e fazem funcionar as relações, emprestando materialidade à chamada nova natureza sociotécnica. Nessa ordem os dispositivos dizem respeito ao espaço pré-construído pelas interações que operam conforme gramáticas também predeterminadas. Nas condições imputadas pela lógica da Mdiatização, o dispositivo tecnológico está relacionado, desse modo, ao agenciamento das diversas operações tecnodiscursivas engendradas pelas tecnologias de mídia.

Tal aproximação com as discussões dessa matriz muda o ambiente dos debates, sua forma de organização e os tipos de relações do que é possível enfocar. Para Fausto Neto (2006a, p.08), a intensificação de tecnologias voltadas para processos de conexões e de fluxos transformam o estatuto das mídias, fazendo com que elas deixem de ser apenas “instrumentos mediadores” e se convertam em “agentes” de maior complexidade.

Com este debate, a própria forma de encarar os meios ou dispositivos técnicos da mídia muda. Estes passam a ser tomados enquanto construtores – enquanto arquitetos de uma nova ambiência que, com sua particular forma de operar, marca de uma nova maneira o processo de interação e as práticas comunicacionais. Nessa nova ambiência (a da mdiatização), a tecnologia se coloca como condição que ajuda a decidir o “modo de fazer a experiência” (GALIMBERTI, 2006, p.13). Para Fausto Neto (2006b, p.03) vem daí a ênfase na técnica como transformadora do *status* das mídias e do seu funcionamento, os quais passam a operar como “meios-pulsão”, abandonando o seu clássico lugar de “meio-representação”.

No entanto, é importante ressaltar que a percepção de tal complexificação sinaliza também para os efeitos impostos pela própria lógica sociotécnica da midiatização crescente – principalmente no que se refere à concentração de operações pela convergência de técnicas e conteúdos, e às novas formas de construir significados que elas patrocinam. Dimensões estas muitas vezes esquecida pelos protocolos comunicacionais.

Tais formas de construir significados podem ser tomadas como indicadores do processo de Midiatização. Elas apontam para a importância de se observar o discurso que circula sobre as técnicas e através delas. Vem daí a percepção que considera que o discurso midiático-tecnológico contemporâneo funde os sistemas semióticos, pois acaba por misturar os diversos recursos tecnológicos na construção do que pretende expressar – constrói assim novas formas de representar, novas formas de impulsionar discursivamente os fenômenos sociais.

Esta linha de investigação permite começar a entender como a racionalidade tecnológica passa a interditar as potencialidades humanas através da aproximação que promove entre os dispositivos tecnológicos, as produções midiáticas e as demais esferas do viver. Esse crescente processo de tecnologização converte as tecnologias em meios de interação social e as promove de mecanismos a plataformas – capazes, por si sós, de comunicar. É da aliança entre tecnologia, mídia e comunicação, em suas diferentes modulações, que se ocupa a armação da Midiatização. São os câmbios sociotécnicos que esta aliança gera ou promove (hoje via dispositivos de interface e comunicação instantânea) e as transformações nos modelos de percepção o que impinge a problematização desse casamento.

Problematizar a tecnologia na armação da Midiatização é também atentar para o comportamento dos novos recursos tecnológicos que surgem fundindo ou decompondo o que antes não passava de rígidas separações ou barreiras. É observar atentamente os termos do processo de colonização tecnológica por que passam o midiático, o comunicacional e todas as demais esferas do social. É

ressalvar as particularidades da nova tecnoesfera configurada, das suas formas de interação e do seu sistema de objetos ou ações.

Neste processo de colonização tecnológica, os objetos naturais vão sendo transformados e substituídos por dispositivos fabricados, por objetos técnicos ou tecnológicos, fazendo com que a natureza (agora artificial) tenda a funcionar como uma máquina – enquanto tecnoesfera. A tecnoesfera, segundo Santos (1994, p.101), é “construída artificialmente” e composta por “dispositivos técnicos carregados com enorme carga de informação”. Estes objetos, conforme Muniz Sodré (2002, p.20), não são apenas “dispositivos tecnológicos”, dispositivos carregados de técnica. Eles funcionam como “próteses” e estão acoplados ao fluxo comunicacional em uma canalização estendida que transforma código produtivo em “ambiência existencial”.

Na discussão da tecnologia patrocinada pela armação da Midiatização, tais objetos tecnoinformacionais dizem respeito e estão relacionados a uma forma particular de racionalidade produtora de sentido – a racionalidade da técnica – e também funcionam como esfera tecnossimbólica que envolve e desenvolve os sujeitos. Desta forma, na contemporaneidade do processo midiatizador, as próteses midiáticas passam a participar cada vez mais da produção de sentidos, dos processos de configuração do ambiente, das formas de morada e dos modos de fazer, viver e conviver. Os dispositivos tecnoinformacionais se constituem, portanto, como os novos lugares de significação dos processos sociais e são atualmente uma das mais importantes dimensões constitutivas da produção de sentido; uma das mais proeminentes materializações da nova ambiência existencial em que estamos imersos.

Esta concepção maquínica do mundo, que sustenta a tecnoesfera e que se deixa ver pela armação da Midiatização, é sustentada por um complexo processo que envolve avanço tecnológico e transformação da vida social. Segundo Muniz Sodré (2002), é a disseminação das tecnointerações na vida social – entendidas como aquelas interações realizadas pela tecnologia – quem vai configurar a Midiatização como um processo abrangente e de grande peso em nosso tempo.

Tal processo de tecnologização, no entanto, ultrapassa a ideia de mediação tecnologicamente exacerbada que sustenta o processo midiaticizador em seu primeiro ordenamento e avança, nas ordens subsequentes da Midiatização, rumo à configuração de um espaço próprio e relativamente autônomo frente às demais formas de interação – avança rumo à constituição de uma nova ambiência societal, de uma nova ecologia, de uma nova esfera do social (a tecnoesfera).

Atentar, assim, ao papel desempenhado por esses imbricamentos no processo de Midiatização permite entender a tecnologia como fator modificador não só dos procedimentos, mas também dos ambientes sociais. Tecnologia, nessa armação, potencializa novas formas de atuação prática, que se apresentam na ordem social dando margem para o surgimento de outra forma de organização sociotécnica. Nessa construção, a ideia de sociotécnica nos autoriza a pensar as formas de afetação da tecnologia nos processos sociais que ela dinamiza. Autoriza-nos a pensar com maior propriedade não apenas os desígnios da técnica, mas também a relação entre tecnologia, cultura e comunicação.

O desenvolvimento tecnológico que esta nova organização sociotécnica deixa ver possibilita respostas mais amplas às necessidades de problematização da inserção da tecnologia na vida social e enquanto elemento propulsor de novas formas de relacionamento. Nesse sentido, desenvolvimento tecnológico não diz respeito apenas à invenção de um instrumental físico-operacional, mas tem relação com um movimento mais amplo de mudança. Nele a tecnologia não apenas ajuda a alterar as formas de fazer, mas modifica também as formas de pensar e perceber – e por isso também incide sobre o comunicacional e o cultural.

Junto com a ideia de uma nova organização sociotécnica emerge a percepção da mútua afetação entre as possibilidades tecnológicas, a comunicação e o fazer humano, pois verifica-se que cada nova tecnologia que se instaura traz consigo novas possibilidades de sentido e de controle do social. O uso de uma tecnologia, portanto, ao mesmo tempo em que reflete, é reflexo de determinado momento histórico, cultural e social no qual ela surge e é adotada; da mesma forma

que, ao ser adotada, essa mesma tecnologia modifica a cultura e a organização social na qual ela se insere.

Desta maneira, tomar a tecnologia no construto da Mídiação é, pois, também encará-la como um dispositivo estruturador de significados aceitos na ordem social como característicos de uma cultura própria; é aceitar que ela integra um imaginário particular que, além de uma nova ambiência, patrocina o surgimento de novas linguagens. Para além de dispositivos, as tecnologias são nesse contexto convertidas em meios de interação social capazes de produzir o seu próprio discurso sobre o mundo; em meios técnicos geradores de hábitos.

Assim, no debate da tecnologia na Mídiação, as técnicas, o tecnológico e o midiático-tecnológico não são especificamente o foco da problematização. O problema não é se as tecnologias podem ou não ser consideradas de comunicação, mas no que a comunicação está sendo transformada pelas novas tecnologias – não enquanto meras técnicas e sua magia, mas enquanto expressões materiais de uma nova matriz de percepção. É obvio, no entanto, que a matriz de percepção a partir daí configurada tem relação com a aceleração do processo de informatização e com a digitalização generalizada que o acompanha. Nelas as mídias (e suas tecnologias) definem e não simplesmente reproduzem uma realidade, pois aí está implicado um trabalho ativo de selecionar e apresentar um significado construído ou já existente.

Desta forma, as mídias e as tecnologias que elas abarcam acabam por construir um todo coerente que faz circular um tipo específico de conhecimento sobre a sociedade. Elas naturalizam uma explicação técnica do social e a mostram como a única forma inteligível de imaginário. Neste sentido as mídias não podem mais ser tomadas apenas como reflexo de uma realidade tecnológica. Elas, antes, retraduzem essa realidade – estruturam-na, dão-lhe forma e a reapresentam.

Esse olhar em direção as mídias, via discussão de suas tecnologias, permite re-sintonizá-las em sua relação com o comunicativo e, com isso, descobrir a densidade do que fazem as mídias com o comunicacional para além e aquém dos seus dispositivos e disposições. A discussão da tecnologia na

Midiatização não nega assim a ênfase no midiático. Reconhece que na realidade sócio-histórica atual os sistemas tecnológicos de mídia são centrais e atravessam a maioria dos processos de comunicação. Além disso, o seu debate não apaga o espaço social que o tecnológico e o midiático ocupam – ao menos em termos da sua capacidade de interpelação e importância que adquire o que neles aparece.

Com as discussões patrocinadas pela tecnologia na armação da Midiatização fica claro que as mídias, além de mostrar como ocorrem as mudanças socioculturais, acompanham-nas e até as promovem. Tudo isso tem a ver com as funções que as mídias incorporam ao longo de sua trajetória e ao longo da trajetória de desenvolvimento dos seus suportes tecnológicos. O midiático, conforme o ordenamento desses princípios, não mais representa, nem intermedia – mediatiza (e, com isso, pronuncia sua importância e incidência social).

Desta forma, é importante frisar que a interação que aqui destacamos não pode se ater exclusivamente à técnica do tecnológico. Compartilhamos nesse debate a percepção de que embora seja ela, a tecnologia e seu desenvolvimento, um dos principais insumos viabilizadores da instalação do processo de Midiatização, é sim a complexidade das práticas sociais e os seus câmbios que permitem o seu crescimento e frutificação – e, é nesse âmbito, no âmbito das práticas, que ela deve ser problematizada.

Creemos, dessa forma, que a Midiatização se articula às tecnologias tanto ao descrever suas características quanto ao desentranhar seus significados. Em última análise, elas, as tecnologias, em sua ação, transformam a cultura, pois impactam sobre sua economia. Com isso propiciam a instalação de uma “nova ética” que pretende fazer dos “bens culturais” o lugar de convergência de uma “nova ideologia” (MUNIZ SODRÉ, 2002). Este entendimento permite compreender o que passa ao nível explícito da técnica, sem confundi-la com suas lógicas intrínsecas. Tecnologia nesse contexto não pode mais ser vista como fator exclusivo que patrocina a emergência de uma nova ordem social, pois é na interação entre tecnologia, cultura e comunicação que também a técnica se torna efetiva.

### 3 MAPA COMPARATIVO DAS ARMAÇÕES

Em nossa cruzada realizamos ainda a aproximação comparativa entre as armações teórico-metodológicas das Mediações e da Mídiação. Nesta etapa trabalhamos no desenho de um paralelo teórico (no traçado de um mapa relacional) entre os modelos conceituais dos construtos pareados. Este fazer, em contraponto à etapa anterior, busca realizar uma leitura transversal das concepções acerca das MED/MID e implica uma tentativa de re-apreciar (impingir um novo apreço) os construtos manejados – implica reapresentar (apresentar de novo) a matriz lógica de sua construção conceitual.

Optamos por esse trajeto por acreditar que a comparação entre construtos teóricos como estes (distintos, mas aproximáveis) é um caminho viável à sinalização de outras possibilidades de desvendamento, tão caras aos debates acerca do comunicacional; e, também, por crer que a aproximação comparativa entre formas de conhecimento deste quilate pode auxiliar no desenvolvimento de um sistema de pensamento que melhor dê conta do estudo integral do comunicativo.

Apresentamos então, nesta seção, uma das possibilidades de aproximação entre os modelos conceituais das armações das Mediações e da Mídiação. Tal aproximação tem como lastro o resultado dos debates acerca dos eixos comunicação, cultura e tecnologia e objetiva exibir de uma nova maneira a matriz lógica das construções conceituais dos construtos MED/MID; exibir um novo mapa que, reconstruindo suas narrativas, deixa ver o que delas sobra para o estudo do comunicacional. Tais eixos são tomados como lugares para os quais se deve olhar a fim de melhor compreender estas armações e o que nelas tem de relevante na discussão do comunicativo.

Porém, como não há homogeneidade no material que manejamos, cabe ressaltar que não há também um padrão fixo para analisá-lo. Assim, buscamos aqui, depois de descrever as especificidades de cada um dos eixos, em cada uma das armações (MED/MID), tratar de suas principais características, as quais fornecem os insumos fundamentais para a presente descrição comparativa. Nessa construção prestamos especial atenção à forma de abordagem e tratamento dos dados relacionados às temáticas apontadas como eixos nodais do trabalho, pois ao reconstruir o trajeto acerca desses eixos podemos observar como eles são compreendidos e como se desenvolvem na problematização do comunicativo.

### **3.1 Cartograma MED/MID**

Nesta reconstrução é fácil perceber que a proposta central da armação das Mediações é analisar com a devida atenção os movimentos e transformações da dinâmica cultural – em sua relação com o comunicativo e com o tecnológico. Isto implica remapear o cultural, o comunicativo e o tecnológico, através das práticas cotidianas, dos seus produtos ordinários e das suas novas configurações.

O construto, e seus pressupostos, questionam assim os procedimentos tradicionais de pesquisa em comunicação propondo como métodos de trabalho: a crítica da razão dualista; pensar a comunicação a partir da cultura e elaborar mapas noturnos para explorar o campo. Na relação suturada pela armação das Mediações não há, portanto, lugar para verdades estabelecidas, nem para afirmações imutáveis.

A armação das Mediações acaba por inscrever o comunicativo (e o tecnológico) no interior da cultura. Um marco que permite compreender os distintos modos de apropriação cultural, junto com os diferentes usos sociais da comunicação e da tecnologia. Essa perspectiva concretiza as Mediações enquanto

linha de investigação integradora e amplificadora das discussões da comunicação, já que o comunicativo aí só se faz nas Mediações.

A teoria das Mediações inova tanto no desenho das perspectivas de estudo e nos problemas tratados, quanto nas metodologias aplicadas para este estudo. Nestas formulações a cultura e a tecnologia são tomadas enquanto realidades, essenciais para compreender os processos de comunicação. O comunicacional e o tecnológico aí são deslocados para o contexto cultural, com as Mediações trabalhando em conjunto com os dispositivos de produção e seus rituais de consumo, seus aparatos tecnológicos, seus códigos de montagem, de percepção e de reconhecimento.

Por sua vez, o cercamento da armação da Mídiação aqui realizado, devido a sua fluidez, foi de difícil execução. Nele verificamos que na Mídiação os próprios objetos (midiáticos) se instalam e emergem dinamicamente, trilhando vias particulares de inscrição no comunicativo. Tais dificuldades também refletem as distintas formas pelas quais as práticas sociais se midiaticizam ao longo do tempo e permitem perceber que estas modulações não são homogêneas – dados os desiguais universos materiais e imateriais em que elas se enredam. No construto é necessário admitir a existência de diferentes ordenamentos do fenômeno midiaticizador.

No entanto, podemos afirmar que nos estudos patrocinados pelo construto da Mídiação também há uma dimensão que enriquece particularmente os debates acerca do comunicativo: os temas elencados por suas discussões geralmente envolvem questões contemporâneas e imediatas; lançam mão de instrumentos analíticos inovadores; e, assim como na armação das Mediações, provocam mutações nas análises em decorrência dos tensionamentos que provocam.

O tema da Mídiação é um objeto contemporâneo e, por isso, ao mesmo tempo em que é fácil encontrar produções que buscam pensar o seu funcionamento, não é difícil encontrar também produções que o fazem

apressadamente. De modo geral, porém, estas referências à armação da Mídiação estão sintonizadas com a fase de transição da chamada sociedade dos meios para a sociedade da Hipermídiação; com a instalação progressiva e intensa do que alguns chamam de uma nova ambiência; com a inauguração da nova ordem biomidiática; ou ainda com o processo de instalação da alardeada vida a distância.

Esta transição (a passagem de um tipo de sociedade a outro) patrocina o deslocamento das observações acerca do comunicacional, na Mídiação, da noção originária de campo para o lugar das processualidades – para as instâncias que põem o comunicativo em ato. A partir daí, e em paralelo à convergência tecnológica, as práticas midiático-comunicacionais passam a chamar a atenção para a emergência de novos cenários e para as transformações que patrocinam nos protocolos de interação social. Na Mídiação, o midiático é convertido em força motriz, conforme novos e complexos regimes que dinamizam as práticas sociais, e, com isso, ele produz alterações nas formas de expressão e funcionamento das interações e inaugura novos regimes de estruturação dos vínculos.

Com a Mídiação, as mídias deixam de ser campo e passam a ser tomadas como dispositivos de afetação através do deslocamento de suas lógicas que agora passam a permear (e a transformar) a própria natureza da sociedade. Tais alterações acabam por inaugurar uma nova ordem comunicacional, cujo foco não são mais os meios no interior de regimes de mediação, mas o novo *bios*, o novo ecossistema a partir daí configurado. Este fenômeno repercute intensamente nas práticas sociais, especialmente naquelas que têm relação com a comunicação que passa pelas mídias, e inaugura uma nova tipologia de vinculação social.

No entanto, convém lembrar que a expressão Mídiação, junto com sua armação, aparece associada a uma enorme diversidade de fenômenos. Em boa parte das reflexões o termo Mídiação é identificado como uma expressão frequentemente utilizada, mas que não possui um sentido explícito. Nas discussões, até determinado momento, Mídiação se refere genericamente a qualquer questão relacionada à mídia, ou com o impacto social das tecnologias do

midiático. Contudo, como podemos perceber, esse entendimento varia e, na verdade, uma interpretação coerente relacionada à ideia que a Mídiação patrocina encontra-se ausente dos escritos.

O que tem de ficar claro, assim, é que tanto as Mediações quanto a Mídiação ainda correspondem a dinâmicas muito amplas, produzidas por processos complexos que incidem fortemente sobre a reorganização do funcionamento da sociedade. Em certa medida essa imprecisão dos contornos das armações aqui manejadas parece se espelhar na fluidez e na maleabilidade do próprio debate acerca da comunicação, da cultura e da tecnologia que ambos os construtos patrocinam.

No construto das Mediações a comunicação pode ser tomada em seu funcionamento. Nela é o conceito de práticas cotidianas quem vai permitir a aproximação concreta da cultura com a comunicação (e vice-versa). A partir de tais postulados podemos falar em práticas de comunicação, em práticas culturais cotidianas de comunicação e, além disso, tomá-las enquanto objeto de análise no comunicacional. A comunicação aí não se põe mais sozinha, mas é tomada (e compreendida) sempre em associação com um contexto mais amplo, no qual suas práticas (as práticas de comunicação) são assumidas em consonância com as condições com as quais elas se estabelecem. Comunicação é assim, ao mesmo tempo, um processo social e um campo de batalha cultural.

A comunicação é, portanto, no construto das Mediações uma questão de cultura. Ela (para além do midiático) se dá na cultura e é tomada a partir das práticas culturais. A armação das Mediações, nessa lógica, articula os processos de comunicação às diferentes dinâmicas que estruturam a cultura na sociedade e toma o comunicacional como um lugar estratégico desde o qual se pode pensar o social. Nas Mediações a comunicação assume uma perspectiva de compartilhamento, não mais de transmissão.

Este conjunto de postulados nos obriga a abandonar em definitivo a ideia de comunicação unicamente como fenômeno dos meios e, ao mesmo tempo,

impinge tomar o comunicacional através dos seus modos ou formas de proceder (de comunicar) – obriga a problematizar nos estudos os modos cotidianos de comunicar. Nas Mediações a problemática da comunicação passa a ser localizada no âmbito do contexto sociocultural e só pode ser tomada (e estudada) em diálogo com processos sociais mais amplos – processos estes que antes lhe pareciam externos ou exteriores.

Também, na armação da Mídiação, comunicação não se refere apenas a um fenômeno estático (típico de definições tradicionais). No construto o ideário da comunicação ganha vida e progressivamente vai se distanciando das concepções lineares (mesmo que estas tenham sido originalmente vinculadas à ideia de Mídiação). Estes ganhos, como bem sabemos, têm relação com a tomada (a partir da segunda ordem da Mídiação) do fenômeno da comunicação enquanto práxis sociotécnica.

A partir desse momento, na Mídiação, o comunicacional passa a ser relacionado a um conjunto particular de objetos (os objetos midiáticos) e é particularmente fixado em um tipo especial de produto (nos produtos da mídia). Isso não significa, porém (nem nunca significou), que as discussões acerca da comunicação na armação da Mídiação sejam reduzidas apenas ao midiático. No construto, de fato, a comunicação pode ser tomada como um ato singular, mas, ao mesmo tempo, como um ato social que leva em conta a existência do outro, ou seja, da dimensão do *socius*. Em lugar do controle, a comunicação (na Mídiação) se desdobra em feixes de relações, com intervalos e defasagens que lhe são próprios.

A aposta patrocinada pela Mídiação para a problematização da comunicação é então seguir os passos do processo. Prestar atenção às processualidades é, portanto, prestar atenção ao imperativo negocial da comunicação. Pois, as processualidades, em suas negociações, tratam de um processo comunicativo em andamento e nunca acabado. São elas, portanto, que na Mídiação permitem tomar a comunicação como um espaço contraditório, um espaço estratégico de contestação.

Diferente do construto das Mediações, que toma a comunicação a partir das práticas, a armação da Mídiatização maneja com o comunicativo a partir dos processos – a partir das processualidades. Nela a comunicação passa a dizer respeito à ação, ao processo de tornar comum tudo aquilo que não deve permanecer isolado. Tais incorporações indubitavelmente contribuem para a mudança nos protocolos de problematização do comunicacional. A noção de comunicação a partir destes ajustamentos se complexifica e passa a ser tomada enquanto lugar cuja organização e funcionamento incidem sobre os modos de viver a experiência e as interações sociais. Comunicação aí assume, enfim, uma nova importância.

A cultura, por sua vez, é assumida na armação das Mediações como chave fundamental, como categoria central no tratamento do comunicativo. O espaço cultural é fixado como o eixo desde o qual se pode vislumbrar dimensões inéditas do comunicacional. No construto das Mediações a cultura é tomada como uma rede vivida de práticas e relações constituintes do cotidiano. Ela assume a característica de espaço de negociação, conflito, inovação e resistência; de processo integral pelo qual os significados (e suas definições) são socialmente construídos e historicamente transformados.

No construto das Mediações o conceito de cultura é alargado e passa a abarcar desde as práticas e sentidos do cotidiano (antes afastados do escopo cultural) até aquelas expressões culturais mais heterogêneas e diversas, as quais agora podem ser vistas e revistas em relação com o seu contexto social e institucional; em contexto com as relações de poder e a história. Na armação das Mediações a cultura é, portanto, uma questão de comunicação. Ela se dá na comunicação. O desafio de sua problematização é, pois, reconhecer a complexidade cultural da comunicação.

Esta compreensão supõe a desconstrução de um conceito monolítico de cultura para desvelar os seus entrecruzamentos com o comunicativo (e com o tecnológico); e suas mudanças de sentido. Este olhar pretende abarcar o ponto de vista da cultura, junto com o seu processo histórico. Cultura, na via de

problematização aberta pelas Mediações, torna-se uma condição de existência constitutiva do social e assume, nele, a centralidade. O acento no debate nessa linha de investigação permite encarar a cultura como um modo de vida (característico e distintivo). Ela passa a incluir os mapas de sentido que fazem as coisas do comunicativo inteligíveis e diz respeito às formas de modelação, experiência e interpretação das relações sociais.

Por sua vez, a concepção de cultura patrocinada pela Mídiação toma a cultura midiática (que passa pelas mídias) como centro organizador das discussões. Mídiação trabalha com uma definição mais tecnológica de cultura. Cultura nesse contexto tem relação com os fluxos, com os processos, patrocinados pelas tecnologias comunicacionais e seus desenvolvimentos. A Mídiação, porém, não abandona a dimensão de modo de vida global da cultura, mas trata com maior atenção de uma modulação particular desse modo de vida – aquela que tem nas tecnologias da mídia o seu centro.

Em outras palavras, esta linha de problematização trabalha em uma definição mais midiática de cultura, o que não significa que ela a tome só como algo fabricado pelas mídias, mas também como aquilo que passa por elas. Esta apropriação permite reconhecer, por exemplo, que na Mídiação de primeira ordem a cultura se engaja mais na reprodução do que na produção das relações sociais. Nesse ordenamento a cultura é ainda confundida com simples lugar de incorporação de valores e está, por vezes, mais associada aos objetos do que àquilo que as pessoas e os seus grupos fazem com os objetos.

É inegável, portanto, que nos demais ordenamentos do processo midiático a discussão de cultura se complexifica. Na segunda ordem da Mídiação são as discussões acerca da cultura da mídia que marcam os debates. Tal modulação cultural toma a dianteira das relações sociais e praticamente inviabiliza o estudo da cultura sem relacioná-la às mídias e seus inúmeros formatos. Seus postulados se baseiam na máxima de que não existem mais motivos para o estudo em separado da cultura e da mídia.

Já, na terceira fase da Mídiação, são os debates marcados pelo ideário da cultura da convergência que marcam as discussões. Tal modulação procura dar conta do cultural midiático que se relaciona com o advento das chamadas novas tecnologias de comunicação e com o processo de digitalização. Esse debate se vincula de maneira estreita com tais processos e com os câmbios que inegavelmente transformam a cultura no mundo contemporâneo. A nova modulação da cultura aí se liga à chamada revolução da mídia participativa, que apresenta inevitáveis consequências no que diz respeito aos processos culturais.

O debate cultural nesta ordem da Mídiação trata, portanto, da ambiência tecnomidiática instituída justamente pelo imbricamento do midiático no cultural e do cultural no midiático. Nesse contexto as discussões podem ser agrupadas no entorno daquilo que Muniz Sodré (1998, p.09-12) chama “tecnocultura”. Tecnocultura, nessa mirada, dá conta do processo de impregnação da ordem social pelos dispositivos midiáticos e não deixa de apontar para certa reinvenção do cultural patrocinado por esta imbricação.

Na Mídiação predomina uma qualificação cultural própria (a tecnocultura), na qual o cultural assume um novo lugar chamado *éthos* midiático, e as relações, que aí passam pelo ordenamento/ajustamento do midiático, depois de estabilizadas, constituem outro modelo cultural – o modelo da tecnocultura. É notório que as expressões simbólicas da cultura são modificadas pelos protocolos desta armação. Isso porque os processos de afetação do tecnológico-midiático para com o cultural nela são inegáveis. Em outras palavras: a cultura não some no construto da Mídiação, ela é midiática – processo que reforça e expande o âmbito da tecnocultura.

Assim, o trato do cultural nas Mediações e nas distintas ordens da Mídiação deixa claro que a cultura nestas armações precisa continuar a ser pensada em suas relações e que as modulações manejadas para a problematização do cultural nelas também precisam ser pensadas relacionalmente. Nesse sentido, em ambos os construtos, falar de cultura é ainda falar de uma cultura de transição, de uma cultura de ajustamento.

A tecnologia, por sua vez, assume no construto das Mediações o caráter de problema-objeto na discussão do comunicativo. Pensar, porém, a tecnologia nessa armação implica antes romper com certo positivismo tecnologista – que reduz a comunicação a um problema de meios (de instrumentos técnicos). As tecnologias nesse contexto atuam como reorganizadores da experiência social, em um processo de distinção e reordenamento do horizonte cultural. Neste construto nenhuma força intrínseca à tecnologia é tomada como absoluta, mas sim como um processo que liberta uma energia social que sobrevém na articulação daquilo que o comunicacional permite acessar. A tecnologia é, desse modo, questão de comunicação e de cultura, pois acontece em ambas e se transforma no processo social.

A discussão da tecnologia na armação das Mediações está vinculada à discussão das técnicas, à discussão das tecnicidades enquanto tipos particulares de Mediação. Falar de tecnologia nas Mediações, portanto, não é falar de tecnicismo ou à moda tecnicista. Nela o tecnológico só pode ser problematizado se tomado como mais um dos tantos conjuntos de dispositivos desenvolvidos e colocados a serviço da humanidade a fim de facilitar sua existência. Esse entendimento implica, para o caso da armação das Mediações, o tratamento das tecnologias midiáticas (por exemplo) sem esquecer que a técnica embutida nelas não se restringe apenas ao que é próprio das mídias; sem esquecer também que nem o comunicacional se resume ao que passa nos dispositivos tecnomidiáticos e nem pode ser resumido a eles.

Dessa forma, falar de tecnologia no construto das Mediações é falar da não contemporaneidade entre tecnologias de comunicação e seus modos de uso; é falar tanto no sentido político quanto ético das transformações que a técnica medeia; é falar da transformação da razão instrumental em razão comunicacional. Portanto, nas Mediações as tecnologias não podem ser inocentadas. Seu domínio se converte antes em um terreno de luta permanente. Nela a tecnologia perde seu pretense caráter de técnica neutra e se converte em campo de criatividade – em campo de luta. Assim é importante lembrar que, conforme os preceitos do construto das Mediações, não se pode confundir a comunicação com as técnicas, nem o tipo de

mediação tecnicidade com a totalidade das Mediações. Isto resulta tão deformador quanto supor que as técnicas são exteriores e acessórias à (verdade da) comunicação.

Já, nos debates da armação da Mídiação, a tecnologia é acessada por meio de uma análise tecnológica da comunicação ou análise comunicacional da tecnologia. Essa linha de discussão acaba por inscrever de uma forma muito particular a tecnologia no midiático e o midiático na comunicação. Na Mídiação, como vimos, a aliança entre comunicação, mídia e tecnologia não é nova, pois o mundo das máquinas há tempos é referência para a comunicação, em especial a comunicação que passa pelas mídias. É novo, porém, o *status* que o tecnológico e o seu automatismo assumem com a Mídiação – eles passam a construir parte importante do próprio fundamento ideológico do processo midiador.

Nesse caminho, a primeira ordem da Mídiação trata o tecnológico através do foco no espraiamento da lógica midiática para outros campos e da perda de sua especificidade. A partir de então, o midiático passa a integrar todos os outros campos ou estratos do sistema social. Estas discussões transmutam-se depois em debates acerca da nova ordem sociotécnica, suas formas de regulação e modos de viver – passa por elas, desse modo, a discussão do avanço dos dispositivos tecnológicos para o âmbito das convergências digitais.

Desse modo, na Mídiação, a intensificação das tecnologias voltadas para processos de conexões e de fluxos transforma o estatuto das mídias, fazendo com que elas deixem de ser apenas instrumentos mediadores e passem a constituir também uma nova ambiência. Nessa nova ambiência a tecnologia se coloca como condição primordial, que ajuda a decidir o modo de fazer a experiência. Esse crescente processo de tecnologização converte as tecnologias midiáticas da Mídiação em meios de interação social e as promove de mecanismos a plataformas – capazes, por si sós, de comunicar.

Na discussão da tecnologia patrocinada pela armação da Mídiação os objetos tecnoinformacionais dizem respeito a uma forma particular de

racionalidade produtora de sentido – a racionalidade da técnica – e também funcionam como esfera tecnossimbólica que envolve e desenvolve os sujeitos. Atentar, assim, ao papel desempenhado por esses imbricamentos no processo de Mídiação permite entender a tecnologia como fator modificador não só dos procedimentos, mas também dos ambientes sociais. Tecnologia, nessa armação, potencializa novas formas de atuação prática, que se apresentam na ordem social dando margem para o surgimento de outra forma de organização sociotécnica.

Na Mídiação a tecnologia não apenas ajuda a alterar as formas de fazer, mas modifica também as formas de pensar e perceber – e por isso também incide sobre o comunicacional e o cultural. Dessa forma, para além de dispositivos, as tecnologias na Mídiação são convertidas em meio de interação social capazes de produzir o seu próprio discurso sobre o mundo; em meios técnicos geradores de hábitos. A Mídiação se articula, assim, às tecnologias tanto ao descrever suas características quanto ao desentranhar seus significados; portanto, desentranhar a comunicação do que ela tem do midiático e da tecnologia para entender com mais propriedade os termos dessa relação é, pois, o que melhor realiza o construto da Mídiação em suas diferentes ordens de discussão.

No entanto, como procuramos demonstrar na iluminação do tecnológico nas armações das Mediações e da Mídiação, uma coisa é assimilar os instrumentos técnicos, reconhecer a sua importância e posicioná-los no debate do comunicativo; outra bem diferente é recompor o seu sistema de valores e os níveis de afetação do seu sistema de valores para com o comunicacional. Acreditamos, pois, que é nessa segunda linha de investigação que ambos os construtos podem melhor contribuir.

Assim, o somatório dos debates nos impinge a considerar que no âmbito das Mediações são os processos de transformação cultural que assumem a dianteira das preocupações. Só aí, situadas neste estrato, é que as análises do comunicacional ganham maior densidade/materialidade e configuram um entendimento mais profícuo das inter-relações entre comunicação, cultura e tecnologia. Tal perspectiva, patrocinada pela armação das Mediações, acaba por

alargar o campo de estudos da comunicação e passa a pensar os movimentos culturais como forma de circulação histórica de longo alcance – sempre em justaposição com o comunicacional.

Na lógica das Mediações os movimentos culturais adquirem uma ascendência singular no pensamento em comunicação, o que acaba por inaugurar um campo novo de preocupações, projetos e atividades de pesquisa. Nesse contexto a abordagem das temporalidades diversas e das pluralidades das matrizes culturais se transforma em local privilegiado de análise do comunicativo e a comunicação perde em definitivo o *status* de objeto e assume a nítida posição de espaço. Com a armação das Mediações muda-se o eixo de preocupações em relação à comunicação. A partir daí não se pode mais entender o comunicativo isoladamente, mas, antes, como espaço a partir do qual se pode pensar a sociedade em sua globalidade.

No *locus* das Mediações, através do conceito de prática, é possível passar a pensar com maior propriedade a ação comunicativa e o seu ritual operativo (de produção e consumo). Esta armação (da teoria das Mediações) consegue reposicionar a problemática da comunicação; consegue recolocá-la de um novo modo e permite tomá-la como dimensão constitutiva da cultura – e, conseqüentemente, como dimensão constituinte do tipo de sociedade em que vivemos.

O construto das Mediações possibilita, assim, via discussão do comunicacional, problematizar a relação entre indivíduo e sociedade e também entender melhor como se interiorizam as estruturas sociais nos sujeitos individuais e coletivos. Permite, enfim, tomar a comunicação e a tecnologia na cultura e a cultura na vida cotidiana. A comunicação, por sua vez, aí atravessada por um novo conceito de cultura, solicita o desenvolvimento de um modo ampliado de análise – já que no construto das Mediações a comunicação se converte em espaço articulador das práticas comunicacionais para com os movimentos da sociedade; das práticas comunicacionais para com as diferentes temporalidades; e, destas, para com a pluralidade de matrizes culturais.

Dessa forma, a partir do estudo dos usos, os postulados do construto das Mediações refocam a discussão do comunicacional. É isso que, em última análise, obriga a deslocar o espaço de interesse do comunicativo dos meios para o lugar onde é produzido o sentido – dos meios para as Mediações –, pois é a partir das Mediações que se forja outra cultura, a qual tem na sua base outro regime de real. Assim, a teoria das Mediações autoriza os estudos comunicacionais a ultrapassar a questão dos meios e a rearticular estas questões no entorno da utilização social da cultura – reconhecendo a importância das tecnicidades, mas sem reduzi-la à problemática tecnológica.

Esta perspectiva passa a dar importância fundamental ao contexto; a focalizar o historicamente específico; a dar atenção às especificidades do cultural; e a engajar as diferenças culturais na investigação das práticas e das formas simbólicas do comunicativo até então excluídas da esfera cultural.

A armação das Mediações sugere desse modo uma nova reflexão no entorno do comunicacional – uma reflexão capaz de transbordar os limites do campo; uma reflexão que ataca as formas de intervenção da comunicação em uma concepção particular de cultura e que não esbarre no desencontro entre método e situação. A partir de então a análise dos processos de produção e circulação da cultura não está mais relacionada apenas à inovação tecnológica, mas também às novas formas de sensibilidade humana. A comunicação nessa articulação passa a ser entendida literalmente como uma questão de cultura e/ou de culturas. Ela não é mais, portanto, só uma questão de aparatos (de estruturas), mas também questão de sujeitos, de atores – é também questão de produção e não só de reprodução.

Como bem dissemos, o postulado central da armação das Mediações propõe a desocupação do campo de estudos dos meios (pensados como objetos) para a ocupação do universo das Mediações – do mundo das articulações entre o contexto cultural, os processos histórico-sociais e as matrizes tecnológicas e culturais; do mundo das articulações entre as práticas de comunicação e os movimentos da sociedade. Nas Mediações a comunicação, para fins de problematização, é inserida em definitivo no ambiente cultural, e a cultura é

tomada como arena de confrontação. Essa perspectiva redireciona a problemática do comunicativo, modificando sua compreensão. Nesse contexto a comunicação assume um sentido mais amplo (onde interferem inúmeras Mediações) – o sentido de prática social (na qual o sujeito é considerado um produtor de sentidos, e o cotidiano o espaço primordial de investigação).

Nesses termos, investigar a partir do espaço das Mediações é investigar a partir do lugar onde se dá a experiência; é refletir a comunicação pela raiz; é pensar a pluralidade dos modos de comunicação, tomando como fundamento o modo de viver cotidiano. Aí tanto a cultura quanto a comunicação (e a tecnologia) podem ser tomadas como constitutivas da trama social, contribuindo seja para a reprodução seja para a transformação desse tecido.

A proposta das Mediações é, assim, sair da investigação midiacêntrica para adentrar na reflexão da comunicação como fenômeno sociocultural; como tema do encontro e desencontro entre culturas e subculturas. Isso implica, enfim, abertura, observação e auto-observação. Saber ver o diferente no marco das culturas e subculturas, em sua malha de interações recíprocas e em determinado espaço e em suas relações com o comunicativo.

Nesse transcurso é importante perceber que, com a (nova) maneira das Mediações de situar o estudo da comunicação a partir do olhar estratégico que supõe a reconversão cultural, pode-se afirmar sem dúvidas que sim: a teoria das Mediações foi precursora de um inovador ponto de vista acerca da comunicação. A partir de sua formatação o campo da comunicação pôde ser pensado em sintonia com as práticas sociais e com os processos culturais concretos e cotidianos – agora tomados como centros organizadores dos debates.

Um dos méritos desse construto, portanto (e o que sobra dele), é sua particular forma de construção dos tecidos conceituais que o sustentam. Como vimos, a armação das Mediações se alimenta de tradições teóricas e críticas diversas, distintas, não habituais e não hegemônicas. Ela não rejeita aquilo que foi produzido pelos construtos tradicionais utilizados na problematização do

comunicacional, mas estende os conceitos, tomando-os e trabalhando-os de outra maneira. Como vimos, grande parte das ideias e dos ideais aí manipulados não é original (originária de suas entranhas). Muitos deles, como percebemos, foram pensados antes. É, no entanto, original na armação das Mediações a forma de articulação destes conceitos e sua particular maneira de apontar (através deles) as possibilidades de avanço para os estudos do comunicativo.

Neste cartograma, pensar via construto das Mediações significa caminhar por entre as fendas de uma problemática que transborda o comunicativo; significa pensar a comunicação no interior da cultura; e pensar os movimentos culturais como movimentos sócio-históricos de longo alcance. Nesse contexto comunicação solicita um modo amplo de análise; solicita ser pensada a partir da cultura – o que implica também parar de reduzi-la apenas às tecnologias do midiático.

No construto das Mediações, pensar a comunicação envolve pensar as ligações por entre os distintos tipos de Mediações e suas formas de acoplagem. Aí tipo de Mediação tem de funcionar como dispositivo de ajuste social (como lugar, como espaço) e também como programa, como um modelo de integração para análise dos processos comunicativos.

A teoria das Mediações não possui, assim, existência social pura; não existe também (apenas) imersa em situações. É, antes, uma teoria sobre/das situações. Pois, postula justamente o encontro da comunicação, da cultura e da tecnologia com as situações onde ela ocorre/acontece. A armação das Mediações justifica assim a sua empresa por entre as discontinuidades da realidade e postula a necessidade urgente de se ultrapassar as formas de conhecimento que reduzem os fenômenos comunicativos a fragmentos, compartimentando-os em momentos separados. Postula o imperativo de ultrapassar o pensamento alicerçado em uma visão linear e fragmentária do real que limita a visualização dos movimentos processuais do fazer comunicacional.

Na armação das Mediações, o eixo epistemológico aponta que não existe comunicação (nem tecnologia) sem cultura, nem cultura sem comunicação (e

tecnologia); o eixo metodológico, que a problemática da comunicação (e da tecnologia) deve ser situada no lugar de reflexão da cultura; e, o eixo lógico, que não podemos considerar o pensamento acerca do comunicacional (e da tecnologia) acabado ou concluído. Descentralizar e pulverizar (teoricamente) a análise da comunicação inserindo-a na ordem das práticas culturais é talvez o grande legado deste construto, o qual, de modo antecipatório, já sinalizava muitas das questões relacionadas à problemática da comunicação hoje guindadas à categoria de novas.

Por outro lado, também são notáveis os desenvolvimentos contributivos da armação da Mídiação, principalmente acerca daquilo que poderíamos chamar leituras tecnológicas da comunicação. No trabalho de identificação dessas contribuições o ideal, no entanto, não é tomar a completude como parâmetro, pois pode ser mais produtivo buscarmos os espaços de tensionamento da abordagem, sejam eles internos ou externos.

O que fica claro, no entanto, depois do trajeto que percorremos, é que os estudos que manejam com o construto teórico-metodológico da Mídiação precisam ser revisitados, a fim de que se possa emprestar a eles a amplitude de espectro que lhes foi roubada por muitas análises redutoras que alardearam aos quatro ventos a colonização do comunicacional pelo midiático. Cremos dessa forma que um caminho pertinente para os trabalhos desenvolvidos no âmbito da armação da Mídiação talvez seja retornar aos escritos de Muniz Sodré (1998; 2002), além de levar mais a sério a discussão inaugural de Mata (1999) e, assim, devolver aos debates algumas das dimensões que lhes foram escamoteadas.

Os esforços analíticos acerca do fenômeno midiador, patrocinados pela armação da Mídiação, têm assim de tomar os processos sociomidiáticos como *locus* prioritário de análise para que possam voltar frutificar. Em decorrência disso, também precisam relativizar as discussões acerca das materialidades tecnológicas ou midiáticas para, assim, poder avançar com maior propriedade.

Dessa forma, para dar conta da problemática da Mídiação é necessário apostar na centralidade da tecnocultura como problema específico presente na

sociedade contemporânea e nela buscar discutir melhor os processos e estratégias que instauram o chamado “ambiente midiático”, pois assim, quem sabe, não se possa ressituar os olhares e ampliar as formas de abordagem do construto. Neste estágio, no entanto, talvez ainda seja importante continuar a desenvolver estudos que busquem dar conta das distintas estratégias mobilizadas pelo processo midiático, bem como das distintas formas de desenvolvimento e instalação da Midiatização junto às práticas sociais.

Creemos, desse modo, que assim como ocorre no construto das Mediações, também a armação da Midiatização contribui para superar formas tradicionais de análise do comunicativo. Principalmente se considerarmos que a partir do primeiro ordenamento da Midiatização ela consegue se libertar da razão instrumental que inaugura os seus debates – essas contribuições aos poucos vão sendo substituídas e atualizadas. Midiatização, portanto, mesmo partindo da identificação da comunicação para com as mídias, está longe de representar exclusivamente uma abordagem midiocêntrica.

Midiatização, antes, pode ser vinculada a uma visão relacional que justapõe sujeitos e objetos tecnoinformacionais enquanto constituidores de uma nova ambiência – o que amplia e muito as possibilidades de análise dos processos de comunicação. Estes processos, antes circunscritos às problematizações do circuito produção-circulação-reconhecimento, agora dão conta das processualidades contidas na ideia de ecossistema, na ideia de atmosfera comunicativa que a noção de ambiência inaugurada pelo construto pressupõe.

Podemos então, no debate acerca da armação da Midiatização, relacionar a noção de ambiência a uma tentativa de restauração dos estudos do processo comunicacional a partir dos dispositivos midiáticos. O desafio nesse contexto é pensar formas de dar conta, de problematizar, reconhecer e interpretar essas ambiências – sem fragmentar o estudo do comunicativo. Ambiência, portanto, é uma das noções mais ricas desenvolvidas no bojo das discussões acerca da Midiatização. Ela talvez seja um dos contributos conceituais mais significativos de

toda a abordagem em sua forma particular de tratamento do midiático e do comunicacional.

Acreditamos, dessa forma, que investigar a Mídiação disso ou daquilo (da informação econômica ou das práticas religiosas, por exemplo) ainda tem validade, mas diz respeito, de maneira restritiva, apenas ao estudo do espraiamento da lógica midiática por entre os distintos campos sociais – debates característicos da primeira ordem da Mídiação. Aí sim se pode afirmar que o conceito de Mídiação pouco acrescenta ao debate comunicacional.

Por outro lado, investigações que se inspiram na noção de ambiência, e que procuram dar conta do novo ecossistema nela configurado e de sua particular modulação cultural (a tecnocultura), contribuem significativamente para a atualização dos debates do comunicativo – pois nesse contexto as investigações procuram elaborar, difundir ou realizar uma nova concepção de mundo na qual a comunicação tem importância capital. A partir de então, a Mídiação não se refere mais ao processo pelo qual os meios de comunicação exercem influência sobre a sociedade e a cultura. O conceito serve antes para caracterizar uma determinada fase ou situação no desenvolvimento global da sociedade na qual a lógica da mídia exerce uma influência predominante nas demais instituições sociais.

Mídiação é assim um conceito importante no que se refere a um relevante processo de atualização da sociedade atual. Suas discussões servem por isso para descrever procedimentos de longo prazo nos quais diferentes tecnologias de mídia (e seus desenvolvimentos) relacionam-se com as mudanças socioculturais. Nessa construção, a abordagem da Mídiação pressupõe um metaprocesso patrocinado pelos desenvolvimentos contínuos da lógica midiática.

No entanto, o conceito de Mídiação ainda parece preso a uma infinita cadeia de relações, algumas delas já notadas; só não está muito claro ainda como elas trabalham. Alguns dos seus enquadramentos, portanto, continuam subteorizados, pois há inúmeros aspectos de sua problematização que ainda não

foram explicados e acerca dos quais ainda não existe uma definição partilhada. É notório, desse modo, que o conceito de Mídiação e sua armação ainda precisam ser mais bem desenvolvidos, na direção do seu entendimento enquanto processo sociocultural. Porém, ao que parece o processo midiático não representa algo depreciativo do social, como afirmam alguns.

Mediação e Mídiação acabam por re-situar o vasto campo de estudo da comunicação em um ambiente explícito onde interatuam comunicação, cultura e tecnologia. Elas permitem refazer conceitual e metodologicamente os aportes da comunicação; as fronteiras, as vizinhanças e as topografias de estudo do comunicativo. Ambas as teorias nos dão valiosas sugestões para a abordagem investigativa da história comunicacional recente – em grande medida uma história das transformações contemporâneas das sensibilidades coletivas em sua imbricação com a evolução histórica da comunicação.

Nesta lógica, e para compreender melhor ambas as armações, é necessário não somente investigar a comunicação, mas investigá-la a partir dos seus laços e interações; do tecido que a junta ao todo da sociedade. Pois é assim, entranhada em um contexto mais global, que a comunicação pode ser mais bem compreendida.

É inegável, porém, que há muito se esperava da comunicação uma teoria que demarque o seu campo de interesses e que especifique os seus objetos. No entanto, também não se pode negar que não há (e dificilmente poderá haver) limites geográficos claros para o seu terreno. Os debates que aqui apresentamos acerca das armações MED/MID (dos eixos comunicação, cultura e tecnologia) e do que deles resulta também atestam esta máxima. Conforme seus termos, ao que tudo indica, pensar desde a comunicação vai continuar sendo uma tarefa árdua e um tanto nebulosa.

É notável, porém, que mesmo diante dessa nebulosa uma chave lógica significativa parece emergir dos debates patrocinados pelos construtos das Mediações e da Mídiação. Ela dá conta de que, hoje, pensar a comunicação sem seu imbricamento com a cultura e com a tecnologia não é mais possível. Isso

implica irremediavelmente sair do terreno próprio do comunicativo, de seu âmbito teórico-metodológico específico, e focalizar o eixo dos estudos na trama social que os processos comunicativos inauguram. Assumir, assim, em definitivo a espessura sócio-cultural-tecnológica dos processos de comunicação.

Em nossa leitura, tal aproximação comparativa deixa evidente a necessidade de continuar trabalhando na construção de articulações que tornem possível pensar a comunicação como matriz de organização e reorganização da experiência social. Pois só aí a comunicação pode ser tomada como constituída não só por conhecimentos, mas também por desconhecimentos e reconhecimentos. Não só por paradigmas, mas também por posições teóricas distintas e por interpretações sociais particulares que estas distintas armações possam constituir.

As discussões dessa aproximação, e o cartograma que dela resulta, deixam evidentes que a comunicação aparece hoje constituindo uma cena nova. A abordagem da comunicação a partir de então passa a distinguir duas tendências: uma de caráter mais aberto, que toma como objeto a noção de prática comunicacional, e outra mais fechada, que se concentra sobre a noção das processualidades tecnológicas. Vimos, porém, depois dos debates, que estas tendências se confundem e também confundem os limites dos construtos aqui pareados.

Esta aproximação comparativa deixa evidente que, nem Mediação nem Mídiação conseguem estabelecer limites claros para suas armações. Constituem antes zonas de afetação que abrigam determinados pressupostos; e também, quando comparadas, materializam outras tantas zonas de afetação nas quais ambos os construtos e suas tendências de problematização interatuam. Comunicação nesse contexto só pode ser tomada como lugar de cruzamento; como processo social; como parte vital dos processos de mudança social. Só pode ser pensada (operativamente) na pluralidade dos modos de comunicar e como fundamento de todo modo de viver.

Assim, a discussão que daqui emerge materializa, pois, um modelo de análise que se preocupa com a reflexão da comunicação enquanto um fenômeno sociocultural e que não a relaciona simplesmente a uma questão de aparatos, mas também a vincula a uma questão de sujeitos. A aproximação comparativa entre os construtos MED/MID empresta, portanto, os contornos a uma concepção totalizante do processo comunicacional e fornece insumos para problematizar a comunicação em todos os seus níveis de funcionamento e como aspecto geral do processo de produção/reprodução da sociedade.

Este protocolo de aproximação entre Mediações e Mídiação também deixa evidentes as produtivas possibilidades de tratamento da cultura e da tecnologia em sua relação com o comunicativo, sem cair nem em um culturalismo, nem em um midiacentrismo exagerados. Ele ajuda a dar conta (com seus debates) de situações culturais novas que têm encontrado sua expressão teórica mais avançada na compreensão da cultura como uma configuração histórica dos processos e das práticas comunicativas.

Ir além das generalizações e dos tópicos com que se costuma tratar o impacto das tecnologias sobre a cultura e a comunicação é também outro insumo importante que os debates acerca das armações MED/MID, e sua aproximação comparativa, permitem acessar. Tais discussões deixam evidente o papel cada vez mais complexo do tecnológico nas interações sociais, pois esclarecem que a velocidade das mudanças técnicas tem movido constantemente o terreno no qual se apoiam as certezas teóricas do comunicativo, e também deixam visíveis muito do que na incerteza acarreta as mutações no ordenamento cultural que experimentamos.

É notório, no entanto, que os processos de comunicação, sobretudo aqueles tratados pelas armações que manejamos, não se esgotam nos dispositivos tecnológicos. Para bem tratar deles, tais construtos solicitam deslocar o olhar (o ponto de vista) e passar a interrogar a tecnologia a partir de um lugar outro: o lugar dos seus modos de apropriação. Isso porque já não há mais espaço nos debates para a perigosa cisão entre saberes técnicos, comunicacionais e culturais,

nem para a verdadeira esquizofrenia que a separação dessas posições por muito tempo bancou.

A redução do estudo dos processos de comunicação à generalidade da reprodução social, condenando as tecnologias a um irreduzível exterior – dos aparelhos e instrumentos –, não tem, portanto, mais espaço com a ilustração da linha de abordagem patrocinada pelos construtos MED/MID. Nela fica claro que uma coisa é reconhecer o peso decisivo dos processos e das tecnologias de comunicação na transformação da sociedade, outra bem diferente é afirmar a sua enganosa centralidade com pretensões de totalização social. Neste palco amplificado, os debates acerca da tecnologia, para além do instrumento, deixam claro que o surgimento de uma nova técnica interpela o mundo até mesmo daqueles que não se servem diretamente dela.

Não podemos negar, no entanto, que a aproximação comparativa aqui realizada deixa ver que o construto da Mídiação dá maior ênfase em seus debates às processualidades tecnomidiáticas do que à natureza comunicativa da cultura, e talvez esteja aí uma das principais limitações dessa linha de abordagem. Ao mesmo tempo, ela permite vislumbrar que na armação das Mediações o centro dos debates é a natureza cultural da comunicação e seu caráter produtor de significações. Porém, é importante observar também que nessa relação o construto das Mediações parece tratar como simples desordenamento cultural o que na armação da Mídiação é tomado como uma nova ordem de cultura: a tecnocultura – que diz respeito a um novo entorno tecnológico e à ambiência por ele constituída.

É evidente, assim, que a Mídiação, em sua abordagem do comunicacional, foca nos dispositivos tecnológicos, nas suas processualidades e nas questões discursivas que daí emergem. Já o construto das Mediações direciona seu olhar para as práticas cotidianas e as mediações culturais do comunicativo. Dessa forma, alguns podem afirmar que, diferente da armação das Mediações, a Mídiação não estaria preocupada com a relação estabelecida entre comunicação e cultura. Percebemos, contudo, através dos debates aqui realizados,

que esta afirmação não é verdadeira. A Mídiação (assim como a Mediação) se preocupa com a cultura – só que cuida antes de uma modulação particular do cultural, adjetivado em seu escopo como tecnocultura.

Reconhecemos, porém, que em boa parte dos escritos acerca da Mídiação, em especial da Mídiação de primeira ordem, a preocupação com a cultura é secundarizada em nome da discussão do comunicacional via tecnologia e suas processualidades. Ela, no entanto, não é apagada, mas midiada através das discussões da tecnocultura.

Desse modo, embora sendo possível detectar forte influência do midiático nos debates patrocinados pela armação da Mídiação, não podemos simplesmente qualificá-la como midiática (aos moldes de armações tradicionais de problematização do comunicativo). Reconhecemos que a Mídiação tem, sim, no midiático e na informação que passa pelas mídias uma de suas noções motrices, mas isto está longe de significar restrição dos debates somente ao que passa nos aparatos. Na Mídiação, porém, é óbvio que, embora a teoria não se detenha exclusivamente ao problema da informação, seu peso/influência parecem bem mais significativos. Eis então mais uma de suas diferenças para com o construto das Mediações.

Creemos, no entanto, que ambos os construtos, depois de sua aproximação comparativa, alertam para o fato de que estudar comunicação sem atentar para a cultura e a tecnologia não é mais possível (assim como estudar a cultura sem atentar para o tecnológico e o comunicativo). A comunicação, as práticas comunicacionais e suas tecnologias, a partir de então, só passam a fazer sentido na cultura, e a cultura hoje (e cada vez mais) só tem sentido na comunicação.

Diferentemente do que ocorre no tratamento do cultural, a aproximação comparativa entre os construtos MED/MID permite visualizar que na Mídiação o componente histórico é praticamente apagado das discussões. Ao mesmo tempo, ela permite reconhecer que na armação das Mediações a análise histórica é guindada à categoria de método principal de trabalho, pois nela é o modelo da

historicização quem rege a organização dos debates acerca do comunicativo. Esta, portanto, é outra das diferenças entre os construtos MED/MID que emergem de sua análise comparativa.

Convém lembrar, porém, que discutir o comunicacional e o histórico do comunicacional é indispensável à visualização do processo que, subjacente à trama comunicativa, a dinamiza. O pensar histórico ajuda a pensar as totalidades enquanto estruturas complexas, e permite restaurar a importância das conexões e das relações de interdependência no comunicativo ao mesmo tempo em que autoriza a fugir de uma concepção reprodutivista do comunicacional. É, pois, no trato da dimensão histórica que para nós ocorre a fissura entre a discussão das processualidades (na Miatização) e da historicização (nas Mediações). As processualidades podem ser relacionadas às formas de funcionamento das Mediações, mas não às formas históricas de funcionamento das Mediações – falta-lhes o dado histórico.

A visualização da perspectiva histórica empresta a estes processos fluxo contínuo de sentido frente à realidade descontínua e não linear em que vivemos. Estudar, assim, o processo comunicacional como uma ação ininterrupta e simultânea implica na armação das Mediações manter o foco na historicização; e, no construto da Miatização, resgatar a dimensão histórica que lhe é escamoteada. Cremos assim que é somente aí, com a incorporação da dimensão histórica (típica das Mediações) na discussão das processualidades (típica da Miatização) que se pode de fato abandonar uma matriz de estudos sobredeterminada, organizada acerca do conceito de estrutura, e assumir um posicionamento mais complexo que privilegia o estudo das articulações e a análise dos espaços que se abrem ao conceito de prática quando o comunicacional é tematizado.

Essa perspectiva relacional hoje é cara às análises dos processos de comunicação, mas sozinha ela também não se mostra suficiente. Tal linha de abordagem se assenta no pressuposto de que entre os fatos históricos há relações, mas sua construção supõe opções que ficam também a cargo de sujeitos. Isso

estabelece, portanto, a impossibilidade de uma verdade histórica absoluta no comunicativo e, junto com isso, a necessidade de aceitar a multiplicidade de verdades parciais de que está feita a história da/na comunicação.

Outro aspecto diferenciador que emerge na comparação entre os construtos MED/MID é aquele que postula que a Mídiação permite acessar apenas narrativas e não as essências do comunicacional; enquanto a armação das Mediações busca prioritariamente pelas essências, em especial aquelas essências comunicativas do cultural. Isso se explica, de certa forma, pela forte vinculação das abordagens da Mídiação com as análises discursivas. Tais discussões buscam emprestar materialidade a um espaço interpretativo que ocorre sempre entre dois pontos de vista – e desse modo elas permitem acessar primeiro as narrativas, e não as essências. Por outro lado isso também se elucida pela forte vinculação da abordagem das Mediações com as análises culturais nas quais as discussões buscam, ao contrário, localizar essências através do aclaramento da rede de mediações que empresta forma ao comunicativo.

A análise comparativa entre os construtos MED/MID também torna possível reconhecer que, apesar de sua aparente indefinição, os debates nesse contexto realizados oferecem maior flexibilidade para pensar as transformações do comunicativo, o ato concreto da comunicação e o seu contexto social, como um processo de longa duração. O comparativo também indica que na Mídiação o grau de heteronomia do construto é maior. Nas Mediações, por seu turno, o grau de isonomia das construções é mais pronunciado.

No entanto, convém ressaltar que mesmo com essa avaliação ambos os construtos (Mediação e Mídiação) permanecem ainda como chaves explicativas coerentes para o debate do comunicacional – embora eles tenham eventualmente sua pertinência questionada. Obviamente que o maior grau de heteronomia da armação da Mídiação facilita o questionamento de sua potencialidade contributiva, mas isso não significa que ela não serve à interpretação do comunicativo.

Dessa forma, o balanço final do quadro comparativo que aqui procuramos desenhar indica que, na teoria das Mediações, aquilo que empresta força ao debate comunicacional encontra-se na cultura. Já na teoria da Mídiação aquilo que empresta força ao debate cultural (a tecnocultura) encontra-se na comunicação (no midiático da comunicação). Esta é, portanto, uma chave de análise concreta que aponta para o fato de que na Mídiação ocorre quase que uma inversão do ponto de partida das análises (se comparada às Mediações). Essa inversão, mesmo que contraditória, nos parece pertinente, já que possibilita, de maneira complementar, enriquecer os debates no universo comunicacional.

Assim, ao longo do estudo (e ao tentarmos refazer o seu percurso) percebemos que as linhas que separam ambos os construtos (pensando sempre em sua relação com o pensamento comunicacional) são tênues, maleáveis e, por vezes, até inexistentes. Constatamos também que pontos nevrálgicos que poderiam emprestar à armação da Mídiação matizes originais/originários, capazes de distingui-la, já estavam/foram previstos (e problematizados) pelo construto das Mediações; assim como debates importantes à Mediação foram articulados/previstos na armação da Mídiação.

Em decorrência disso podemos afirmar, em última análise, que o padrão de desenvolvimento das referidas abordagens, apesar de distinto, é bastante similar. Os postulados do construto da Mídiação não entram em conflito direto com os da armação das Mediações (e vice-versa). Eles dizem respeito apenas a outra forma de tratamento de fenômenos (comunicacionais). Em resumo, isso significa que apesar de o lugar onde ocorre o debate comunicativo ter mudado bastante com tais postulados, nem Mediação nem Mídiação conseguem construir um escopo que isoladamente possa ser tomado como conjunto absoluto de verdades acerca do universo comunicativo.

Constatamos, portanto, depois da aproximação comparativa dos construtos, que ambos trabalham, sim, para fugir dos particularismos; mas também labutam para escapar da tentação de inaugurar novos e absolutos modelos conceituais para discussão e análise do comunicacional. Ambas as

armações, ao que parece, não buscam construir um programa que sirva a todas as verdades, que sirva a todas as situações por onde o comunicativo passeia. Mediação e Mídiação formam antes dois discernimentos, dois construtos ou armações – realizados cronologicamente em tempos diferentes; em resposta a distintos paradigmas; levados adiante por diversas pesquisas; sustentados por concepções díspares de sociedade; e enformados por desiguais desenhos metodológicos.

A aproximação comparativa dos construtos indica que a armação das Mediações parece ter aberto as discussões do comunicacional para abarcar os espaços onde ela acontece. Já a armação da Mídiação trata especialmente da hegemonização da forma de acontecimento da mídia nestes espaços comunicacionais. Em composição, ambos os construtos oferecem, porém, uma ampla visão do comunicativo e operam em uma extensa redefinição de todo o universo do pensamento comunicacional.

Na aproximação comparativa que propomos MED/MID, apesar de distintos em sua origem e arquitetura, não podem ser tomados como construtos de contornos claramente definidos. Assim, para sua eficiente problematização, não podemos pressupor a existência de uma posição entre para bem visualizá-los. Temos de tomá-los em conjunto para assim emprestar materialidade às suas conexões e desconexões na análise do comunicacional.

Nessa lógica, Mediação e Mídiação configuram armações de sistemas porosos – abertos o suficiente para permitir transformação, incorporação e tradução; e, suficientemente fluidos, para permitir uma grande variação de objetos e objetivos de análise em suas discussões. Assim, fica evidente o itinerário impuro de ambos os construtos. Isso, porém, não impede os progressos efetivos que daí se originam – desde que os pontos de vista admitidos possam ser confrontados com o maior número de fatos relevantes possíveis e, dessa forma, ser capazes de oferecer interpretações mais integrais do mundo comunicacional.

Assim, é notório que algo de importante sobra da perspectiva de análise: Mediação e Mídiação permitem retificar o papel dos meios e atentar para o entorno comunicativo formador do ecossistema comunicacional. Ecossistema que tem a circulação (as interações e os fluxos) como motor.

Esse novo tipo de interação, essa nova arquitetura, reformula os objetos de estudo do comunicativo. Dessa forma, o que fica evidente é que estas armações não passam de feixes de ideias concatenadas – são teorias em procissão e apenas mais duas formas de se pensar o processo de comunicação. Internamente, o que lhes garante coerência não é a existência de um conjunto de regras cristalinas, mas, em vez disso, a existência de uma rede de parecenças, que se justapõem e entrecruzam. Assim, o que a comparação entre os construtos MED/MID evidencia é que temos de continuar trabalhando na tripla fronteira comunicação, cultura e tecnologia (na zona de afetação configurada por elas), se quisermos dar conta de problematizar convenientemente o universo do comunicativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No encaminhamento final das discussões, optamos por resgatar a especificidade de alguns pontos cruciais que caracterizaram o presente debate, além de tentar projetar as implicações da discussão dos construtos das Mediações e da Mdiatização nos estudos comunicacionais. Afinal, compreender melhor estas contribuições na análise efetiva do comunicacional é o fim último da presente proposição.

É importante lembrar, porém, que as questões aqui sinalizadas foram reconstituídas de acordo com um ponto de vista nosso (situado e particular). O guia de leitura aqui constituído é, portanto, uma construção privada, uma arquitetura decorrente de um percurso e de um posicionamento bastante próprio e, apenas, uma das possíveis formas para o ajustamento final das discussões. A pesquisa (e aquilo da pesquisa que é aqui apresentado) é, assim, resultado de um conjunto de decisões tomadas ao longo do processo de investigação, com o seu modelo de apresentação sendo construído no próprio processo de descobrimento.

O cartograma que aqui elaboramos não é, portanto, um mapa exaustivo referente aos pressupostos manejados. É antes um mapa possível acerca das armações MED/MID e seus eixos temáticos. Ele não permite eliminar totalmente as incertezas (nem controlar plenamente as armações), mas, estrategicamente, autoriza a trabalhar com as possibilidades que os construtos oferecem para a discussão do comunicacional.

No cartograma vimos que fica evidente uma série de repetições e reiterações. Estas séries, contudo, indicam as continuidades/descontinuidades da reflexão e configuram um importante recurso para iluminar ângulos diversos da análise e revelar as mudanças/intensificações dos posicionamentos acerca das armações manejadas.

Como descrito nas seções anteriores, aqui preferimos falar de armações teórico-metodológicas, pois, enquanto armações os construtos MED/MID podem ser tomados como espectro; considerados em sua pluralidade de matrizes e também de acordo com a diversidade de suas potenciais formas de combinação. Nessa lógica, a análise comparativa que aqui desenhamos pode ser assumida como um protocolo de aproximação. Um protocolo que, se não é genuíno da América Latina, é tributário de uma matriz latino-americana e brasileira de discussão (uma matriz que toma como importante este particular localizador, este particular espaço cultural de reflexão).

Como vimos, a discussão no entorno dos eixos temáticos comunicação, cultura e tecnologia é central neste trabalho. Nele exploramos algumas trajetórias e admitimos que outros itinerários também poderiam ter sido incorporados aos debates. O propósito de tais escolhas, no entanto, não foi fechar a discussão, mas, antes, permitir aos embates patrocinados pelos dois construtos (MED/MID) emergir com maior nitidez. Este protocolo de aproximação esteve relacionado, portanto, a uma tentativa de abordagem e manejo de ambas as armações em conjunto – em composição com os vazios de suas delimitações e com o interesse de preenchê-los conforme as dinâmicas e as circunstâncias do avançar dos debates.

A presente carta de navegação não postula invalidar as discussões já utilizadas na problematização do comunicacional, muito menos invalidar os contributos isolados das armações Mediação e Midiatização na análise do comunicativo. Antes propõe outra forma de manejá-las, de aplicá-las ao estudo do comunicativo. Tal carta, em última análise, tenta ajudar a passar a limpo dois dos conjuntos teóricos (MED/MID) que buscam ilustrar um tipo especial de prática – a prática comunicacional – e, assim, colaborar para desvendar melhor parte das formas contemporâneas de ler o mundo.

Este cartograma representa uma narrativa possível acerca do protocolo de aproximação aqui estabelecido entre as armações das Mediações e da Midiatização. Ele, a partir de um olhar desde dentro das armações, tenta transgredir o mero balanço bibliográfico (e temático) e busca tratar do que sobra dos construtos para

o estudo do comunicacional. Esta carta estabelece a discussão a partir de uma perspectiva mais ampla que o âmbito específico de cada construto, já que o contexto atual nos remete a outros recortes (a outros referenciais) que indicam que os estudos baseados tanto na ideia de Mediação quanto na ideia de Mídiatização precisam continuar a ser revistos.

Reconhecemos, assim, que nosso trabalho de garimpagem por entre os escritos das armações da MED/MID, apesar de extenso não é completo, nem exaustivo. Obviamente, existe ainda um sem número de materiais que tematizam a questão que não foram acessados ou manejados. Registramos também que temos ciência de que existem, mesmo nos textos acessados, outros nuances que poderiam ter sido destacados. No trabalho optamos, porém, por apresentar aqueles que foram mais recorrentes e que perpassam transversalmente os escritos que cercam tais armações.

Como bem sabemos, esse empreendimento se justifica porque uma análise mais apurada em torno das efetivas contribuições dos construtos MED/MID no pensamento comunicacional ainda estava por fazer. Desse modo, além de clarear mais os pilares dessas armações, as discussões aqui realizadas também ofereceram algumas respostas relacionadas à indagação acerca das consequências de longo prazo destes fazeres teórico-metodológicos.

O cartograma que estas linhas de investigação patrocinam ajuda a dar conta da problematização de outras práticas comunicacionais que somente a partir daí puderam ser visualizadas. Ele ajuda a compreender as mudanças nos modelos de cultura, de comunicação e de tecnologia, em interação com aquilo que acontece no cotidiano das práticas sociais. Sua configuração auxilia na ampliação do espectro de agência do campo de estudos da comunicação. Pois, a partir daí, os quadros teóricos de referência que sustentavam as argumentações acerca do comunicacional puderam ser remontados mediante uma estrutura mais aberta e dinâmica.

Tal mapa acaba assim por gerar um novo espaço de interpretação, um novo campo de preocupações acerca do comunicacional. Dessa forma, ele, via aprimoramento das discussões acerca da MED/MID, transcende os construtos anteriores na medida em que busca articular as experiências que se constituem interativamente entre o cultural, o comunicacional e o tecnológico.

Nele os eixos comunicação, cultura e tecnologia acabam por indicar um percurso razoável para o encontro do que sobra do comunicacional nas armações MED/MID. Conforme seus delineamentos, não faz mais sentido separar, nas análises, comunicação da cultura, nem cultura da tecnologia. O que a aproximação e a apreciação comparativa de tais construtos deixam evidente é que temos de compreender os diferentes usos sociais da comunicação e da tecnologia em conjunto com os seus modos de apropriação cultural.

O cartograma daí resultante ajuda também a comunicação a dialogar de uma nova forma (e ainda mais de perto) com as ciências sociais – o que auxilia a repensar os próprios domínios do campo comunicacional. Ele patrocina o encontro de percursos, procedimentos, modelos, lugares e perspectivas. Mistura pensamentos e gera um sistema de conceitos que permite pesquisar a comunicação nos entrecruzamentos, nas relações, nos contextos, nos conflitos, nos intercâmbios e nas negociações.

Porém, é importante lembrar que as interpretações produzidas com esse mapa não podem ser consideradas como definitivas: pelo contrário, são necessariamente incompletas e temporárias, pois sempre envolvem simplificação, seleção e exclusão. É óbvio, portanto, que esta compósita construção apresenta limites, apresenta lacunas (algumas delas derivadas das próprias lacunas que marcam suas matrizes originárias). De maneira geral podemos afirmar que as noções de Mediação e de Mdiatização ora tornam-se demasiadamente abertas, ora parecem estreitas demais para dar conta das múltiplas dimensões a que se propõe.

Esta carta, portanto, não está livre de zonas de sombra. Ela não apresenta apenas delineamentos claros, mas estabelece pontos de observação que, mesmo

parecendo débeis, têm de ser considerados, já que podem fornecer elementos cruciais para outra matriz de discussão acerca do comunicativo.

Tal cartograma, devido às fragilidades advindas das próprias armações, por vezes tem seu poder de guia comprometido, pois nele ainda somos obrigados a conviver com a flacidez, com a confusão de fronteiras e delimitações, com a prolixidade de seus caracteres. É verdadeiro que tal mapa se encontra permeado por ambiguidades, mas é inegável que aqui experimenta refinamentos, os quais fornecem subsídios importantes para o estudo da comunicação a partir de outro olhar.

Nestes termos, o mapa apresentado auxilia a recondicionar (emprestar outra condição) a análise do comunicacional e ajuda na mudança de eixo nas investigações, no câmbio das perspectivas de análise, a partir das quais a comunicação pode ser estudada em articulação. O cartograma evita dualismos e indica categorias analíticas que permitem tomar os processos comunicacionais em uma zona intermediária. Ele sinaliza, desse modo, um novo modo de fazer saber na/da comunicação; a emergência de um sincrético modelo de pensamento acerca do comunicacional e, com isso, configura linhas de investigação temperadas com certa originalidade.

Sua perspectiva aponta para a necessidade de reconfiguração da análise da comunicação. Suas linhas (seus traços) indicam a possibilidade de conjugar distintos níveis de análise, distintas formas de abordagem das armações MED/MID e diferentes modulações da relação comunicação, cultura e tecnologia. Isto evidencia que as ideias ou os conceitos por ele manejados podem/devem ser situados em um quadro que exige pensar juntos processos e dimensões antes separadas – pensar junto um *continuum* capaz de articular procedimentos de análise oriundos de diversas construções.

No cartograma, Mediação e Mdiatização se manifestam em diferentes graus. É, portanto, um equívoco tomá-los por rotulação como totalidades. Tais armações são o resultado de uma complexa rede de vozes e perspectivas, são

formas de concatenação de ideias, e ideias, como bem sabemos, não são fixas – podem até ser fixadas para fins de análise, mas estão sempre em procissão, em movimento.

Desse modo, na presente abordagem, os construtos das Mediações e da Mídiatização, junto com seus modelos, são tomados como complementares – em complementaridade –, já que a análise comparativa de seus pressupostos aponta para uma conjunção própria que emerge mediante saturação de algumas ideias relacionáveis, por exemplo, aos eixos comunicação, cultura e tecnologia. No cartograma MED/MID nomeiam percursos diferentes, mas correlatos/correlacionáveis. Isto deixa claro que precisamos continuar combinando as contribuições de ambas as linhas para o correto entendimento do comunicacional, já que elas capturam coisas distintas em suas análises.

É, pois, através da problematização destes diferentes ordenamentos, dos modelos de análise das Mediações e da Mídiatização e de suas formulações, que o potencial indicador do presente cartograma pode ser ampliado, contribuindo assim para a renovação efetiva do pensamento comunicacional. Nele renovação não implica terra arrasada, não implica a negação simples dos postulados antes tracejados, mas reconhecimento de certa insegurança honesta diante dos resultados produzidos pelo protocolo de aproximação aqui constituído.

O que é inegável, porém, é que este mapeamento auxilia no reajuste de tais armações e, ao mesmo tempo, ajuda a resolver algumas de suas ambiguidades. Consequentemente, ele fornece aportes mais claros à discussão do comunicativo e propicia formatar uma versão mais coerente (do ponto de vista lógico), mais uniforme e menos equívoca acerca dos contributos dos construtos MED/MID para a análise do comunicacional. Ele propicia, desse modo, o reposicionamento das armações sem esconder a trama flexível de que elas são feitas, o maleável tecido conceitual que as constitui.

O mapa e a experimentação (teórico-metodológica) que sustentam sua configuração ajudam a aprimorar os modelos conceituais das armações da

Mediação e da Mdiatização e auxiliam a compor um protocolo outro para os estudos acerca do comunicacional – com base na complexa trama que a aproximação dos construtos manejados permite acessar. Esse mapeamento sinaliza a necessidade cada vez mais profunda de se desenvolverem abordagens multimetodológicas para o estudo da comunicação, e também confirma a necessidade de aprofundamento do exercício da “crítica epistemológica” acerca do comunicacional – em especial do que tem do comunicacional nos debates das armações Mediação e Mdiatização.

Este cartograma se credencia como uma resposta alternativa possível frente ao arsenal teórico hegemônico no estudo da comunicação, pois a aproximação comparativa que ele arquiteta serve de insumo basilar à construção de um posicionamento teórico-metodológico outro em relação ao comunicacional. Neste protocolo, apesar de identificarmos a permanência de alguns mal-entendidos, também detectamos sugestões importantes que apontam no sentido de repensar as questões comunicacionais em nosso tempo.

Em nossa leitura surgem, a partir daí (do cartograma que apresentamos), os nuances de uma proposta (outra) de problematização do comunicativo que, calcada na (re)localização e no tensionamento dos eixos temáticos das armações MED/MID, pode melhor dar conta da observação integral do comunicativo. Fica evidente assim que o sistema trans-conceitual com o qual trabalhamos no presente protocolo reapresenta, mas não esgota o que de fato se mostra um amálgama de conhecimentos. Ele acaba por construir pontes entre posições diferentes, por investir olhar sobre mundos distintos, mas o que resulta desse olhar é um cartograma de perspectiva contingente (de contingência), que só pode ser bem avaliado em uso e após a sua construção.

No cartograma, para acessar a unidade teórico-metodológica das armações aqui manejadas, temos de admitir, *a priori*, que elas são constituídas por um conjunto de princípios parcialmente sobrepostos, mas, por vezes, também mutuamente inconsistentes. Assim, parece claro que aquilo que emerge do presente debate não é uma receita, uma prescrição. É, antes, um guia, um mapa que

tenta tratar daquilo que deve/pode ser feito na problematização das armações MED/MID sem perder de vista seu ponto de apreensão para com o comunicacional.

Neste mapeamento fica evidente que Mediação e Mídiação não encerram blocos monolíticos de verdades. São construtos teóricos que produzem uma série de conhecimentos contestáveis (localizados e conjunturais), mas que podem/devem ser debatidos de forma dialógica, encarados em um espaço dialógico sintonizado com o movimento histórico presente.

Tal cartograma deixa ver o que parece ser uma das principais contribuições da presente discussão: ele permite acessar a comunicação através do conceito de ecossistema, a partir do ecossistema que ela configura. Com esse ideário as diferenças entre as armações MED/MID são amainadas, o que também ajuda a conferir contornos mais nítidos a outro modelo de problematização – o qual deixa ver novas modulações da relação entre a comunicação, a cultura e a tecnologia e permite situar o meio ambiente comunicativo em relação aos condicionantes históricos, sociais e culturais.

É óbvio, no entanto, que o desenvolvimento das análises nesse sentido é apenas indicado no presente mapa e precisa ser mais bem desenvolvido. cremos, no entanto, que o conceito de ecossistema recupera nas análises parte do debate acerca das práticas de comunicação e da comunicação em processo. Seu ideário potencializa noções como *bios* e ambiência e, além disso, permite tomar a comunicação como um dispositivo configurador macroambiental – permite tratá-la como um dispositivo capaz de construir uma nova atmosfera, na qual novas formas de vida e/ou de viver (banhadas no comunicativo) formam a existência.

Tal incorporação deixa claro que, mesmo depois do delineamento do cartograma aqui proposto, ainda precisamos avançar na análise daquilo que poderíamos chamar de práxis comunicativa; que ainda precisamos prestar mais atenção ao resultado do somatório da teoria com a prática e ao seu fazer consequente – temos de avançar na reconstrução praxica da estrutura conceitual das armações para o bem caminhar das discussões do comunicativo.

Nesse caminho, o mapa estabelecido pode enfim assumir os contornos de uma forma de resposta – de uma atitude de pesquisa que tem por finalidade demarcar certa diferença e clarear marcas próprias de sua distinção e posicionamento. Pois, ele ajuda a reprogramar os construtos MED/MID e a postular o resgate dos vínculos entre os seus pressupostos teórico-metodológicos, devolvendo a estas armações certa organicidade que lhes foi escamoteada e, assim, impeli-las a dar um passo adiante em suas discussões.

Este protocolo, junto com seus resultados, contribui para superar, ao menos no plano ideal (no plano das ideias), as teorias que ainda se apegam às relações mecânicas entre diferentes níveis do processo comunicativo, e ajuda a modificar as perguntas e o lugar das perguntas no estudo do comunicacional. Este mapa empresta maior clareza às armações, às suas particularidades, nas quais é possível intervir a fim de descobrir não só argumentos para criticá-lo, mas também ferramentas para transformá-lo.

É inegável, porém, que este cartograma não dispensa certa dose de pragmatismo. Ele persegue, mesmo de maneira indireta, o esclarecimento de parte dos construtos teóricos manejados no estudo da comunicação e não renega que a teoria que dele emerge ainda continua carreando conflitos por tentar articular, na prática, os estudos das práticas comunicacionais assim como elas são – enquanto práticas de comunicação.

Este mapa, no entanto, apesar dos ordenamentos que propõe, não busca instituir ponto de vista fixo. Busca antes formatar um cartograma mínimo no qual indubitavelmente ainda cabem reelaborações, já que o centro das preocupações dos construtos manejados (os processos comunicacionais) é parte de vivências expostas a um processo contínuo de reconfiguração. Nele, portanto, mais importante que os pontos de chegada são as possibilidades de percurso, pois o conhecimento que nesse contexto potencialmente se revela não se dá por meio da simples aplicação de uma matriz, mas através do seu tensionamento para com outros e distintos construtos.

O conhecer que dessa construção resulta se dá, assim, em processo e exige entrar em turbulência constante com os delineamentos antes estabelecidos. O mapa que banca este conhecer tem de ser tomado não somente através dos seus resultados, mas também dos traços indicados em seu processo de construção. Isso, ao mesmo tempo em que motiva uma atitude (conhecer reconhecendo), instiga o desenvolvimento de outra capacidade avaliativa (do desconhecer como postura epistemológica). Todavia, a gama de resultados que este cartograma revela e, desse modo, torna assimilável é pequena se comparada ao número que nossa imaginação pode conceber. Tais resultados são, contudo, significativos, uma vez que acrescentam algo de abrangência e de precisão à problematização dos construtos aqui manejados.

Com este mapa evidenciamos que o que garante aos construtos MED/MID coerência interna, e também empresta consistência à aproximação comparativa que propomos, não é a existência de um conjunto de regras cristalinas, mas, em vez disso, a existência de uma rede de parencas/ausências, que se justapõem e entrecruzam. O cartograma ajuda a configurar, desse modo, uma nova forma de emprestar ordem aos fenômenos comunicacionais reunidos sob a batuta das armações Mediação e Mdiatização, e deixa claro que está em processo no campo de estudos do comunicacional certo deslocamento da rede conceitual que o sustenta.

Como bem percebemos, as diferenças entre as armações MED/MID são evidentes no mapa que construímos, mas só podem ser visualizadas a partir de um ponto de vista retrospectivo. Tais diferenças, no entanto, não parecem irreconciliáveis, já que ambas as armações tocam-se em sua motivação original de problematizar o comunicativo. Pois, as discordâncias de fundo entre elas não estão relacionadas à esfera dos problemas, mas antes estão ligadas à esfera das soluções e das fórmulas utilizadas nestas soluções.

Suas semelhanças, por outro lado, indicam também que dar esse passo para trás é fundamental para, quem sabe, poder-se ir mais adiante. Sabemos, no entanto, que vivemos tempos complicados para qualquer inferência projetiva, e

talvez por isso este horizonte mínimo de futuro seja ainda mais necessário. Esse horizonte, no cartograma aqui apresentado, está relacionado à possibilidade de estabilização de uma matriz conceitual mais coerente (construída, mas coerente) capaz de manifestar a diversidade de visões acerca do mundo (comunicacional) e das coisas do mundo (comunicacional). Está relacionado à possibilidade de construção de outra matriz ordenadora para os elementos comunicacionais de índole cada vez mais variada e que exigem novas especificações.

Aí as relações entre comunicação, cultura e tecnologia têm de continuar a ser movimentadas de maneira compósita (dentro das armações e entre elas) e junto aos espaços de reconhecimento social, uma vez que é neste espaço que as transformações problematizadas por ambos os construtos se efetivam. É nesse contexto que a trama comunicativa pode ser compreendida, já que, como vimos, tanto as Mediações quanto a Mídiação constituem processos que fazem parte do (mesmo) tecido social.

O cartograma deixa visível que precisamos trabalhar ainda mais para fazer dos estudos de comunicação um lugar de saber que mobiliza outra lógica – a lógica da diferença, do reconhecimento (que privilegia as consequências, toma a comunicação como lugar de ver e abre as investigações a outras possibilidades). Este protocolo e o caminho que ele sinaliza implicam pensar uma nova agenda para as investigações em comunicação.

Diante dessa situação, as análises precisam continuar perseguindo uma interpretação crítica acerca das armações MED/MID e, mesmo apontando no mapa construído as limitações próprias de sua tessitura, devem permitir reconhecer que ambos os construtos fornecem pistas sugestivas para a composição de uma análise outra, de uma articulação que escapa das armadilhas redutoras propostas por linhas “tradicionais” de investigação.

O cartograma aqui delineado tenta produzir um novo tipo de explicação baseada na reinterpretção de observações já conhecidas. Nele se trabalha em um universo distinto, formatado a partir da configuração das armações teórico-

metodológicas das Mediações e da Miatização e da reconfiguração do universo comunicacional que suas discussões patrocinam. Os resultados de sua construção apontam para a ideia de que os construtos MED/MID ainda estão em processo de reajustamento – reajuste este que se faz sentir na aproximação comparativa que aqui realizamos.

Com este cartograma, a interpretação em separado dos dados produzidos por ambos os construtos não é mais recomendável se a tentativa for tornar transparente o que eles representam no debate do comunicacional. Com o mapa fica evidente a necessidade de seguirmos pensando em conjunto os postulados das armações das Mediações e da Miatização. Pois, o que dele resulta ainda é um conjunto de pistas que servem para indagar da trama em que a comunicação se envolve e dos diversos modos em que ela interatua com os entornos cultural e tecnológico. Tais pistas deixam mais transparente que no debate da comunicação, hoje, importa tanto o que nela existe de práticas sociais e processos culturais quanto o que há nela de desenvolvimento tecnológico.

A interpretação comparativa que o mapa propicia, entretanto, ajuda a aprimorar, alargar e clarificar os pressupostos das armações. Nesse sentido, reconhecemos que a interpretação desempenha um papel importante na investigação, pois é através dela que aqui se estabelece o que um dado oriundo de determinado construto representa. Reconhecemos, assim, que embora nossa empresa (interpretativa por natureza) possa não contribuir para corrigir este ou aquele construto teórico, sem dúvida contribui para o seu esclarecimento.

A tentativa de relacionar uma armação a um conjunto de questões e conceitos previamente circunscritos em outro construto resulta, como vimos, na potencial reorientação da própria direção dos debates que orbitam no entorno do comunicacional. O que esta discussão ajuda a construir, portanto, é um conhecimento de natureza significativa que estabelece relações de similaridade com um modo de ver as situações, e não um conhecimento que se traduz em uma lei. Aquilo que resulta desse mapeamento é, pois, um conhecimento tácito que se aprende ao se fazer, e não pelas regras que explicam como se faz.

No entanto, temos de admitir que, de início, procedemos nesta empresa como se fosse possível perceber com certa nitidez as diferenças entre as armações que manejamos. Ao longo do tracejo, porém, percebemos que nem as fronteiras entre os construtos e tampouco a superioridade de um sobre o outro podem ser estabelecidas/provadas. Afinal, os debates acerca de armações teóricas aqui manejadas não podem ser ilustrados com provas lógicas ou matemáticas, pois não há nelas qualquer algoritmo que ateste a pertinência de uma teoria em detrimento da outra.

O que o cartograma deixa ver é de que maneira um conjunto determinado de pressupostos é compartilhado com a finalidade de assegurar a maior pertinência de uns argumentos em relação aos outros. Assim, ele contribui para trazer uma melhor compreensão ao comunicacional, dado que oferece um retrato mais nítido de parte importante do desenvolvimento que o campo da comunicação experimenta via construtos MED/MID.

Como vimos, os fios puxados para tecer a rede georreferencial do mapa que desenhamos vêm de diferentes novelos, mas se encontram, sobretudo, nos eixos temáticos aqui elencados para o debate – comunicação, cultura e tecnologia. Vimos também que, no entanto, esta ainda é uma discussão em andamento. Os construtos aqui manejados revelam uma densa bruma de conceitos, e sua tessitura/estruturação mostra, sob uma aparente organização, inúmeras possibilidades de combinação.

Tal construção, portanto, não é completa nem finalizada. É apenas parte de uma narrativa. Está articulada a um passado, a um presente e a um futuro. Está em permanente evolução – emaranhada em uma conjuntura histórica. Ela, nesse sentido, carrega consigo uma dimensão histórica (mantém um pé no passado), e, ao mesmo tempo, busca discutir novas formas de abordagem relacionadas a valores e práticas emergentes, além de também procurar manejar com o residual – com aquilo que, formado no passado, ainda se encontra na discussão do presente.

O mapeamento e a reconstrução dessa trajetória (teórico-metodológica) não ignora, portanto, o contínuo debate entre posições diversas, o trabalho de transformação dessas posições, nem o rearranjo e a redefinição das diferenças teóricas, pois esses movimentos são reveladores de rupturas e incorporações, as quais, a sua maneira, contribuem para a construção da perspectiva aqui apresentada. Dessa forma, o que a presente articulação deixa evidente é, pois, a possibilidade de constituição de um caminho para o desenvolvimento de abordagens comunicacionais de múltiplos objetos – a possibilidade de construção de abordagens multimetodológicas para o estudo do comunicacional.

Porém, não custa lembrar que os desenvolvimentos teóricos concretos, sejam eles vinculados às armações MED/MID, têm traços distintivos e próprios. Nesses construtos, as descobertas não podem ser descritas de uma maneira uniforme, pois seus modos de proceder são distintos e não podem ser simplesmente transpostos de um construto para o outro. Uma das consequências da tese, nesse sentido, parece ser a de que os êxitos, tanto do construto das Mediações quanto da Midiatização, não podem ser explicados de maneira simples nem serem usados como argumentos para a abordagem de problemas ainda a resolver de acordo com um modelo padrão. Neles, modos de proceder modulares que garantam, *a priori*, o seu sucesso parecem não existir.

Desse modo, o ponto de vista subjacente a este mapeamento não resulta de uma operação do pensamento solidamente planejada, mas de argumentos descobertos ao longo de encontros e desencontros. Assim, os resultados aqui alcançados podem ser tomados como pontos de partida para novas investigações, pois não se tratam de dados acabados, na medida em que se localizam antes dos fatos. Deste modo, mesmo anteriormente reconhecendo uma pretensão pragmática, aqui também admitimos que não podemos fixar os debates das armações manejadas em torno de um mapa definitivo.

Como bem dissemos, tal cartograma não patrocina propriamente a reformulação das armações MED/MID, mas antes o seu esclarecimento. Um esclarecimento que indiretamente contribui para a re-formulação de algumas ideias

acerca do pensamento comunicacional. Esse enfoque resultante da leitura/releitura de proposições teórico-metodológicas antes formuladas sinaliza a possibilidade de construção de um novo modelo de análise – necessário à abordagem das novas práticas de comunicação com as quais hoje nos deparamos. Esta condição exige maior criatividade das decisões teórico-metodológicas e exige atuar em um âmbito onde a incoerência já não assusta – pois é ela que nos interpela cotidianamente.

Creemos, desse modo, que a sinalização que este mapa realiza auxilia na consolidação geral do pensamento comunicacional. Pois, tanto as Mediações quanto a Mídiação, junto com o protocolo de aproximação aqui trabalhado, descrevem em seus postulados uma nova forma de inscrever a comunicação no campo investigativo – um olhar articulador que permite oxigenar os estudos e as perspectivas de análise do comunicacional.

Isso não implica desconhecer as heterogeneidades existentes em cada um destes enfoques. Implica antes admitir que, por trilhas diferentes, Mediação e Mídiação coincidem no desenvolvimento de contribuições singulares, na tentativa de construir uma resposta mais complexa aos estudos da comunicação. O que a presente articulação cartográfica propõe é a reorganização do ideário comunicacional disperso por entre as armações MED/MID, o que, no mínimo, contribui para o seu amadurecimento e melhor sistematização.

Desse modo, o valor da presente proposta advém daquilo que ela sugere – uma nova forma de aproximação para com/entre as armações MED/MID –, pois os construtos com os quais trabalhamos não são objetos com contornos claramente definidos, com propriedades facilmente avaliáveis. Eles carregam consigo doses de indeterminação e de ambiguidade e, por isso, não podem oferecer garantias acerca dos seus resultados – tratam-se, portanto, de sistemas conceituais em transformação.

É importante lembrar, porém, que esse mapa não tenta tornar as armações MED/MID mais claras do que aquilo que sugerem seus materiais (pois foram os

materiais que acessamos que determinaram o conteúdo dos construtos que aqui manejamos). Só que tais registros nos dão (sempre) uma descrição incompleta sobre os fenômenos que versam – e, também por isto, o presente trabalho pode conter lacunas.

A sua lógica, portanto, pode muito bem ser ilógica, quando avaliada do ponto de vista de um sistema outro de lógica formal. Para verificarmos essa possibilidade (eliminá-la ou dar-lhe forma) teremos de examinar os casos concretos aos quais este cartograma se aplica – algo reconhecido como necessário, mas não realizado neste trabalho.

Como bem dissemos, não pretendemos com essa discussão congelar princípios universais. O que realizamos aqui foi construir um mapa que teve como insumo a análise de interpretações – em nome de outra interpretação possível; em nome de uma nova descrição coerente acerca das armações Mediação e Mdiatização. Reconhecemos, desse modo, que em outros cartogramas se pode eleger fatos diferentes ou organizar fatos semelhantes de um modo distinto. Esta é, portanto, uma abordagem contextual que combina duas armações e resulta em um guia, um guia que, ao mesmo tempo, é parte da atividade guiada e é transformado por ela.

Este mapa, assim como todos os outros cartogramas, contém idealizações. Ele serve para indicar um caminho, mas ao mesmo tempo serve para reorientar este caminho na medida em que se avança. É evidente que sua utilização pode trazer dificuldades, mas cremos que é sempre melhor ter disponíveis mapas, mesmo que parciais, do que ter que avançar sem eles.

A promessa (cumprida) do trabalho foi, assim, tentar ler em outra chave, conforme outro cartograma, os debates acerca das Mediações e da Mdiatização e, dessa forma, emprestar maior nitidez à faixa de conhecimento apreensível pelo que neles há do comunicacional – jogar mais luz àquilo que foi feito, àquilo que estamos fazendo e àquilo que ainda precisamos fazer na problematização do comunicativo. É óbvio, portanto, que algo sobra desse debate: sobra o sentido

integral/ integralizador da abordagem que tais armações promovem; o deslocamento centrífugo que elas patrocina; e o alerta à constante necessidade de atualização dos construtos que aspiram a problematizar o comunicacional.

Acreditamos assim que este mapeamento torna evidente uma série de consequências, confirma algumas suspeitas, rechaça outras, e contribui para a desconstrução de parte da mitologia erigida no entorno de certas posições e/ou conceitos relacionáveis a este debate. Ele deixa evidente também que vivemos um contexto geral de alterações na problematização do comunicacional.

Finalmente, ressaltamos que este trabalho cartográfico não tem pretensão de ser original – no sentido de construir uma nova posição absoluta acerca da temática tratada. No entanto, ele busca, sim, apontar pistas (acréscimos) que possam contribuir para a atualização do pensamento comunicacional. É preciso observar, contudo, que as dificuldades de se problematizar construtos teóricos que tematizam o comunicacional ainda são notáveis, e que o que apresentamos neste trabalho pode apenas apontar o caminho para uma descoberta e não revelar uma descoberta *strito sensu*.

Mediação e Miatização, junto com o mapa que sua aproximação comparativa configura, formatam nesse sentido uma região de saber, um espectro constituído por uma grande pluralidade de matizes, e materializam-se como duas formas de conhecimento acerca do comunicacional, desiguais (quanto aos resultados teóricos) mas semelhantes (quanto às operações mentais que supõem). Tais construtos reúnem em torno de si um conjunto de sistemas explicativos e determinada filosofia de produção de ideias – e também por isso podem ser qualificados como armações.

Não tributamos, portanto, aos construtos das Mediações e da Miatização, nem a aproximação comparativa que aqui realizamos, acabamento e finalização. Reconhecemos que elas estão em permanente processo de constituição. Porém, admitimos que na presente pesquisa procuramos manejar com um conjunto

exequível de ideias, trabalhadas de maneira organizada e renovadora, e acerca delas buscamos elaborar um mapa, uma narrativa possível acerca dessas questões.

Desse modo, no balanço final das discussões, podemos afirmar que o que os construtos MED/MID têm de mais particular é sua própria forma de tratar comunicação, cultura e tecnologia; que o seu grau de similitude é relativo e que há neles mais conexões do que se presume em uma leitura apressada de suas armações. As contribuições desses construtos, junto com a originalidade de suas problematizações, são, portanto, inegáveis. Também são visíveis (e proeminentes) os frutos que tais armações permitem colher na seara dos debates acerca da comunicação. Desta maneira, estas linhas de investigação autorizam a reconstruir, com reforços nos alicerces, um conjunto de posições que ajudam a compreender de outra maneira o papel da comunicação na sociedade.

Se, por um lado, isso impede de falarmos em plena identidade teórica entre essas reflexões, por outro autoriza-nos a identificar inúmeras afinidades entre as armações. Nota-se entre os escritos manipulados, efetivamente, certa unidade na diferença. Desse modo, não postulamos que este mapa disponha do rigor teórico necessário ou da consistência lógica e conceitual para ser tomado como um modelo. Porém, acreditamos que ele sugere uma nova e produtiva forma de aproximação entre as armações das Mediações e da Mídiatização e que pode, sim, ser revelador de importantes questões sobre o comunicativo. Ele nos fornece um itinerário (um mapa) que, para sua validação, precisa ser percorrido, manipulado, desenvolvido e alterado. Cremos, porém, que é justamente daí que vem o seu valor.

## REFERÊNCIAS

- AGGER, Ben. **Cultural studies as critical theory**. London: The Flamer Press, 1992.
- BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Gallimard, 1974.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRAGA, José Luiz. Midiatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda. (Orgs.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIAS, Paulo da Rocha; MENDEZ, Rosemary Bars. Da semiologia à antropologia: a comunicação como 'espacio'. In: MARQUES DE MELO, José; ROCHA, Paulo. **Comunicação, cultura e mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero**. São Bernardo do Campo: Umesp, 1999.
- DUARTE, Gustavo León. **Escola latino-americana de comunicação: a nova hegemonia**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2007.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FABBRI, Paolo. **El giro semiótico**. Barcelona: Gedisa, 1999.
- FAUSTO NETO, Antônio. Comunicação e modos de compreensão: a recepção da Aids pela literatura de cordel. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO E SAÚDE, 7, 2001, Vitória. **Anais**. Vitória: UFES, 2001.
- FAUSTO NETO, Antônio. O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. **Anais**. Salvador: UFBA, 2002a.
- FAUSTO NETO, Antônio. Processos midiáticos e construção das novas religiosidades: Dimensões discursivas. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 3, p.151-164, 2002b.

FAUSTO NETO, Antônio. O deslocamento do boné. **Revista ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v.06, n.01, p.13-23, 2003.

FAUSTO NETO, Antônio. A religião teleterapeutizante: discursividades dos templos midiáticos. **Revista Fronteiras**. São Leopoldo. v.06, n.02, p.25-46, 2004.

FAUSTO NETO, Antônio. Enunciação jornalística entre dispositivo e disposições. In: COMPÓS, 14, 2005, Niterói. **Anais**. Niterói: UFF, 2005a.

FAUSTO NETO, Antônio. O jornalismo e os limites da representação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2005, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: UFRGS, 2005b.

FAUSTO NETO, Antônio. Enunciando realidades ou os modos de fabricação da realidade midiática? (A propósito de Laden, a santa e o doente). **Revista comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 2, n.4, p.29-48, 2005c.

FAUSTO NETO, Antônio. Observações sobre a midiaticização da campanha eleitoral de 2006. **Revista Galáxia**. São Paulo, v. 1, p.13-27, 2006a.

FAUSTO NETO, Antônio. Midiaticização: prática social, prática de sentido. In: COMPÓS, 15, 2006, Bauru. **Anais**. Bauru: Unesp, 2006b.

FAUSTO NETO, Antônio. O discurso político entre recusas e controles das estratégias enunciativas midiáticas: observações sobre a midiaticização da campanha eleitoral de 2006. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 11, p.143-165, 2006c.

FAUSTO NETO, Antônio. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. **Revista Diálogos Possíveis**. Salvador, p.07-27, 2007a.

FAUSTO NETO, Antônio. Enunciação, auto-referencialidade e incompletude. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n.34, p.78-85, 2007b.

FAUSTO NETO, Antônio. Enunciação midiática: das gramáticas às zonas de pregnancies. In: SEMINÁRIO MIDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS: Aspectos Metodológicos, 1, 2008, São Leopoldo. **Anais**. São Leopoldo: Unisinos, 2008a.

FAUSTO NETO, Antônio. Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.5, n. 1 p.109-121, 2008b.

FAUSTO NETO, Antônio. Escrituras sobre a enunciação jornalística. **Revista Comunicação e Espaço Público**. Brasília, v.11, n.1 e 2, p.51-66, 2008c.

FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* (Orgs.). **Midiaticização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008d.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. **Revista Matrizes**. São Paulo, v. 1, p.89-105, 2008e.

- FAUSTO NETO, Antônio. A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim. **IHU online**. São Leopoldo, v.1, n.289, p.16-18, 2009a.
- FAUSTO NETO, Antônio. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação. In: COMPÓS, 18, 2009, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 2009b.
- FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* (Orgs.). **Mediatização e processos sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010a.
- FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação. **Revista ALCEU**. Rio de Janeiro, v.10, n.20, p. 55-69, 2010b.
- FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Orgs.). **Mediatización, sociedad y sentido**. Rosario: UNR, 2010c.
- FELINTO, Erick. **Passeando no labirinto**: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.
- FERREIRA, Jairo. Um caso sobre a midiatização: caminhos, contágios e armações da notícia. In: FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* (Orgs.). **Mediatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.
- FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula. Midiatização e poder: a construção de imagens na circulação intermediática. In: TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa (Org.). **Mídia, Cidadania & Poder**. Goiânia: Facomb, 2011.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**: edição revista. Lisboa: Relógio D'Água, 1993.
- FOX, Elizabeth. Media and culture in Latin America. In: CORNER, J.; SCHLESINGER, P; SILVERSTONE, R. (Orgs.). **International media research**: a critical survey. London: Routledge, 1997.
- GALIMBERTI, U. **Psiche e Techne**: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor; RONCAGLIOLO, R. **Cultura transnacional y cultura populares**. Lima: IPAL, 1988.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. **Social theory and modern sociology**. Stanford University Press: Stanford, 1987.

GOMES, Pedro Gilberto. **A filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. O processo de midiatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade – a relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* (Orgs.). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

GOMES, Pedro Gilberto. **Da igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Edições Paulinas, 2010.

HALL, Stuart. Culture, community, nation. In: **Cultural Studies**, n.7, p.349-363, 1993.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.) **Representation: cultural representation and cultural signifying practices**. London: Sage Publications, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HEPP, Andreas; *et al.* (Eds.). **Connectivity, networks and flows: conceptualizing contemporary**. New York: Hampton Press, 2008.

HJARVARD, Stig. The mediatization of society: a theory of the media as agents of social and cultural change. **Nordicom Review**, n.29, v.2, p.105-134, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

KELTNER, John W. Mediation, towards and civilized system of dispute resolution. In: NATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION, 7, 1987. **Anais**. 1987.

KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

LASCH, Scott. **Critica de la información**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

- LUCHESSI, Lila. Transdisciplina e multimetodologia: chaves para abordagem da midiatização em culturas hipermediatizadas. In: FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* **Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.
- LUHMANN, Niklas. **A nova teoria dos sistemas**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- LUHMANN, Niklas. **A improbabilidade da comunicação**. Lisboa: Paisagens, 2001.
- LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.
- LUNDBY, Knut (Ed.). **Mediatization: concept, changes, consequences**. New York: Peter Lang, 2009.
- MALDONADO, Alberto Efendy. **Pesquisa teórica em comunicação na América Latina** – estudo de três casos relevantes: Verón, Mattelart e Martín-Barbero. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), São Paulo: ECA-USP, 1999.
- MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* **Metodologia de pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las prácticas. **Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales**, n.1, p.9-18,1990.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pensar la sociedad desde la comunicación: un lugar estratégico para el debate de la modernidad. **Revista Dia-Logos de la Comunicación**, n.32, p.28-34, 1992.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación fin de siglo. **Revista Telos**, n.47, p.58-64, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Lo que la investigación latinoamericana debe al Brasil: relato personal de una experiencia intercultural. In: LOPES, Maria Immacolata V. (Org.). **Vinte anos de ciências da comunicação no Brasil: avaliações e perspectivas**, Santos: Intercom, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Senac, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver medios y mediaciones. **Signo y pensamiento**, n.41, v.21, p.13-20, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Cultura y nuevas mediaciones tecnológicas en América Latina**: otras visiones de la cultura. Bogotá: Andrés Bello, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades y alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis (Org.). **Sociedade mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Projetos de modernidades na América Latina. In: DOMINGUES, J.M; MANEIRO M. (Orgs.). **América Latina Hoje**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnología, comunicación y cultura: un estratégico lugar de la comunicación iberoamericana. **Cuadernos de comunicación e innovación**, n.81, p.80-82, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Sociedad y comunicación. **ECaminos**: revista cubana de pensamiento socioteológico, n.55-56, p.109-114, 2010.
- MARTÍN SERRANO, Manuel. **La mediación social**. Madrid: Akal, 2008.
- MATA, Maria Cristina da. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación**, n.19, p.80-91, 1999.
- MAZZOLENI, Gianpietro; SCHULZ, Winfried. Mediatization of politics: a challenge for democracy? **Political Communication**, n.16, v.3, p.247-261, 1999.
- McQUAIL, Denis. **Mass communication theory**: an introduction. Londres: Sage Publications, 1983.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORLEY, David. **Televisión, audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- MOUILLAUD, M. **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- MUNIZ SODRÉ. **O monopólio da fala**: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1977.
- MUNIZ SODRÉ. **Reinventando la cultura**: la comunicación y sus productos. Barcelona: Gedisa, 1998.

- MUNIZ SODRÉ. **Campo da comunicação**: caracterização, problematizações e perspectivas. João Pessoa: Editora UFPB, 2001.
- MUNIZ SODRÉ. **Antropológica do espelho**: por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MUNIZ SODRÉ. **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MUNIZ SODRÉ; CAPPARELLI, Sergio; SQUIRRA, Sebastião (Orgs.). **A Comunicação Revisitada**. Livro da XIII Compós 2004. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MUNIZ SODRÉ. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MUNIZ SODRÉ. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **Revista Matrizes**, v.5, p.11-27, 2012.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Recepción televisiva y mediaciones: la construcción de estrategias por la audiencia. **Cuadernos de comunicación y prácticas sociales**, n.2, p.69-88, 1994.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Televisión, audiencias y educación**. Buenos Aires: Norma, 2001.
- PARDO, Neyla. A análise crítica do discurso: perspectivas metodológicas para abordar o discurso multimodal no You Tube. In: FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* **Midiatização e processos sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.
- QUIÑONES, Beatriz. Pesquisa em mídia: apontamentos sobre o desenho metodológico. In: FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* **Midiatização e processos sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.
- RABELO, Desirée Cipriano. Da linguagem às mediações. In: MARQUES DE MELO, José; ROCHA, Paulo. **Comunicação, cultura e mediações**: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp, 1999.
- REGUILLO, Rossana. Rompecabezas de una escritura: Jesús Martín-Barbero y la cultura en América Latina. In: REGUILLO, Rossana; TOSCANO, María Cristina L. (Orgs.). **Mapas nocturnos**: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero. Bogotá: Siglo del Hombre, 1998.
- RODRIGUES, Adriano D. O campo dos mídias. In: SANTANA, Raimundo (Org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Teresina: Revan, 2000.
- RODRIGUES, Adriano D. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.
- RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

- RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria crítica da sociedade**. Porto Alegre, Edipucrs, 1999.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SCHULZ, Winfried. Reconstructing mediatization as an analytical concept. **European Journal of Communication**, v.19, n.1, p.87-101, 2004.
- SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. In: SOUSA, Marcos Wilton de. **Recepção mediática e espaço público**: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer**: como pesquisar e escrever textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- STRÖMBÄCK, Jesper. Four phases of mediatization: an analysis of the mediatization of politics. **International Journal of Press/Politics**, n.13, p.228-246, 2008.
- VALDETTARO, Sandra. Midiatização e multidões: reflexões sobre os vínculos entre sociossemiótica e filosofia política na atualidade. In: FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* (Orgs.). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.
- VALDETTARO, Sandra. Estudos de interface: por uma metodologia sensível à “pauta que conecta”. In: FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* **Midiatização e processos sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.
- VERÓN, Eliseo. **La semiosis social**: fragmentos de una teoría da discursividad. Barcelona: Gedisa, 1996.
- VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la Comunicación**, n.48, 1997.
- VERÓN, Eliseo. Semioses de la mediatización. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL MÍDIA E PERCEPÇÃO SOCIAL, 1, 1998, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- VIZER, Eduardo Andrés. Midiatização e (trans)subjetividade na cultura tecnológica: a dupla face da sociedade midiatizada. In: FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* (Orgs.). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

VIZER, Eduardo Andrés. Mundos da vida mediados. In: FAUSTO NETO, Antônio; *et al.* **Midiatização e processos sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.

WILLIAMS, Raymond. The analysis of culture. In: BENNET, Tony; *et al.* (Orgs.). **Culture, ideology and social process**: a reader. London: The Open University, 1989.

WILLIAMS, Raymond. Culture is ordinary. In: GRAY, Ann; McGUIGAN, Jin (Orgs.). **Studying culture**: an introductory reader. London: Arnold, 1993.